

BRUNO CESAR CURSINI

ROMANCE, AUTOBIOGRAFIA E MODERNIDADE NAS  
SEMINOVELAS DE GILBERTO FREYRE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
2019

**BRUNO CESAR CURSINI**

**ROMANCE, AUTOBIOGRAFIA E MODERNIDADE NAS SEMINOVELAS  
DE GILBERTO FREYRE**

Dissertação apresentada para  
obtenção de título de Mestre no  
Programa de Pós-graduação em  
História da Universidade Federal de  
Uberlândia (PPGHIS-UFU)

Linha de pesquisa: História e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Sá  
Avelar

Uberlândia – MG  
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

C977r Cursini, Bruno Cesar, 1988-  
2019 Romance, autobiografia e modernidade nas seminovelas de Gilberto  
Freyre [recurso eletrônico] / Bruno Cesar Cursini. - 2019.

Orientador: Alexandre de Sá Avelar.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em História.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.698>  
Inclui bibliografia.

1. História. I. Avelar, Alexandre de Sá, 1975- (Orient.) II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
História. III. Título.

CDU: 930

---

Gerlaine Araújo Silva - CRB-6/1408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

## ATA DE DEFESA

Programa de Pós-Graduação em:	<b>História</b>				
Defesa de:	<b>Dissertação de Mestrado Acadêmico, número 374, PPGHI</b>				
Data:	Treze de Junho de dois mil e dezenove	Hora de início:	<b>15:00</b>	Hora de encerramento:	<b>18:00</b>
Matrícula do Discente:	<b>11712HIS002</b>				
Nome do Discente:	<b>Bruno Cesar Cursini</b>				
Título do Trabalho:	<b>Gilberto Freyre e a escrita da ficção: (re) interpretando suas duas seminovelas</b>				
Área de concentração:	<b>História Social</b>				
Linha de pesquisa:	<b>História e Cultura</b>				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	<b>Entre tradição e inovação: O IHGB e a questão biográfica (1890 - 1940)</b>				

Reuniu-se no Anfiteatro/sala 1H48, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em **História**, assim composta: Professores Doutores: **Ana Flavia Cernic Ramos - UFU ; Fabiana de Souza Fredrigo - UFG (professora participou por web conferência); Alexandre de Sá Avelar** orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). **Alexandre de Sá Avelar**, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

**Aprovado(a).**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Flavia Cernic Ramos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/06/2019, às 08:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Fabiana de Souza Fredrigo, Usuário Externo**, em



28/06/2019, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre de Sá Avelar, Membro de Comissão**, em 06/07/2019, às 01:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1346527** e o código CRC **9CE3EA0A**.

*Dedico este trabalho a minha Avó materna, a eterna Madrinha*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à UFU, em especial ao PPGHIS, pela fé no meu trabalho e pela oportunidade.

Agradeço à minha família pelas diversas formas de apoio e pela paciência.

Agradeço ao meu orientador, Alexandre de Sá Avelar pelas indicações, correções e por todo o encaminhamento que proporcionou a esta pesquisa.

Agradeço à CAPES pelo financiamento pontual, sem o qual este trabalho não teria sido possível.

Agradeço às bancas: de qualificação e de defesa. As leituras atentas e os apontamentos cuidadosos foram essenciais. Obrigado, portanto, Lainister, Ana Flávia, Alexandre e Fabiana.

Agradeço aos professores cujas disciplinas acompanhei: Rodrigo, André, Mônica e Ana Flávia na UFU e Marcos Sorrilha, na UNESP Franca. De todos colhi finos ensinamentos que figuram nas páginas a seguir.

Agradeço ao grupo de estudos Historiar, e em especial às professoras Márcia Naxara, Virgínia Camilotti e Marisa Saenz Leme por todas as indicações de textos e discussões enriquecedoras.

Agradeço ao professor Wilton Silva, pela abertura, disponibilidade e pelas sempre muito proveitosas discussões acadêmicas. Foi um grande guia dos meus primeiros passos.

Agradeço aos amigos do apartamento 103 pelos dois anos fantásticos dividindo a casa e por toda a parceria.

## RESUMO

Este trabalho pretende uma interpretação dos dois romances de Gilberto Freyre – as seminovelas *Dona Sinhá e o Filho Padre* e sua sequência *O outro amor do Dr. Paulo* – e faz isso em três eixos: Examinando o que há neles de romanesco, de autobiográfico e de ensaístico. Os textos dos romances são contextualizados historicamente, cotejados com eventos da vida de Freyre e com outras de suas obras. Procuramos identificar quais temas são mais recorrentes nestes romances, e de que forma tais temas são abordados. Desta maneira, buscamos apontar se as seminovelas estão em consonância com o restante do *corpus* Freyreano ou se constituem uma fração peculiar deste *corpus*. Também procuramos estabelecer um entendimento sobre a forma com que a escrita ficcional de Freyre se relaciona com sua escrita da história. Buscamos compreender como Freyre se utiliza da literatura para representar o Brasil, ao mesmo tempo que para refletir sobre a problemática questão da escravidão, preconceito racial e a situação do negro em nossa sociedade. Freyre também parece incluir em sua literatura um plano de resgate da figura de José de Alencar, que ele elege como interlocutor privilegiado nas seminovelas. Investigamos como e por quais razões se inicia esse resgate, e como a ele também se relaciona a necessidade de se pensar a escravidão para, a partir disto, pensar as possibilidades de nossa civilização.

**Palavras-chave:** Gilberto Freyre, seminovelas, literatura, autobiografia, José de Alencar.

## ABSTRACT

This work intents an interpretation of Gilberto Freyre's two novels – the seminovels Mother and son: a Brazilian tale and its sequel, *O outro amor do Dr. Paulo* – and do so in three major axes: Examining what is in them of novelistic, of self-biographical and of essayistic. The texts of the novels are historically contextualized, compared with major events in the author's life and with other of his works. We tried to identify which motives appear more often in these novels, and how they are approached. In this way, we try to establish if the seminovels are in accord with the remaining of Freyre's *corpus* or if they are a peculiar portion of this same *corpus*. We also try to set an understanding about the way Freyre's fictional writing relates to his writing of History. We seek to understand how Freyre uses literature to represent Brazil, and at the same

time to think about the complex slavery question, about racial prejudice and about the place of black people in our Society. Freyre also seems to include in his literature a plan to recover the image of José de Alencar, that he chooses as a privileged interlocutor in the seminovels. We investigate how and why such a recovery is attempted by Freyre, and how this is also related to the need to think on slavery to then think the possibilities of our civilization.

**Key words:** Gilberto Freyre, seminovels, literature, self-biography, José de Alencar.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>p. 6</b>
<i>Materiais e métodos .....</i>	<i>p. 8</i>
<b>CAPÍTULO I – OS SENTIDOS DA ESCRITA ROMANESCA</b>	
<b>FREYREANA.....</b>	<b>p. 12</b>
<i>1.1 Autor, narrador ou personagem?.....</i>	<i>p. 12</i>
<i>1.2 Alguns impasses</i>	
<i>classificatórios.....</i>	<i>p. 17</i>
<i>1.3 A busca pelo saber da literatura.....</i>	<i>p. 23</i>
<i>1.4 O legado intelectual herdado e redistribuído.....</i>	<i>p. 41</i>
<i>1.4.1 As disputas pelo passado.....</i>	<i>p. 45</i>
<i>1.5 Um plano de longa data.....</i>	<i>p. 50</i>
<b>CAPÍTULO 2 – O FAZER-SE (AUTO)BIOGRÁFICO DE UM</b>	
<b>ESCRITOR.....</b>	<b>p. 56</b>
<i>2.1 A busca pelo pacto autobiográfico.....</i>	<i>p. 56</i>
<i>2.1.2 Criação versus reminiscência.....</i>	<i>p. 60</i>
<i>2.2 Gilberto Freyre, o biografismo e o autobiográfico.....</i>	<i>p. 79</i>
<i>2.2.2 A construção do escritor na</i>	
<i>autobiografia.....</i>	<i>p. 86</i>
<b>CAPÍTULO 3 – O ENSAIO, A CIDADE E A</b>	
<b>MODERNIDADE.....</b>	<b>p. 90</b>
<i>3.1 cidade e modernidade como temáticas centrais do ensaio</i>	
<i>freyreano.....</i>	<i>p. 92</i>
<i>3.1.2 A civilização dos trópicos.....</i>	<i>p. 101</i>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>p. 114</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>p. 117</b>

## INTRODUÇÃO

O trabalho que se segue pretende analisar, historicamente, a prosa de ficção de Gilberto Freyre. Estritamente, este material é formado por três contos, reunidos por Edson Nery da Fonseca em *Três histórias mais ou menos inventadas*<sup>1</sup>, e dois romances, as seminovelas *Dona Sinhá e o Filho Padre*<sup>2</sup> e *O outro Amor do Dr. Paulo*.<sup>3</sup> Tangencialmente, pode-se alegar que um livro como *Assombrações do Recife Velho*<sup>4</sup>, uma compilação de narrativas folclóricas pernambucanas, coletadas em arquivos policiais e fontes orais, também consiste numa espécie de obra ficcional. Embora tal livro e a coletânea de contos figurem em nosso trabalho, os limites para a realização da pesquisa fizeram com que optássemos por circunscrever nossa análise, sobretudo, aos dois romances. Por si sós, tais livros rendem um vasto debate, e possibilitam a articulação de algumas hipóteses consistentes: por um lado, devido à sua riqueza intrínseca como fonte para a história da literatura e do pensamento social brasileiros; por outro, em decorrência da extensa bibliografia que trata deles. A existência de tal bibliografia – sobretudo na área de estudos literários, sob a forma de artigos e teses – demonstra a relevância do tema. Observamos, porém, que a atividade de Freyre como ficcionista recebeu pouca ou nenhuma atenção por parte dos historiadores. Dada a maneira particular com que este autor sempre procurou narrar o passado, as aproximações sugeridas, por diversos estudiosos, entre a obra ensaística dele e a literatura de escritores como Proust, Joyce, Euclides da Cunha, entre numerosos outros, acreditamos ser válida uma investigação mais acurada sobre seus procedimentos como romancista, utilizando-nos, para tanto, do aporte teórico e metodológico, assim como das perspectivas particulares, que a historiografia oferece.

Dentre os trabalhos que tratam especificamente da ficção de Gilberto Freyre, o pioneiro e mais exaustivo é *A imaginação do real*, de Edilberto Coutinho.<sup>5</sup> Trata-se de um trabalho realizado originalmente como tese de estudos literários na UFRJ e publicado como livro na década de 1980. Coutinho realiza um balanço de toda a recepção crítica das seminovelas, por

---

<sup>1</sup> FREYRE, Gilberto. *Três histórias mais ou menos inventadas*. Brasília: Editora UNB; São Paulo: imprensa oficial, 2003

<sup>2</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

<sup>3</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: Seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

<sup>4</sup> FREYRE, Gilberto. *Assombrações do recife velho*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

<sup>5</sup> COUTINHO, Edilberto. *A imaginação do real: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. É necessário observar que, em 1952, Coutinho contou com um prefácio de Freyre para sua coletânea de contos. O tom elogioso do prefácio de Freyre é retribuído por Coutinho em sua análise, o que denuncia um certo compadrio entre os dois. Ver FREYRE, Gilberto. *Prefácios desgarrados, vol II.* Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1973, p. 827-8.

parte de outros escritores e em jornais estrangeiros. Parte destas informações está reproduzida nos capítulos seguintes, e se não tratamos mais detidamente de algumas delas é por que consideramos desnecessário repetir o trabalho já feito por Coutinho. A hipótese principal deste estudioso gira em torno das relações entre a ficção de Freyre e do escritor francês André Gide, e, a partir disto, da ideia de que Freyre emprega, nas seminovelas, a técnica de representação *en abymeé*, colocando “textos dentro de textos”, assim como alguns pintores, como van Eiek ou Vermeer, colocavam “quadros dentro de quadros”.

Da produção mais recente, temos a tese de Carmen Fátima Henriques da Matta, *Gilberto Freyre e a Literatura Em Torno de Seu Ensaísmo, Ficções e Método Interpretativo*.<sup>6</sup> Da Matta pretende – declaradamente - seguir a via aberta por Coutinho; faz algumas ponderações interessantes acerca das relações entre as seminovelas e outros trabalhos de ficção da mesma época, além de dar atenção aos influxos que a produção textual de Freyre recebeu de José de Alencar e do romantismo literário, tópico que se mostrou de crescente interesse para nós no progresso desta pesquisa. Da Matta recorta três eixos em seu trabalho: o manancial romanesco freyreano; sua produção ficcional em mediações com o pensamento hispânico e, por fim, a crítica de Freyre voltada para a literatura, a qual Da Matta vê mais como herdeira do pensamento de Sílvio Romero do que como propriamente inovadora.

O ponto que estes autores insistem em ignorar – mesmo DaMatta, que tem o mérito de observar a estreita relação entre as seminovelas e José de Alencar – é a tentativa que Freyre faz de representar uma sociedade ideal, aonde os conflitos raciais se diluem em uma doce harmonia, ao mesmo tempo em que busca valorizar os laços de subordinação, que devem ser preservados como matriz identitária de nossa sociedade. Esse discurso, uma constante no pensamento Freyreano, ganhou vigor em seus escritos da maturidade. Mais especificamente, Freyre parece iniciar um resgate da figura de José de Alencar a partir de 1955 – pouco tempo após os resultados decepcionantes do projeto UNESCO -, e as seminovelas podem ser encaradas como parte deste resgate. O pensamento de Alencar estava repleto de elementos que a Freyre era interessante trazer a baila: críticas a emancipação levada a cabo pelo estado; fé na generosidade do caráter senhorial brasileiro, desdém pela modernidade ocidental burguesa contraposto a uma quase adoração aos valores herdados do passado colonial. O que nosso trabalho propõe, em contraste com a bibliografia anterior que trata do mesmo assunto que o nosso, é uma investigação destes elementos. Em diversos aspectos, nossa avaliação é inicial e lacunar.

---

<sup>6</sup> DA MATTÀ, Carmen Fátima Henriques. *Gilberto Freyre e a literatura: em torno do seu ensaísmo, ficções e método interpretativo*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

Trabalhos como o de Coutinho E DaMatta são teses, e dispuseram de muito mais tempo para serem elaborados. Esperamos, porém, que nosso trabalho chegue ao ponto de indicar um caminho de estudo que, mesmo em meio a uma farta bibliografia que nos antecede, continua pouco explorado.

No que diz respeito às relações da obra de Gilberto Freyre com a literatura nacional, nos amparamos bastante no livro de Fernando Nicolazzi, *Um estilo de história*.<sup>7</sup> Nicolazzi analisa a interlocução textual entre *Casa-grande & senzala* e *Os sertões* de Euclides da Cunha, entendendo o primeiro grande ensaio sociológico de Freyre como uma resposta discursiva elaborada para contornar as bases lançadas por Euclides da Cunha como autor da narrativa máxima de análise e construção do *ethos* nacional. Uma das perguntas que nosso trabalho pretende sugerir é se uma interlocução textual igualmente significativa não existiria entre Freyre e Alencar. Sugerir uma questão, mais do que responde-la, pois de fato, embora o paralelo entre Alencar e Freyre surja em nosso trabalho, ele é mais um assunto a ser desenvolvido do que matéria acabada de nossa análise.

Fez-se necessária a apreciação de biografias de Gilberto Freyre, sobretudo para o cotejamento com o material autobiográfico de que nos ocupamos. Há uma grande quantidade de trabalhos neste sentido, e houve necessidade de seleção. Optamos por privilegiar o livro de Maria Lúcia Pallares Burke: *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*.<sup>8</sup> A autora realiza um valioso trabalho de inventário na biblioteca pessoal de Freyre, assim como um exame da marginália deixada por ele em diversos exemplares, explora a relação de Freyre com muitos literatos ingleses, e, em alguns pontos, se ocupa das seminovelas. O aproveitamento destas informações se mostrou bastante rico para nossa pesquisa, especialmente tendo em vista que os trabalhos anteriores que versam sobre a ficção de Freyre ainda não dispunham delas. Pallares-Burke lança luzes sobre a relação de Freyre com os românticos ingleses, e com autores como o obscuro Hermann Sudermann, um nome, como veremos, importante para compreender a incursão de Freyre na ficção.

### ***Materiais e métodos***

Dada nossa escolha de trabalho com fontes literárias, também nossa busca pelo método percorreu aqueles autores que tiveram que lidar com material semelhante. Nicolau Sevscenko

---

<sup>7</sup> NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

<sup>8</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

disse que “os temas, motivos, valores, normas ou revoltas” da ficção “são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo”.<sup>9</sup> Tentaremos aquilo que Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira chamam de historicização da obra literária.

Inseri-la no movimento da sociedade, investigar em sua redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo.<sup>10</sup>

Também acreditamos que Dominick LaCapra oferece perspectivas bastante frutíferas para uma análise de romances que não queira prescindir de historicidade e, ao mesmo tempo, não se ver prisioneira de um contextualismo excessivamente limitante. Na tentativa de escapar a esta redução, La Capra propõe a divisão do contexto em seis instâncias distintas: a relação entre as intenções do autor e o texto; entre a vida do autor e o texto; entre a sociedade e o texto, entre a cultura e o texto, entre o *corpus* do autor e o texto e, por fim, entre os modos de discurso e o texto.<sup>11</sup>

Em nosso trabalho, algumas destas dimensões ganham mais relevo que outras, embora tenhamos procurado contemplar ao máximo todas elas. Por exemplo, a relação da vida do autor com os textos estudados, devido à abundância de material neste sentido: Freyre legou grande material autobiográfico, ao ponto de nos forçar a escolhas sobre quais partes deste material utilizar. Optamos pela seleção de *Tempo morto e outros tempos*<sup>12</sup> (publicação tardia de um diário da mocidade) e *De menino a homem*<sup>13</sup> (autobiografia de publicação póstuma), além da correspondência entre Freyre e Oliveira Lima, compilada em publicada por Ângela de Castro Gomes no livro *Em família*.<sup>14</sup> É interessante frisarmos, porém, que apesar de autobiográficos, tais textos não nos esclareceram apenas acerca da “vida do autor” em sua relação com seus romances: eles também são úteis no mapeamento de diversas leituras e intenções de Freyre.

Outra dimensão contextual bastante profícua a ser explorada é sem dúvida a relação das seminovelas com o restante do *corpus* de Freyre. Trabalhamos com sua grande trilogia,

<sup>9</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 20.

<sup>10</sup> CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Apresentação”. In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 7.

<sup>11</sup> LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intellectual y leer textos. In: PALTI, Elias José. “*Giro lingüístico*” y *historia intellectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

<sup>12</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

<sup>13</sup> FREYRE, Gilberto. *De menino a homem*: De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. Recife: Global, 2010.

<sup>14</sup> CASTRO GOMES, Ângela de (org.). *Em Família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

*Introdução à história da sociedade patriarcal brasileira*<sup>15</sup>, parte de sua crítica literária, condensada em *Heróis e vilões no romance brasileiro*<sup>16</sup> e também nos *Prefácios desgarrados*<sup>17</sup>. Estes trabalhos de crítica foram largamente estudados e comentados por Coutinho e DaMatta, e em diversos pontos nosso trabalho corrobora com suas conclusões, não julgando imperioso refazer exatamente os mesmos passos. Por fim, temos alguns dos trabalhos de Freyre voltados especificamente para a cidade do Recife – cenário privilegiado da primeira seminovela, e ocasional da segunda – como *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*<sup>18</sup> e *Assombrações do Recife Velho*.<sup>19</sup>

A relação dos textos com os modos de discurso, por seu turno, orientou nossa divisão de capítulos: buscamos indicar quais seriam os modos de discurso com os quais os romances de Freyre se relacionam mais estreitamente e, colocando-os em relevo, analisar separadamente de que forma se configuram na seminovela. Desta forma, o primeiro capítulo destina-se à análise do romance freyreano, o segundo da autobiografia que podemos encontrar nestes romances e o terceiro do ensaio potencialmente embutido nos mesmos. Perpassando todos eles, e inseparável de todos estes modos de discurso, está a historiografia, em diálogo com a ficção no primeiro, a memória no segundo, e a aspiração a construção de uma hipótese ou tese por meio da ensaística, no terceiro. Alguns assuntos, especialmente questões referentes ao romance, ao romantismo e à figura de José de Alencar, repetem-se além do capítulo primeiro, ao qual supostamente deveriam estar circunscritos, mas isso também é o que justifica a maior extensão do primeiro capítulo em relação aos demais: as questões do romance e da literatura na obra de Gilberto Freyre são centrais para nossa análise como um todo coeso.

Neste primeiro capítulo, tentamos primeiramente lidar com a espinhosa questão do narrador-personagem, que também se confunde com o autor, acompanhando-o através do enredo de ambas as seminovelas. Depois, nos debruçamos sobre diversos impasses de classificação literária que Freyre cria com sua ficção, e que são explorados por diversos teóricos da literatura. A partir daí, procuramos entender como Freyre recebeu uma série de ideias de autores de ficção que o antecederam – românticos; com destaque para José de Alencar - e as transformou, aplicando-as em sua ficção num momento de disputa intelectual com os rivais do

---

<sup>15</sup> *Casa-grande & senzala, Sobrados e mucambos, Ordem e progresso.*

<sup>16</sup> FREYRE, Gilberto. *Heróis e vilões no romance brasileiro*. São Paulo: Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

<sup>17</sup> FREYRE, Gilberto. *Prefácios desgarrados*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1973.

<sup>18</sup> FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

<sup>19</sup> Op. Cit.

sudeste. Por fim examinamos como e porque Freyre planejou escrever ficção desde sua remota juventude

No segundo capítulo, o foco são os nexos entre o conteúdo das seminovelas e a vida de Freyre, sobre a qual procuramos nos informar tanto através de sua escrita de si como através de outras fontes. Tentamos encontrar – ou descartar – a existência de um “pacto autobiográfico” nas seminovelas, e buscar indícios que permitam a afirmação de que os livros são de fato autobiografias. A partir daí, procuramos refletir sobre a necessidade de Freyre de diferenciar os escritos autobiográficos de uma criação literária propriamente dita. Por fim, observamos como ele usa a autobiografia a semelhança de outros escritores consagrados – especialmente Alencar –, para se projetar da mesma maneira.

Já no terceiro capítulo, procuramos encarar as seminovelas como ensaios, e extrair o principal conteúdo sobre o qual elas dissertam. Esboçamos uma comparação com outros ensaios da obra madura de Freyre, e surgimos assim com a ideia de que ele usava as como instrumentos de representação de uma realidade idealizada, de uma “civilização singular dos trópicos”, capaz de sobrepujar o ocidente anglo-saxão e germânico. Nessa civilização, a manutenção dos vínculos de subordinação se mostra essencial como um diferencial e algo positivo, denunciando algumas convicções enraizadas no pensamento de Freyre, e que ele escolhe manifestar mais abertamente através da literatura.

Por fim, é preciso ter em mente o alerta de LaCapra sobre as interpretações que se voltam para um contextualismo excessivo, que vê todas as obras como simples prisioneiras das condições de produção de seus autores, como de um formalismo absoluto, que relega o contexto à insignificância, importando-se apenas com a exegese dos textos. O que LaCapra propõe é que o historiador analise os textos em uma relação dialógica com o passado, mudando nosso entendimento a respeito dele, mas ao mesmo tempo sendo entendidos de novas formas em virtude do que o passado informa.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> LACAPRA, Dominick. *History & criticism*. New York: Cornell University Press, 1985.; LACAPRA, Dominick. *History, Politics and the novel*. New York: Cornell University Press, 1987.

## CAPÍTULO 1 – OS SENTIDOS DA ESCRITA ROMANESCA FREYRENA

### 1. Autor, narrador ou personagem?

Acompanharemos pelas próximas páginas os passos de uma figura enigmática. Anônima, pelo menos em *Dona Sinhá e o filho padre*. Neste livro, o personagem-narrador misterioso começa a história no Recife, na sala de visitas de Dona Sinhá, defendendo-se, diante dela de algumas acusações. Ele fora “convocado para esse encontro [...] por um bilhete escrito em letra já um tanto tremida e trazido por um muleque tão retintamente preto que parecia pajem de conto de José de Alencar”.<sup>21</sup> O bilhete falava em um assunto de interesse mútuo entre ambos – o personagem-narrador e Sinhá. Que assunto seria esse? “Talvez alguma antiguidade que ela, supondo-me colecionador, desejasse vender-me. Algum jacarandá ou alguma prata velha que ela desejasse oferecer-me”.<sup>22</sup> Nada disso. A senhora mostra-lhe um retalho de jornal, “um recorte de diário do Rio em que um cronista anunciava ‘‘o próximo aparecimento de um romance’ meu, que era a história de Dona Sinhá e do filho padre’”.<sup>23</sup> É então que o narrador-personagem percebe que está diante de “uma Dona Sinhá que tendo lido aquela indiscrição de jornalista a respeito de um romance meu apenas em projeto, em vago projeto, se imaginava objeto não de um romance, mas de uma biografia”.<sup>24</sup> Para assombro do narrador-personagem, então sua figura fictícia “declarava que não era fictícia: que existia”.<sup>25</sup> Esta senhora começa a contar a própria vida ao narrador-personagem, revelando uma série de coincidências assombrosas com o enredo do livro planejado.

Pois, então, eu concebo uma Dona Sinhá, um filho padre, tudo entre São José do Ribamar e Serinhaém e entre Olinda e a Europa, como figuras de um romance um tanto diferente dos outros e me aparece uma Dona Sinhá mais do que real, velhinha mas lúcida [...] sobrevivente do tempo exato em que deveria ter acontecido minha história inventada, e me diz que não somente ela existe, como me afirma que o filho, José Maria, existiu? E me dando a entender claramente que toda a minha suposta ficção aconteceu, me pede que não a revele, que abafe o tal romance, que respeite a sua condição de senhora já muito no fim da vida mas ainda muito senhora, para ter sua vida assim publicada [...].<sup>26</sup>

<sup>21</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela, op. Cit. p. 4

<sup>22</sup> Idem, ibidem.

<sup>23</sup> Idem, p. 6.

<sup>24</sup> Idem, p. 6-7.

<sup>25</sup> Idem, p. 7.

<sup>26</sup> Idem, p. 9.

Mas, apesar da animosidade deste contato inicial, o narrador-personagem consegue, por fim, ganhar a simpatia de Dona Sinhá. Acabam, na verdade, se descobrindo parentes. Sinhá, tal qual o narrador personagem – e assim como Gilberto Freyre também o foi – era da família Wanderley.<sup>27</sup> A descoberta anima o narrador-personagem a propor:

Olhe, Dona Sinhá, deixe que eu escreva o romance. Eu lhe mostrarei o livro todo antes de o publicar. E se a senhora concordar virei aqui, uma vez por semana, ouvir da senhora a história de José Maria. O livro será uma história de José Maria. Mas sem a senhora não teria havido José Maria. Terei que falar um pouco na senhora.<sup>28</sup>

Segue-se então a história de José Maria, o menino, prometido a padre. Ainda bebê, e já com o pai – um tipo bacharelesco vindo do amazonas – falecido, José Maria enfrenta uma grave doença, da qual se recupera após promessa da mãe de que ele se tornaria padre, caso se salvasse. Assim se dá, e José Maria cresce; um menino franzino e introvertido, com curiosidades estranhas e um apego quase doentio a própria mãe. Todas as etapas de sua vida o narrador personagem acompanha através das mencionadas entrevistas com Sinhá, mas não só. Rapidamente surge um outro informante na história: o irmão de Sinhá, João Gaspar. Num dia em que comparece para uma de suas entrevistas, o narrador-personagem é recebido por João Gaspar em lugar de Sinhá, e começa a receber um novo ponto de vista sobre os fatos que narra. E esta é uma característica do nosso narrador-personagem: negando-se a assumir a própria onisciência, ele prefere usar informantes imaginários e assumir, com isso, uma ignorância declarada em relação ao passado ficcional, que precisa ir sendo aos poucos desvendado. E mesmo Gaspar vale-se de um diário de adolescente – que também mostra ao narrador-personagem – para saber de algumas intimidades em torno das primeiras aventuras sexuais de José Maria, que são contadas no livro. É assim que Gilberto Freyre vai construindo a alteridade em relação a uma história que lhe é, em verdade, extremamente familiar. Mas talvez o momento mais rico para esta reflexão seja o surgimento, na narrativa, de Paulo Tavares, o amigo e protetor de José Maria. É Paulo quem o defende da fúria dos outros meninos, “verdadeiros meninos-diabos”, que perseguem José Maria, dando-lhe o apelido de Sinhazinha. “Perigosa amizade, essa, desde o início com seu toque de amor ou seu não sei que de sexo.”<sup>29</sup> E Paulo vai passando aos poucos de amigo e protetor de José Maria para a posição de um dos personagens centrais da história. A partir do capítulo 14, a vida de Paulo começa a ser contada de uma maneira

<sup>27</sup> A família Wanderley, ou Vanderley, chegou ao Brasil primeiramente em Pernambuco, com a ocupação holandesa. Após a expulsão dos holandeses, os Wanderley permaneceram na região, misturando-se com a aristocracia portuguesa vitoriosa. A avó paterna de Gilberto Freyre era Maria Raymunda da rocha Wanderley.

<sup>28</sup> Idem, p. 11-12.

<sup>29</sup> Idem, p. 42.

curiosa, que quebra a pretensa ignorância do narrador-personagem. Não há diário de Paulo, nem entrevista com qualquer de seus parentes próximos. Ainda assim, o parágrafo a seguir denuncia um conhecimento assombroso de tudo o que Paulo faz, sente e pensa, mesmo quando está só:

Ainda no lamarão, Paulo viu no primeiro escaler a aproximar-se o vapor inglês, a bandeira republicana com seu ‘Ordem e Progresso’. Deixara o Brasil sob a bandeira do Império. Estudara e vivera na Europa durante tanto tempo que tinha às vezes a impressão de ter esquecido metade de seu português. Gritaram-lhe do escaler o nome: Tavares! Tavares chamavam-no na França. Quase estranhou o próprio nome ouvido agora e gritado pelos parentes de dentro do escaler do vapor.<sup>30</sup>

Podemos aplicar a este trecho as mesmas perguntas que Wayne Booth faz sobre o contar arbitrário em textos antigos como a bíblia e a odisseia; um contar arbitrário que, segundo ele, nunca desapareceu completamente da ficção.<sup>31</sup> Que efeito misterioso permite ao narrador personagem introduzir-se nos pensamentos de Paulo e atestar que ele “tinha às vezes a impressão de ter esquecido metade de seu português”? Ou que ele “quase estranhou o próprio nome ouvido agora e gritado pelos parentes de dentro do escaler do vapor”? Este “privilegio” de Paulo em relação aos demais personagens de *Dona Sinhá* pode ser um indício bem claro da identificação dele com o próprio autor. Sigamos com nossa história, e vejamos como a figura de Paulo evolui na narrativa.

Paulo está de volta ao Brasil, e encontra José Maria falecido antes de ordenar-se - José Maria esteve no seminário, sofreu ali com a ausência da mãe, registrou estas e outras impressões em seu diário antes de morrer de tuberculose. Paulo, aflito com a perda do amigo, transfere o amor mal resolvido que sentia por ele para Sinhá, pedindo-a em casamento. Seria algo visto com espanto pela sociedade recifense, um tal casamento, mas Paulo traz consigo outros usos da França. Mas Sinhá, recusa-se, pois “não conseguia enxergar em Paulo Tavares senão um irmão mais velho de José Maria. Que fosse sempre muito feliz na Europa”.<sup>32</sup> E para a Europa Paulo segue, para ser revisitado pelo autor apenas 13 anos depois, em *O outro amor do Dr. Paulo*.

*O outro amor* se inicia com o depoimento do mesmo narrador-personagem que acompanhamos em *Dona Sinhá*. Ele alega que “muito antes de publicado o *Dona Sinhá*, eu já começara a pensar na sua continuação”.<sup>33</sup> E por isso, na “remota década de 30”, o narrador-personagem encontra-se em Paris, buscando ideias para construir o personagem de Paulo “o francês”. E é ali que ele descobre um brasileiro – Camargo -, já meio afrancesado pelo longo

---

<sup>30</sup> Idem, p. 107.

<sup>31</sup> BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia, 1980.

<sup>32</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela, op. Cit. p. 172,

<sup>33</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: Seminovela, op. cit, p. 3.

exílio. Este Camargo alega ter conhecido pessoalmente Paulo, “o tal que se apaixonou no Brasil por uma Dona Sinhá”.<sup>34</sup> Mas não seria Tavares o nome que o narrador-personagem deveria usar, “a não ser que não queira ser exatamente histórico. Não era Tavares: era Paulo Travassos. Paulo Travassos e não Paulo Tavares”.<sup>35</sup> O nome de Tavares, entretanto, prevalece no decurso da narrativa. Edilberto Coutinho especulou sobre os motivos deste jogo do autor.

É possível que essa confusão no sobrenome tenha sido inventada por Freyre para melhor situar Paulo Tavares como personagem “irreal”, embora, em certa medida [...] com um modelo real. E também – é claro – para fugir à figura do narrador onisciente, pois o personagem-escritor das seminovelas não é do tipo que tudo sabe. Ele, na verdade, pouco sabe de seus personagens. Procura, na “pesquisa”, na conversa com seus “informantes”, estabelecer aproximações entre os tipos de sua criação, os puramente “imaginados” e os modelos reais. Temos, assim, que o imaginado era, sem dúvida, Paulo Tavares, mas o “real” – enquanto ambos ficcionais, é claro – poderia ter sido Paulo Travassos. Manha gilbertiana, jogo: em cena, o aspecto lúdico, que é um dos encantos de sua narrativa.<sup>36</sup>

Mas já vimos como, em *Dona Sinhá*, o narrador-personagem foge de ser onisciente apenas na aparência. Vejamos como ele se comporta ao narrar a vida que Paulo levou em Paris após ter seu pedido de casamento recusado por Sinhá: torna-se amigo de Camargo, embora desconfie dele no início. Seu primeiro problema é “apurar que espécie de exilado brasileiro em Paris era Monsieur Camargo”.<sup>37</sup> Seria um “trabalho de detetive disfarçado em simples curioso”.<sup>38</sup> Descobre ser Camargo um carioca que se gabava de ter nascido em Bota-fogo: “carioca de origem paulista. Parente dos Tibiriçá. [...] Filho de um Camargo que enriquecera em negócios de café como sócio de comissário importante”.<sup>39</sup> O Camargo pai manda o filho a Paris já em seus dias de decadência financeira, não se sabe ao certo com que fim – “nunca estudou coisa alguma, nem o pai parece ter exigido dele que estudasse na Europa isto ou aquilo. Vinha do Rio com dois anos de medicina.”<sup>40</sup> Durante algum tempo gozou de vida folgada, até que o pai foi levado a falência, por seu gosto por amantes francesas. Valendo-se de sua malícia de carioca, o Jovem Camargo passa então a “viver de expedientes”, ou seja, a agenciar prostitutas de luxo para a aristocracia brasileira exilada. Estas informações o narrador-personagem parece ter levantado com um certo Francisco Guimarães que “habitava em 1936-1937 um belo apartamento na avenida dos Champs-Elysées, onde sua companheira era uma simpática senhora francesa

---

<sup>34</sup> Idem, ibidem.

<sup>35</sup> Idem, p. 4.

<sup>36</sup> COUTINHO, Edilberto. Op. cit. p. 144.

<sup>37</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: Seminovela, op. cit., p. 6.

<sup>38</sup> Idem, ibidem.

<sup>39</sup> Idem, p. 7.

<sup>40</sup> Idem, ibidem.

já idosa e muito ciumenta”.<sup>41</sup> De posse destas informações sobre Camargo, o narrador-personagem decide que o que deveria ser feito era

fazê-lo falar sobre si mesmo, antes de provocá-lo a respeito de Paulo Tavares. Confrontaria suas confissões com os informes que vinha obtendo de outros brasileiros do seu tempo, também há anos residentes em Paris e mais ou menos seus camaradas. Ou que soubessem alguma coisa de seus antecedentes brasileiros.<sup>42</sup>

Ele descobre, então, sobre a amizade que uniu Camargo e Paulo em Paris durante muitos anos. Os dois tinham uma afinidade que se iniciava pelo contato com os estudos de medicina, e que foi se aprofundando com o tempo. É junto com Camargo, frequentando os eventos sociais da comunidade de brasileiros exilados em Paris após o fim do império, que Paulo conhece seu “outro amor”: Maria Emilia, filha dos barões de Itaingá. A narrativa então acompanha a corte de Paulo a esta moça, até o casamento dos dois. Depois disso, segue-se um breve retorno de Paulo ao Brasil junto com sua esposa, que morre de febre amarela. Retornando a Paris como um viúvo trágico, Paulo amiga-se com a irmã bastarda de Maria Emilia, a mestiça Rosa, que também servira como escrava à família dos barões, e com ela vive e consola-se até morrer do coração.

Neste segundo livro o narrador-personagem não é anônimo como em *Dona Sinhá*. Seu interlocutor Camargo acaba por trata-lo por “Gilberto” já no final do livro, contando-lhe sobre a união entre Paulo e Rosa: “Precisa você, Gilberto, de saber, que tendo falecido o português amigo [amasio de Rosa], Paulo convidou Rosa para morar com ele”.<sup>43</sup> Isto reforça a identificação, já bastante óbvia entre o autor e este narrador-personagem. Mas, assim como na primeira seminovela, a narrativa dos eventos que dizem respeito a vida de Paulo é feita explicitamente através da imaginação do narrador-personagem. Um exemplo colhido ao acaso ao se folhear *O outro amor* talvez seja suficiente para ilustrar isso. Paulo está num jantar com os Barões de Itaingá, seus futuros sogros. É então informado por eles que ambos planejam redecorar e remobiliar a casa-grande de sua fazenda de Santa Isabel de acordo com as modas parisienses, o que horroriza Paulo. Mas o horroriza de forma bastante íntima, de modo que apenas o narrador é capaz de nos dizer que, naquele preciso momento, enquanto “deixava que os barões continuassem a falar sobre o assunto”, Paulo

lembrou-se da casa-grande de Santa Isabel que ele não conhecia senão de fotografia, mas que lhe lembrava casas-grandes de engenhos antigos de seu Pernambuco. A do Engenho Rosário, do seu parente Sebastião Wanderley; a de Morim, da sua prima Dondon, de quem ele meninote fora namorado; a de

---

<sup>41</sup> Idem, p. 8.

<sup>42</sup> Idem, p. 10.

<sup>43</sup> Idem, p. 239.

Camarão; a de Monjope. Imaginou-a reformada com grades de ferro forjado e com telhas francesas. Sem guilhotinas nas janelas. Sem alpendre. Sem azulejos. Sua escada de honestos tijolos fabricados no Brasil substituída por outra, de material importado da França ou da Itália.<sup>44</sup>

Claro, podemos atribuir parte desses *insights* do narrador-personagem às informações de um Camargo realmente muito próximo de Paulo, mas, por maior que fosse tal proximidade, fica difícil admitir-se que Camargo tivesse acesso aos processos psicológicos que levam Paulo a uma recordação tão íntima e complexa, em momento tão preciso. Na verdade, de acordo com Booth, “qualquer descrição do que o personagem pensa ou sente é uma intrusão do autor”.<sup>45</sup> Booth salienta justamente que “o ato da narração, tal como desempenhado nem que seja pelo narrador mais profundamente dramatizado é, em si, a apresentação feita pelo autor de uma prolongada ‘visão interior’ do personagem”.<sup>46</sup> Temos então o narrador-personagem anônimo em *Dona Sinhá* e o “Gilberto” em o outro amor. Os exemplos que citamos, porém, provam que esta forma de narrar, pretensamente inovadora, não faz mais do que resvalar nos mesmos esquemas destrinchados por Booth em que perpassam toda a ficção ocidental moderna.

## 1.2 *Alguns impasses classificatórios*

É interessante tentarmos entender o que Freyre pretendia com o termo seminovela, de acordo com as implicações que isso possa ter para uma obra de ficção. Em *Heróis e vilões no romance brasileiro*, os termos “romance” e “novela” quase sempre vem acompanhados um diretamente do outro.<sup>47</sup> Edilberto Coutinho, ao estudar as seminovelas não viu, na verdade, “a necessidade de estabelecer rigidamente as fronteiras – dentro do gênero ficção – entre o que seria determinantemente novela ou romance”.<sup>48</sup> Massaud Moisés observa que um modo “defeituoso” de se utilizar a expressão novela, em nossos dias, é para descrever romances curtos, com mais de cem e menos de duzentas páginas. Moisés traça as origens do gênero novelesco a partir de produções literárias muito anteriores ao surgimento do romance moderno, como as canções de gesta e as histórias de cavalaria. Para este autor, *Dom Quixote* seria o momento em que o gênero das novelas de cavalaria atingiu seu auge. O romance, por sua vez, apareceria na Inglaterra do século XVIII, com o livro de Henry Fielding, *A história de Tom*

---

<sup>44</sup> Idem, p. 180.

<sup>45</sup> BOOTH, Wayne C. Op. cit., p. 35.

<sup>46</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>47</sup> FREYRE, Gilberto. *Heróis e vilões no romance brasileiro*. São Paulo: Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1979, passim.

<sup>48</sup> COUTINHO, Edilberto. Op. cit., p. 8-9.

Jones.<sup>49</sup> Marthe Robert, entretanto, problematiza esta classificação de outra maneira, num trabalho bem mais atual. Para ela, Dom quixote seria justamente uma das obras fundadoras do romance moderno, “se entendermos por modernidade o movimento de uma literatura que, perpetuamente em busca de si mesma, se interroga, se questiona, fazendo de suas dúvidas e sua fé a respeito de sua própria mensagem o tema de seus relatos”.<sup>50</sup> Sob outra ótica, porém, esta primazia caberia a *Robinson Crusoé*, que é

‘moderno’ sobretudo na medida em que reflete com bastante clareza as tendências da classe burguesa e mercantil oriunda da revolução inglesa. Nesse sentido, com efeito, pode-se dizer que o romance é um gênero burguês que, antes de se tornar internacional e universal, começou como especificamente inglês.<sup>51</sup>

Embora os dois teóricos divirjam sobre a origem do romance<sup>52</sup>, é digno de observação que ambos a situam na Inglaterra, no mesmo período. Defoe é citado de forma bastante recorrente no posfácio de *Dona Sinhá*, inclusive sendo sugerido que *Journal of the Plague Year* teria sido uma das grandes inspirações para a seminovela - o entusiasmo e o débito de Freyre com autores e romances ingleses foram extensamente documentados e analisados por Maria Lúcia Pallares-Burke.<sup>53</sup> Neste mesmo posfácio, e certamente não por um descuido, Freyre utiliza a expressão “talvez romance” para falar da seminovela.<sup>54</sup> O termo também é usado para designar o livro nas seguintes passagens, no curso da narrativa: “Talvez no decorrer do romance, fosse interessante incluir um ou outro desses pormenores.”<sup>55</sup>; “Romance um tanto diferente.”<sup>56</sup>; “Meu romance.”<sup>57</sup>; “uma espécie de romance.”<sup>58</sup>. Assim, ao incluir mais esta imprecisão classificatória, Freyre consegue criar novos empecilhos a quem se proponha enquadrar seu livro em categorias muito rígidas. Ele se lembra, inclusive, das antinovelas,

---

<sup>49</sup> MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa I*. São Paulo: Cultrix, 2006.

<sup>50</sup> ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac-Naify, 2007, p. 11.

<sup>51</sup> Idem, ibidem.

<sup>52</sup> Booth se dirige exatamente a esta questão quando diz que “sem o auxílio de tradições críticas assentes, face a uma diversidade caótica entre tudo quanto dá pelo nome de romance, os críticos da ficção foram levados a inventar ordem, mesmo tendo que recorrer ao dogmatismo. Consequentemente, foram descobertas e logo abandonadas, com rapidez alarmante, ‘grandes tradições’ de formatos e dimensões inúmeras, baseadas em qualidades universais imensamente divergentes. O Romance começou, dizem-nos, com Cervantes, com Dafoe, com Fielding, Richardson, Jane Austen – ou terá sido com Homero? Foi morto por Joyce, por Proust, pela chegada do simbolismo, pela perda de respeito pelos factos concretos ou talvez pela absorção excessiva nesses mesmos factos”. BOOTH, Wayne C., op. cit, p. 54.

<sup>53</sup> PALLARES-BURKE, Op. cit.

<sup>54</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 180.

<sup>55</sup> Idem, p. 16.

<sup>56</sup> Id., p. 9.

<sup>57</sup> Id., p. 15.

<sup>58</sup> Id., p. 7.

dando os exemplos de *Le Planetarium*, de Nathalie Sarraute, *Degrés*, de Michel Butor e *Dans le Labyrinthe*, de Alain Robbe-Grillet. Estes títulos seriam antinovelas

por não terem enredo [...] como as novelas convencionais; nem tampouco, personagens; nem pretenderem ser psicológicas, muito menos sociológicas ou históricas, deixando os seus autores que os seus equivalentes de personagens falem ou se exprimam como falariam ou se exprimiriam em filmes ou no rádio ou na televisão, isto é, dentro de outras convenções, que não as literárias; e que são as que correspondem à chamada cultura de massa.<sup>59</sup>

Da Matta afirma que a distinção fundamental que se estabelece é que a antinovela seria o resultado de um esgotamento do gênero novelesco, sendo uma novela em negativo ou uma novela em subtração. Esta autora aponta que as seminovelas são justamente o oposto, pois adicionam e incorporam elementos de diversos gêneros. Da Matta também observa que a antinovela carece propositalmente de dimensão psicológica, sociológica ou histórica, e que possui personagens que, diferente dos de Freyre, não são caracterizados pelo seu uso único da linguagem.<sup>60</sup>

Também Marthe Robert observa que, devido ao escopo praticamente ilimitado dos assuntos que o romance pode incorporar, assim como sua capacidade de colonizar outras áreas da literatura, definir o que é ou não classificável como um romance se torna extremamente problemático, mesmo do ponto de vista dos lexicógrafos.<sup>61</sup> Os próprios romancistas, porém (e, como acabamos de ver, Freyre não seria exceção) parecem ter contribuído para a indefinição classificatória do gênero. Para Robert, autores improvisados em teóricos sequer pensam em formular as questões adequadas, eles só constatam o que a seus olhos é óbvio e usam isto para supor um imperativo (“o romance é”, “o romance deve”), graças ao qual “o gênero cai integralmente sob o alcance de uma jurisdição superior cuja competência parece tão evidente que prescindiria de exame, mesmo para o principal interessado”.<sup>62</sup> É com base nisto que sugerimos um questionamento da conclusão de que o que Freyre produzia era de fato o marco fundador de um gênero *novo*, que não o do simples romance: o romance, por ser uma categoria tão imperialista, tudo reclama como seu, permitindo assim a uma variedade enorme de trabalhos de ficção, com características e objetivos distintos entre si, serem chamados de “romance”. Em verdade, o afã para endossar a reivindicação que Freyre faz de ser ele fundador de um novo gênero – a seminovela – perpassa alguns estudos significativos a respeito destes livros. Cesar Leal, por exemplo, faz uma proclamação entusiasmada. “Proclamo Gilberto Freyre como

<sup>59</sup> Idem. P. 184

<sup>60</sup> DA MATTA, Carmen de Fátima Henriques. Op. cit.p. 67.

<sup>61</sup> ROBERT, Marthe. Op. cit., p. 11.

<sup>62</sup> Idem, p. 22.

criador de uma nova espécie literária. Isso é verdade até que alguém demonstre o contrário daquilo que aqui se afirma agora”.<sup>63</sup> Já da Matta, embora se pergunte como “se a seminovela é uma ‘espécie de romance’ que ‘recebeu sugestões da novela inglesa’ por que seria um gênero novo, tanto em literatura brasileira quanto na literatura universal?”<sup>64</sup>, acaba ponderando que

primeiramente, e partindo do mais simples: é um ‘gênero novo’ porque Freyre traz para seu momento uma ficção mesclada – década de 1960, levando-se em conta a diferença secular entre ele, [Dickens e Defoe]; segundo, porque incorpora técnicas e procedimentos que Defoe e Dickens deviam ignorar em suas épocas.<sup>65</sup>

Não é nosso plano nos esgotarmos na tentativa da demonstração à qual desafia Leal. Entretanto, a presença deste debate nas teses de estudos literários referentes às seminovelas atesta sua relevância. Também podemos apontar para a possibilidade de conclusões distintas para um debate que parece realmente movimentar os especialistas da área de literatura que se debruçaram sobre a ficção freyreana. A separação pouco clara entre realidade e imaginação do autor no primeiro capítulo de *Dona Sinhá* – e que persiste pelo restante do texto -, por exemplo, pode parecer em alguns pontos como o eco da declaração que constitui o prefácio de Robinson Crusoé: a de que o conteúdo do livro que se segue corresponde à verdade, à “história de fato”, que não há ali nenhuma aparência de ficção.<sup>66</sup> Robert observa que Defoe olhava o romance com descrédito, recusando “qualquer assimilação de sua obra-prima a esse subproduto da literatura”.<sup>67</sup> Para ele, “Robinson Crusoé deveria ser considerada uma história verdadeira, ao passo que o romance seria um gênero falso, fadado por natureza à superficialidade e ao sentimentalismo, feito para corromper ao mesmo tempo o coração e o gosto”.<sup>68</sup> A mesma autora salienta que Defoe tinha desprezo pelo gênero romanesco, em virtude da frivolidade e sentimentalismo de seu público, e seu entendimento de verdade seria o mesmo que verossimilhança.

Sua história seguia de perto as aventuras de um autêntico sobrevivente que vivera quatro anos numa ilha deserta da América, segundo um relato já publicado; mas que a odisseia de seu herói comportasse uma outra espécie de verdade infinitamente mais próxima de si, disso ele aparentemente não suspeitou.<sup>69</sup>

<sup>63</sup> LEAL, Cesar. A imagem visual na expressão literária de Gilberto Freyre. In: Três histórias mais ou menos inventadas. Brasília: Editora UnB. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, p. 55.

<sup>64</sup> DA MATTA, Carmen de Fátima Henriques. Op. cit., p. 63.

<sup>65</sup> Idem, p. 64.

<sup>66</sup> DAFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. New York: Oxford Press, 2007.

<sup>67</sup> ROBERT, Marthe. Op. cit., p. 12.

<sup>68</sup> Idem, ibidem.

<sup>69</sup> Idem, p. 100.

Mais a diante no trabalho, a ideia é melhor elaborada.

Defoe tem inteira razão em reivindicar para o seu romance a qualidade de história verdadeira; naturalmente, ele é “verdadeiro” não porque consegue fazer coincidir o fato e o escrito, mas porque rompe com as convenções da *Utopia* puramente teórica, onde a vida se preserva milagrosamente por si só sem suscitar problemas concretos. Pela primeira vez na literatura romanesca, a terra do sonho é a mesma que será preciso arar; como a realidade não pode mais ser vencida à força exclusiva do desejo, precisará de ferramentas, cálculos, toda a experiência e paciência do operário.<sup>70</sup>

Basicamente, Defoe traz para as páginas do romance o trabalho para a satisfação das necessidades básicas da existência, algo ausente do gênero até então. Roger Chartier, refletindo sobre a debatida “revolução da leitura no século XVIII”, assim como sobre o entrecruzamento entre crítica textual e história cultural, mostra, através de uma análise dos comentários de Diderot sobre o romance *Clarissa*, de Richardson, como, na segunda metade do século XVIII – portanto algumas décadas depois da publicação de *Robinson Crusoe* -, opera-se um resgate moral do romance: as histórias inventadas são reabilitadas diante de uma comunidade leitora que passa a julgá-las de uma outra maneira. Para Chartier, a *Éloge* de Diderot sinaliza o surgimento de algumas instituições que irão se cristalizar durante a evolução do romance moderno: a ideia de paisagens ou cenários imaginários comparáveis a pinturas, a concepção da atividade de escritor como um trabalho e, em decorrência disto, a sacralização da figura do autor e, não menos importante, a empatia sentimental do leitor em relação ao destino das personagens.<sup>71</sup>

Evidentemente, Freyre e Defoe tinham motivos diferentes para embaralhar verdade e ficção – motivos pertinentes ao contexto histórico de cada um – mas a comparação entre eles indica que tal ambiguidade não é algo novo na literatura. Nos romances – assim como os de Freyre, de estreia - de José de Alencar, *A viuvinha* e *Cinco minutos*, observamos um artifício deste tipo. *Cinco minutos* começa com a seguinte asserção: “É uma história curiosa a que lhe vou contar, minha prima. Mas é uma história e não um romance”.<sup>72</sup> Já em *A viuvinha*, no meio da narrativa, deparamo-nos com a declaração do narrador – que se dirige à mesma prima – de que “não escrev[e] um romance, cont[a]-lhe uma história. A verdade dispensa a verossimilhança”.<sup>73</sup> Antônio Cândido explica de que forma os personagens de ficção podem ser dotados de “maior riqueza” do que as próprias pessoas reais.

---

<sup>70</sup> Idem., p. 106.

<sup>71</sup> CHARTIER, Roger. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: casa da palavra, 2002.

<sup>72</sup> ALENCAR, José de. *Cinco Minutos; A viuvinha*. São Paulo: Ática, 1975.

<sup>73</sup> Idem, p. 75.

em virtude da concentração, seleção, densidade e estilização do contexto imaginário, que reúne os fios dispersos e esfarrapados da realidade num padrão firme e consistente. Antes de tudo, porém, a ficção é o único lugar – em termos epistemológicos – em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais sem referência a seres autônomos; de seres totalmente projetados por orações.<sup>74</sup>

Para cândido, o personagem mesmo é o que distingue uma obra ficcional das demais, e essa sua riqueza seria um critério de canonização do texto do qual ele faz parte.

os grandes autores, levando a ficção ficticiamente às suas últimas consequências, refazem o mistério do ser humano, através da apresentação de aspectos que produzem certa opalização e iridescência, e reconstituem, em certa medida, a opacidade da pessoa real.<sup>75</sup>

Se turvar os limites entre verdade e ficção não é uma novidade em literatura, entretanto, *Dona Sinhá e o filho padre* entusiasmou parte da crítica estrangeira na ocasião de sua publicação em inglês, sob o título *Mother and son: a brazilian tale*. Alexander Coleman, em 1967, escreveu no New York Times o seguinte:

Freyre's techniques are so much richer and more generous than that of the mere narrator. He is at once a sociologist, a social historian, na anthropologist, and above all, a writer. Any detail – music heard, the toys in a play-room, gestures, *lapsus linguae*, diaries, advertisements – can be for him the key to a revelation.

[...]

Someone may discover someday (must it be a graduate student?) that Gilberto Freyre is one of the unknowing founders of a 20th-century metaliterature.<sup>76</sup>

O Trabalho de Freyre seria metaliteratura por ser uma reflexão sobre o fazer literário dentro do próprio romance. Edilberto Coutinho, entretanto, observa que a técnica já havia sido empregada por Gide em *Diário dos moedeiros falsos* e constrói boa parte dos argumentos centrais de sua tese em torno da correlação entre este autor e Freyre.

Se Freyre de fato inaugurou o novo gênero da seminovela, o único outro autor – para Freyre, pelo menos - a produzir tal gênero teria sido Ruy João Marques em seu *Romance em preto e branco*. E proclamado seminovelistas pelo próprio Freyre, autor da apresentação ao livro, na qual escreve que

---

<sup>74</sup> CÂNDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. São Paulo: perspectiva, 1964, p. 35

<sup>75</sup> Idem, ibidem.

<sup>76</sup> COUTINHO, Edilberto. Op. cit., p. 123. “As técnicas de Freyre são muito mais ricas e generosas que as do mero narrador. Ele é, simultaneamente, sociólogo, historiador social, antropólogo e, acima de tudo, escritor. Qualquer detalhe – a música ouvida, os brinquedos numa sala de jogos, gestos, *lapsus linguae*, diários, anúncios publicitários – podem ser para ele chave para a revelação. [...] Alguém deve descobrir um dia (talvez um estudante graduado?) que Gilberto Freyre é um dos fundadores desconhecidos da metaliteratura do século XX.” Tradução nossa.

ao aparecer agora com uma seminovela em que a graça literária da expressão não esconde de todo o observador argutamente médico do comportamento humano, o professor Ruy João Marques se ajunta aos mistos: aos que namoram com a ficção literária sem renegarem seus compromissos com a ciência médica. [...] Pois em sua seminovela, versando empolgantemente assunto além de social, antropológico, de extrema delicadeza e também da mais viva atualidade – o preconceito de raça ou de cor, entre certa burguesia do Brasil de hoje – Ruy João Marques realiza difícil façanha de modo atraentemente literário. [...] além de interesse literário, valor sociológico. Um interesse prolongando-se no outro. E, assim juntos, complementando-se em novela de novo tipo: seminovela não por lhe faltar parte de sua virtude mas por se apresentar enriquecida em sua perspectiva.<sup>77</sup>

O critério para chamar o livro de Ruy João Marques de seminovela é, aparentemente, a bem-sucedida mescla de literatura com ciências médicas, com o saber sociológico, etc. Isto não é, entretanto, e como veremos, exatamente uma novidade para o romance ou para a literatura como um todo.

### **1.3 A busca pelo saber da literatura**

Uma das peculiaridades da seminovela de Freyre é a forma pela qual o narrador personagem revela, no próprio curso da narrativa, as fontes que manuseou para compô-la. No capítulo 12, por exemplo, ele cita um anônimo velho entusiasta da maçonaria, também antigo morador de São José, tal qual sua Dona Sinhá, que mantinha um acervo documental referente à Questão Religiosa.<sup>78</sup>

Na própria casa daquele antigo maçom, alguns jornais da época, da luta da Maçonaria com Dom Vital. Interessantíssimos. Um deles, o Diário do Grão-Pará, que se publicava na capital do Pará; e que numa das suas edições publicara a carta de certo Cônego Sebastião Borges de Castilhos, colocando-se com tal insolência contra o seu prelado, que o próprio maçom, colecionador de retalhos de jornais, anotou à margem da ‘carta pública’, a lápis azul: ‘Por que o Cônego não toma chá de... (ilegível)?’ Talvez um calmante.<sup>79</sup>

O trabalho investigativo de Freyre com jornais de época para a reconstrução de certos aspectos do passado é bastante conhecido, especialmente graças ao pioneirismo de sua

---

<sup>77</sup> FREYRE, Gilberto. *Prefácios desgarrados*, vol. II. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1973, p. 833-4.

<sup>78</sup> Disputa de poder iniciada em 1870 entre a igreja e a maçonaria, que acabou por se tornar uma grave questão de estado. Os bispos Dom Vital Maria e Dom Macedo Costa interditaram diversos religiosos sobordinados em decorrência das relações destes com a maçonaria. Os bispos chegaram a ser presos por ordem do Visconde do Rio Branco, maçom, que ocupava então o gabinete de primeiro ministro, sob a acusação de desobediência civil.

<sup>79</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 93.

abordagem dessas fontes. Em *Ingleses no Brasil*<sup>80</sup>, ou em *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*<sup>81</sup>, anúncios de jornais foram extensamente utilizados para um melhor panorama sociocultural de alguns setores do Brasil. Neste caso da seminovela, porém, o interesse do romancista e pesquisador parece ter recaído sobre a história política – o parágrafo anterior revela um desejo de se capturar o imaginário político de um dado período: talvez um conteúdo mais tradicional para se buscar em jornais antigos, mas a pluralidade de possibilidades oferecidas por estas fontes certamente não seria negligenciada pelo pesquisador experimentado que já era Freyre na década de 1960. É interessante que o narrador, em *Dona Sinhá*, compare suas técnicas de investigação às de um detetive, já que,

para a descoberta e a verificação de uma verdade humana o detetive está melhor armado do que o naturalista, pois é mais livre e mais preparado para o desconhecido, seja este qual for. Mais: que para o naturalista trata-se menos de descobrir a verdade do que de verificar leis; enquanto o detetive sabe que também o excepcional existe e que o humano é sempre particular.<sup>82</sup>

Mais a diante, o mesmo narrador revela que esta “técnica de detetive” foi empregada na própria urdidura da seminovela, ao dar forma ao personagem principal: ele faz com que

um ainda informe pré-José Maria, recordado através de probabilidades psicológicas, tenha se tornado o José Maria já um tanto concreto reconstituído noutros capítulos mais através da técnica dos detetives, isto é, sobre os indícios de uma personalidade em desenvolvimento, do que pela arte daqueles biógrafos que, em trabalhos de história ou de ficção misturada à história, prescindem de tais indícios para se apoiarem em probabilidades mais lógicas que psicológicas.<sup>83</sup>

O sentido que Freyre dá a sua produção literária, portanto, é o da investigação do passado brasileiro através de técnicas sociológicas. Não é por acaso que, quinze anos após sua estreia na ficção Freyre publica uma coletânea de ensaios, desenvolvidos em colaboração com estudantes de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco assim como assistentes de pesquisa do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. *Heróis e vilões no romance brasileiro*<sup>84</sup> gira, conforme diz seu próprio subtítulo “em torno das projeções de tipos sócio-antropológicos em personagens de romances nacionais do século XIX e do atual [ou seja, do XX]”. Os ensaios são uma pesquisa de tais tipos em duzentos títulos – não especificados - da nossa literatura. O interesse pelos personagens como tipos sociológicos weberianos já havia

---

<sup>80</sup> FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

<sup>81</sup> FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: imprensa universitária, 1963.

<sup>82</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit p. 49.

<sup>83</sup> Idem, p. 101.

<sup>84</sup> FREYRE, Gilberto. *Heróis e vilões no romance brasileiro*. Op. cit..

sido indicado em *Dona Sinhá*: Freyre procura demonstrar que os tipos sociologicamente válidos do alemão podem ser também seus tipos novelisticamente válidos.<sup>85</sup> A experiência de Freyre como romancista ou novelista precedeu, neste caso, sua experiência como pesquisador da literatura – mas não como crítico literário e prefaciador de obras de crítica e história literária<sup>86</sup> –, e, sendo assim, é possível que a tenha influenciado. Em *Heróis e vilões*, Freyre dá mostras de entender a criação literária também como apropriação do saber sociológico pelo autor, assim como construção desse mesmo saber.

Não serão os romancistas ou novelistas, como aliás, os dramaturgos, os compositores, os filósofos ou os pensadores, os ensaístas, os sociólogos de certo tipo, criadores, como os poetas, os artistas plásticos, os místicos do tipo da católica santa Teresa e do batista Bunyan, de formas, de categorias, de tipos e, principalmente, de símbolos [...] através dos quais a vida, o passado, a chamada natureza humana, e, dentro dela, o chamado caráter nacional de uma sociedade, projetando-se sobre o seu próprio futuro, se tornam perceptíveis, sensíveis e até, em alguns casos, comprehensíveis e inteligíveis? Não haverá sempre numa novela, ou num romance, que seja, senão literalmente válido, sociologicamente significativo, símbolos em potencial ou tipos potencialmente simbólicos – e além de assim pré-simbólicos, socialmente expressivos?<sup>87</sup>

É neste sentido que, ao refletir sobre os dramas shakespearianos, Freyre acredita que neles

a vida, o humano, os conflitos do indivíduo com o meio, os desajustamentos entre grupos e entre personalidades transbordam do que neles é estético, do que neles é arte formal, teatro recreativo, para se constituírem em material de extraordinária riqueza para todos os analistas, desde os dias de Elizabeth, da natureza humana: tanto os ditos científicos, sociológicos, psicológicos, como os de tendências humanísticas.<sup>88</sup>

Outros romancistas são por ele lembrados: Balzac, que desejava “ser menos um ficcionista no sentido ordinário da palavra, que um historiador social”.<sup>89</sup> Para Freyre, Balzac teria desenvolvido todo um método, pautado não somente pela preocupação com o homem antropológico, sociológico ou histórico, mas também com o homem biográfico. Com a noção homem biográfico, ele parece sugerir a ideia de uma verdade que só pode ser captada examinando-se de perto os aspectos mais íntimos e subjetivos do ser humano. Segundo Edilberto Coutinho,

para Gilberto Freyre, o que Balzac parece ter desejado terá sido a ficção em torno das relações humanas surpreendidas em seus vários setores e nos seus

<sup>85</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: seminovela. Op. cit. p. 180.

<sup>86</sup> FREYRE, Gilberto. *Prefácios desgarrados*. Op. cit.

<sup>87</sup> FREYRE, Gilberto. *Heróis e vilões no romance brasileiro*. Op., cit., p. 60

<sup>88</sup> Idem, p. 24.

<sup>89</sup> Idem, p. 45.

aspectos cotidianos, mais do que nos excepcionais, sustentada por um tipo de história social ou por uma espécie de sociologia da história.<sup>90</sup>

Segundo Freyre, também Tolstoi, Thomas Mann, André Malraux produzem romances capazes de suprir “o antropólogo, o sociólogo, o historiador, o biógrafo cientificamente orientado em suas técnicas de análise e de interpretação de valiosas sugestões além de quase-científicas, quase-filosóficas”.<sup>91</sup> Edilberto Coutinho, examinando não somente *Heróis e vilões*, como também alguns dos prefácios que Freyre produziu para obras de crítica de literatura brasileira, conclui que este autor está em constante busca por um “conteúdo social” na literatura, sem, entretanto, considerar que tais elementos “devam prevalecer sobre a expressão literária das obras estudadas”.<sup>92</sup>

Freyre aproxima o romancista não apenas de cientistas sociais e historiadores, como também de biógrafos. Para ele, o trabalho de biografar pessoas comuns as transforma em “sujeitos-objeto” de estudos que “concorrem para nosso mais profundo e mais extenso conhecimento do Homem através de expressões menos notáveis ou menos ilustres dos seus diferentes tipos antropológicamente significativos”.<sup>93</sup> Ele então nos dá alguns exemplos que chamam sua atenção na literatura nacional: o sargento de milícias, o bom crioulo, o moleque Ricardo e o pequeno burocrata Gonzaga de Sá. Ressaltamos, porém, que nestas biografias o elemento imaginativo se sobrepõe completamente a dimensão do real. O destaque aqui, e que importará bastante em nosso segundo capítulo, é justamente que Freyre vê a construção de personagens na literatura como uma forma de se escrever biografias. É, portanto uma biografia de seus personagens que ele se entende fazendo nas seminovelas. Os recursos dos quais ele lança mão são de fato condizentes com diversas características que François Dosse atribui ao gênero biográfico, sendo uma das mais interessantes o uso, dentro da narrativa, de um diário do herói morto.

O filho de Dona Sinhá guardaria até os seus dias já de quase padre a recordação das suas primeiras experiências de seminarista em Olinda. Ao seu amigo, o agora médico, contara algumas dessas experiências, que colocou também no seu diário cheio de frases em latim – um caderninho que pode ler graças ao velho Gaspar.<sup>94</sup>

Para François Dosse,

---

<sup>90</sup> COUTINHO, Edilberto. Op. cit., p. 52.

<sup>91</sup> FREYRE, Gilberto. *Heróis e vilões no romance brasileiro*. Op. cit., p. 46.

<sup>92</sup> COUTINHO, Edilberto. *A imaginação do real*: Op. cit., p. 54.

<sup>93</sup> FREYRE, Gilberto. *Heróis e vilões no romance brasileiro*. Op. cit. p. 46.

<sup>94</sup> FREYR/E, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Op. cit., p. 121.

a fonte autobiográfica tem, é certo, uma importância capital porque dá ao biógrafo a ilusão de penetrar no âmago da personagem e chegar bem perto da sua intencionalidade. Ele obtém assim, circulando entre os diversos registros, um efeito “estereofônico”. O uso de “memórias”, confissões ou registros autobiográficos é adotado de formas diversas nas biografias; dá a entender que se está mais próximo da restituição autêntica do passado.<sup>95</sup>

Já observamos como o narrador-personagem joga com a própria falta de onisciência, e é justamente nesta pretensa ausência de conhecimento total do universo ao redor e nos esforços que faz para desvendá-lo que está o motor da trama, que evolui conforme o narrador faz suas descobertas e as expõe ao leitor. O narrador também deixa claro que está ciente de estar cometendo uma espécie de adultério.

A história como que me surpreendera a querer traí-la, entregando-me a namoros com a ficção; e antes que se consumasse o desvio como que me fazia voltar aos seus braços femininos porém fortes, absorventes, imperiais. A verdade, porém, é que eu experimentara o gosto da traição; meu namoro com a Ficção não pensasse a história que fora de todo platônico. Fora um tanto sensual.<sup>96</sup>

História e ficção são personificadas num triângulo amoroso com o narrador-personagem, que a seguir confessa desejar as duas como se fossem capazes de se tornar uma única e mesma coisa: “haveria um tempo artisticamente fictício que fugisse ao domínio do histórico mas fosse perseguido pelo histórico até os dois tempos se tornarem, pelo menos em alguns casos, um tempo só”<sup>97</sup>. Fica sugerido assim que a busca por uma verdade rigorosamente histórica pode acabar passando mais perto da ficção do que gostariam os adversários intelectuais de Freyre, e que haveria outras formas de se buscar uma verdade humana que não o quantitativismo racionalista. Como veremos novamente no próximo capítulo, Gilberto Freyre procurava ir o mais longe possível com suas descrições, afim de, com isso, chegar a uma melhor compreensão do real. Podemos examinar a opção de Freyre pela novela – ou romance – como estratégia descritiva e, consequentemente, de compreensão. De acordo com Peter Gay,

a ficção pode, sem dúvida, oferecer a veracidade dos detalhes; os romancistas e poetas não são estranhos à pesquisa [...]. Mas [os fatos verdadeiros na ficção] existem para fornecer cenários plausíveis às personagens imaginadas, para facilitar o ingresso do leitor num mundo fictício que lhe foi criado pelo escritor. A verdade é um instrumento opcional da ficção, não sua finalidade essencial.<sup>98</sup>

<sup>95</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 68.

<sup>96</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o filho padre*. Op. cit., p. 16-17.

<sup>97</sup> Idem, p. 17.

<sup>98</sup> GAY, Peter. *O estilo na História: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 172.

Segundo Ivan Jablonka, um romance ajuda a esclarecer a realidade não por ser ele verossímil ou documentado, mas pela qualidade de sua abordagem. Para Jablonka, isto explicaria o porquê ser “mais útil ler Proust do que um mau sociólogo; *Le zéro et l'infini* e 1984 mais do que um trabalho entediante sobre o stalinismo”.<sup>99</sup> Os procedimentos investigativos não são privilégio das corporações acadêmicas, portanto. A investigação é um “esquema universal de pensamento que pode ser aplicada e estendida tanto às ciências quanto à vida cotidiana. Ela é familiar, simultaneamente, ao detetive, ao policial, ao juiz de instrução, ao jornalista, ao arqueólogo, ao historiador e ao sociólogo”.<sup>100</sup>

Aproximar a narrativa histórica das narrativas compostas por romancistas foi um movimento tentado por diversos intelectuais contemporâneos de Freyre nos anos 1970 e 1980, mas com os quais, até onde pode averiguar esta pesquisa, ele não travou contato. Possivelmente seus interesses nestas suas últimas décadas de vida não recaíam sobre as novidades mais atuais em teoria da história ou historiografia. Além disso, vale a pena lembrar que o caráter imaginativo e subjetivo do fazer historiográfico já havia sido notado mesmo pelos metódicos do século XIX. De Acordo com Langlois e Seignobos

toda imagem histórica contem, portanto, uma forte dose de fantasia. O historiador não pode eliminá-la, mas pode calcular os elementos reais que entram nas imagens e, sobre êstes, erigir a sua obra; estes elementos são os que ele conseguiu nos documentos.<sup>101</sup>

Para Elias Palti, o chamado giro linguístico “nace justamente a partir de la crisis de las hermeneuticas tradicionales [...], cuál es su contribución específica, y cuáles, en fin, sus limitaciones inherentes”.<sup>102</sup> Neste sentido, para Palti, *Metahistória*, de Hayden White, seria um rechaço explícito a “cualquier posibilidad de validar intersubjetivamente una determinada perspectiva histórica, pues su aceptación o rechazo se fundaría puramente en consideraciones precríticas”.<sup>103</sup> De fato, Hayden White chegou a afirmar que

as histórias, portanto, não são apenas sobre os eventos, mas também sobre os conjuntos de relações possíveis que esses eventos figuram de maneira passível de demonstração. Esses conjuntos de relações, contudo, não são imanentes aos

<sup>99</sup> JABLONKA, Ivan. O terceiro continente. *ArtCultura*. Tradução de Alexandre de Sá Avelar. Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 9-17, jul.-dez. 2017, p. 16.

<sup>100</sup> Idem, p. 14.

<sup>101</sup> LANGLOIS, Charles; SEIGNOBOS, Charles. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Renascença, 1946, p. 156

<sup>102</sup> PALTI, Elias José. “Giro linguístico” y historia intellectual. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p. 16.

<sup>103</sup> Idem, p. 71.

próprios eventos; existem apenas na mente do historiador que reflete sobre eles.<sup>104</sup>

Ficaria assim a representação do passado à mercê de uma grande subjetividade, impossível de ser refutada inteiramente, ao menos no caso dos grandes clássicos. Ao refletir sobre o fardo do historiador, no final dos anos 1970, White é enfático em colocar em xeque a velha definição da história como um meio termo entre ciência e arte. Acusa os historiadores de ainda estarem apegados a versões do século XIX do que seriam os discursos científico e artístico. Propõe, afinal, que o historiador aceite que seu trabalho não deve ser uma tentativa de representar o passado tal qual este realmente se deu; para White o historiador é como

um artista ou cientista moderno [que] procura explorar uma dada perspectiva do mundo que por sua vez não pretende exaurir a descrição e a análise de todos os dados em todo o campo do fenômeno mas, ao invés disso, oferece-se como uma possibilidade dentre várias de desvendar certos aspectos do campo.<sup>105</sup>

Sendo assim, os aspectos mais polêmicos do pensamento de Freyre ganham relevo em seus romances, e são ali defendidos de forma mais conspícuas, pois neles o autor está, de acordo com o consenso em relação a natureza das representações artísticas, oferecendo a exploração de uma dentre muitas perspectivas possíveis. O próprio Paulo Tavares conclui que a arte não era senão “secundariamente ética”; isto após uma reflexão cínica que lhe inspira a passagem por Londres – a de que “nós, no Brasil, não chegávamos a ter propriamente miséria. O que tínhamos, e muito, era pobreza. Em Londres a miséria é que reinava, em vez da pobreza.”<sup>106</sup> Conseguimos perceber nestas palavras o peso da ideia – que Freyre atribuí ter tido graças aos influxos que recebeu de José de Alencar – de que a mão de obra escrava no Brasil vivia em condições melhores que os trabalhadores livres e assalariados da Europa capitalista. É fato, porém, que o autor Gilberto Freyre manifestou, noutros momentos, opiniões diferentes sobre a questão da miséria no Brasil. Em artigo de 1939 ao correio da manhã, engajado na oposição aos projetos urbanísticos que tencionavam destruir os mocambos, Freyre escreve que uma tal medida “queimarará talvez a palha de milhares de choças, mas não destruirá o problema da miséria brasileira. Miséria não só urbana como rural que precisa ser considerada pelos nossos homens de responsabilidade nas suas bases, e não nos seus aspectos superficiais.”<sup>107</sup> É uma

---

<sup>104</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São paulo: EDUSP, 1994, p. 110-111.

<sup>105</sup> White, Hayden. The burden of History. In: \_\_\_\_\_, *Tropics of discourse: essays in cultural criticism*. p. 46.

<sup>106</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: Seminovela. Op. cit., p. 72.

<sup>107</sup> FREYRE, Gilberto, Mais Realismo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. 6 out. 1939, p. 4. apud MESQUITA, Gustavo. *Gilberto Freyre e o Estado Novo: região, nação e modernidade*. São Paulo, Global, 2018, p. 165. Grifo nosso.

possível mudança de pensamento que pode ser captada neste exame do *corpus*: o tratamento dado à miséria no Brasil. Não deixemos de observar, entretanto, que o período ao qual o personagem Paulo se refere é o século XIX, fase em que a urbanização e as mudanças, embora em processo, ainda não estavam assentadas. O Freyre militante de 1939 olha para um Brasil que, em sua opinião, sofre já há décadas as funestas consequências da assimilação do capitalismo burguês, do abandono das tradições, do declínio do patriarcado com seus vícios e alegadas virtudes. Entretanto, a colocação atrelada de que a arte seria apenas “secundariamente ética” carrega toda a conclusão de Paulo com ironia: ao negar a existência da miséria no Brasil ele coloca Freyre como alguém que pode não estar sendo honesto consigo mesmo ou com o leitor.

Embora fosse um estreante na ficção propriamente dita, Freyre tinha a retaguarda bibliográfica de seu extenso *corpus*, que munia de fôlego suas estratégias representativas vazadas pelo (auto)biografismo, pela reprodução de reminiscências e pelo que Nicolazzi coloca como uma grande aproximação autor-obra, em oposição ao signo da distância estabelecido por Euclides da Cunha. As seminovelas freyrianas seriam, assim de certo modo, a continuação do trabalho de pesquisa incessante do autor pela própria vida, na sua obra sempre aberta, em associação aos assuntos brasileiros; mas seriam também uma provocação a seus competidores uspianos, de mais de uma maneira.

Primeiramente, reforçando e justificando ainda mais a autodesignação de “escritor”, que tanto incomodava Carlos Guilherme Mota e outros por parecer muitas vezes uma evasão.<sup>108</sup> Embora presente-se em *Dona Sinha* com diversos avisos ao leitor a respeito de seu quase amadorismo como novelista e ficcionista, por outro lado o Freyre autor dos prefácios de *Sobrados e mucambos* – redigidos pouco tempo antes - envadece-se das aproximações de seus ensaios com romances e de si com romancistas. É digno de se perguntar, portanto, até onde ele realmente se via como mero estreante. No que ele se via estreando, afinal?

Em segundo lugar, ao plasmar, explicitamente, narrativa histórica e discurso ficcional num mesmo texto – criando inclusive o artifício de distinguir graficamente o que seria “invenção” do que seria “verdade” por meio de caracteres em itálico (e, curiosamente, banindo esta diferenciação na segunda seminovela) – Freyre deixa aberta mais do que nunca a possibilidade de manter ativo o papel do autor e de sua subjetividade na construção do conhecimento histórico, assim como dos demais saberes que ele decide trabalhar em seu texto.

---

<sup>108</sup> MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira* (1933-1974). São Paulo: Ática, 1977.

A questão dos “saberes da literatura” voltou a chamar a atenção, segundo Judith Lyon-Caen, quando um dossiê, publicado pelos *Annales*, em 2010, procurou

identificar, na história, a maneira pela qual a literatura, por suas formas, suas técnicas narrativas, seus dispositivos descritivos ou enunciativos, pode oferecer “operações cognitivas”, assumir a “partilha dos saberes” e ser, incessantemente, o lugar onde se pensa e narra a própria historicidade da experiência humana em sua relação com o tempo.<sup>109</sup>

De fato, Anheim e Lilti expressaram, na introdução a este dossiê, que poderia ser mais produtivo, ao invés de investigarmos apenas o que há de ficção e de invenção estilística na narração dos historiadores, se interrogar de quais saberes a literatura é portadora. Com efeito, para estes autores

identificar a literatura à ficção implica situar-se imediatamente no domínio do verdadeiro e do falso, seja para opor a ficção, como fabricação e como simulação lúdica, aos discursos verídicos da ciência ou, ao contrário, para abstrair a ficção de toda interrogação sobre a relação verdadeiro/falso, apoiando-se em uma definição pragmática e antropológica. Ora, um saber não é necessariamente uma representação verificada de fatos empíricos oriundos do mundo histórico. As obras literárias mobilizam procedimentos textuais que correspondem a operações cognitivas (tipologia, descrição, generalização, narração...).<sup>110</sup>

Entretanto, Lyon-Caen alerta que as coisas se tornaram progressivamente mais complexas desde então, já que houve uma tomada de consciência de que a história produzida nos romances é, primordialmente, uma operação literária, em cujas descrições os “efeitos de real” podem acabar não revelando muito sobre as experiências vividas. Ainda assim, Lyon-Caen reconhece que

a escrita literária se alimenta constantemente do saber histórico, de suas questões e de seus objetos, dos arquivos que ele traz à luz e dá a ler, de seus modos de investigação e de figuração do passado. Por seu turno, as incertezas da exploração do passado, o caráter tênue ou fragmentado dos vestígios, os silêncios dos arquivos, a fragilidade do próprio historiador – cujos interesses, os questionamentos, os afetos relacionam-se a muitos aspectos poucos explícitos – em suma, tudo o que inquieta e informa o trabalho e o saber histórico pode suscitar uma busca pela escrita.<sup>111</sup>

As implicações disto se tornam bastante claras na ficção freyreana, na medida em que vemos nela a suavização das relações entre senhores e escravos: o que suscita em Freyre a busca pela escrita é seu desejo de compor com os fragmentos do passado os cenários de seu Brasil

---

<sup>109</sup> LYON-CAEN, Judith. Histoire et littérature. In GRANGER, Christophe (org.). *À quoi pensent les historiens ? Faire de l'histoire au XXIe siècle*. Paris : Éditions Autrement, 2013, p.64.

<sup>110</sup> Idem, ibidem.

<sup>111</sup> LYON-CAEN, Judith. Op.cit., p.68.

mestre em tolerância racial: há o moleque, companheiro de brinquedos do protagonista José Maria, figura curiosa que parece não ser afetada pela passagem do tempo, com que Dona Sinhá fala “na voz sempre autoritária, mas ao mesmo tempo muito doce na expressão dos olhos e do rosto inteiro<sup>112</sup>; a mucama, verdadeira “mãe preta” de José Maria, responsável por dar-lhe uma espécie de segunda educação, tal mucama era “como se fosse pessoa da família”, não estando, entretanto totalmente livre das admoestações de sua senhora, Dona Sinhá: ela decide, preocupada com a educação de seu filho criança,

repreender Inácia por ser desbocada. Mas era injusta com a negra. Inácia, sem ser respondona, dizia um tanto enfática que eram aquelas as palavras que ela conhecia. Dona Sinhá se achava o seu palavrado tão feio que mandasse coser sua boca como se fazia com a boca dos sapos. Dona Sinhá acabava rindo da negra. E dizendo-lhe na sua voz meio fanhosa de Wanderley-sinhá: “é mesmo o que eu devia fazer. Tu tens mesmo boca de sapo. Mais de sapo do que de gente, negra atrevida que só nasceste para senzala de engenho!” Riam as duas. Mas José Maria ficava às vezes desnorteado com aqueles desencontros: da Mãe com Inácia. Da branca com a preta.<sup>113</sup>

A condição de escrava da “pessoa da família” não deixa de ganhar relevo evidente na discussão, a despeito da cordialidade. Mesmo assim a conversa termina em risada; e a inocência infantil do protagonista impede que ele comprehenda tudo o quanto subjaz este desentendimento entre as duas. Ao fim e ao cabo, a cordialidade das relações só é possível porque inácia reconhece seu devido lugar de subalterna e aceita-o. Outro dos casos mais marcantes dessa suavização está expresso em *O outro amor*, quando tomamos conhecimento da relação que os Barões do Itaingá, residentes em Paris, tem com seu pajem e sua mucama, Gabriel e Rosa – que são também filhos bastardos do Barão com suas escravas. A adaptação dos dois à vida de serviços em paris é descrita como “uma bem sucedida experiência de caráter sociológico em que veteranos abriam a gente de sua raça e de sua classe o caminho para a necessária adaptação a meio estranho”.<sup>114</sup> Tal abertura de caminhos conduz, para o autor, a uma situação ideal que, em nossa opinião, não é exagero dizer que beira o ridículo.

Notava-se que Rosa e Gabriel, se continuavam a ter motivos íntimos para certa tristeza, não se mostravam, no serviço na casa parisiense de seu ioiô e de sua iaiá, gente infeliz ou degredada mas, ao contrário, feliz e africanamente alegre. Quase sempre sorrindo. Sempre pronta a servir, a ajudar e até socorrer gente mais importante porém não mais feliz do que ela.<sup>115</sup>

---

<sup>112</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 10.

<sup>113</sup> Idem, p. 36.

<sup>114</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: Seminovela. Op. cit., p.179.

<sup>115</sup> Idem, ibidem.

Também é interessante lembrar que por maiores que sejam as qualidades da mestiça Rosa, e mesmo que o viúvo Paulo acabe se unindo a ela, é por sua irmã de ancestralidade lusa pura, Maria Emilia, que Paulo verdadeiramente se apaixona; é nela que estão todas as virtudes da inteligência e o ânimo criador. Rosa é para a viudez de Paulo um triste consolo, tal qual seu cachimbo. Assim, quando Luís Costa Lima aponta uma proximidade muito maior do que se imagina entre o Freyre de 1930 e as ideias racistas de Oliveira Vianna<sup>116</sup>, podemos observar que as características que o levaram a esta conclusão persistem em outras modalidades de escrita exercitada por Freyre décadas depois. Freyre cria, dentro de sua ficção, tipos sociológicos, dos quais se serve para dar legitimidade a diversas de suas proposições. Esses tipos são tipos

chamados *ideais* por alguns sociólogos influenciados por Max Weber: e que, simplificando um tanto arbitrariamente o conceito do alemão, são tipos feitos pela reunião de figuras individualmente existentes. Existentes em tal número que são suscetíveis de ser reduzidas a tipos sociologicamente válidos. Também figuras novelisticamente válidas, é o que o autor de *Dona sinhá e o Filho Padre* procura sugerir no seu talvez romance.<sup>117</sup>

É no mínimo interessante quando pensamos que, se Freyre pretendia recriar os “tipos ideais” de nossa sociedade, ele em nenhum momento se preocupou em criar o tipo do negro que sofreu com a escravidão ou o racismo. Inácia, Luzia, Rosa e Gabriel são todos escravos felizes, “gente africanamente alegre” em sua servilidade, contentes com os sobejos que lhes concede a aristocracia.<sup>118</sup> No trecho também vemos como em sua visão a figura do sociólogo tendia a se embaralhar com a do romancista. Possivelmente estas diferentes ramificações de sua atividade intelectual se amalgamavam no que, para Gilberto Freyre, era o “ser escritor”.

Freyre revela uma concepção da história segundo a qual esta não deveria ser outra coisa que não “a essência de inúmeras biografias”.<sup>119</sup> A frase é na verdade atribuída a Carlyle<sup>120</sup>,

---

<sup>116</sup> COSTA LIMA, Luiz. *A Aguarrás do tempo*: Estudos sobre narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

<sup>117</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Op. cit., p. 180.

<sup>118</sup> Sobre o tipo ideal weberiano, Virgínia Fontes diz que trata-se de uma “construção conceitual, *inexistente na realidade*, na qual o pesquisador realiza um ‘juízo de atribuição’”. [...] Weber considera o tipo ideal como ‘utopia’, cuja elaboração depende da acentuação unilateral de um ou vários ponto de vista, contribuindo para dar homogeneidade a uma ‘figura do pensamento’. A noção de tipo ideal [...] não remete, pois, imediatamente à própria realidade, mas às ideias que podemos construir dessa realidade”. Podemos perceber, assim que Freyre constrói, dentro de sua literatura, alguns modelos através de suas personagens tipificadas. Tais modelos podem ser, entretanto, mais contrafactualis do que, como pretendia o autor, representativos de nossa realidade social. Ver FONTES, Virginia. “História e modelos”. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 363-4.

<sup>119</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Op. cit., p. 28.

<sup>120</sup> Thomas Carlyle (1795-1881), historiador, matemático, tradutor, ensaísta e filósofo escocês.

intelectual que teve grande influência sobre Freyre em sua juventude. No capítulo seguinte, veremos de que forma esta ideia lhe deixou uma forte impressão, profunda o bastante para incidir na forma como foi realizado o ensaio *Ordem e Progresso*. Aqui gostaríamos de apontar para a dimensão imaginativa que existe em toda composição biográfica: segundo François Dosse, há uma “tensão entre a ânsia de verdade e uma narração que deve passar pela ficção e que situa a biografia num ponto médio entre ficção e realidade histórica. Em suma, uma ficção verdadeira”.<sup>121</sup> Freyre pretende, portanto, aproximar o discurso historiográfico do ficcional. Encontramos isto mais explicitamente em *Dona Sinhá*.

A aventura em que eu estava mergulhado talvez me levasse a ideias de tal modo novas sobre as relações entre o tempo histórico e o tempo artisticamente fictício que todo esse meu pensar de agora tivesse de ser revisto. Haveria um tempo artisticamente fictício que fugisse ao domínio do histórico mas fosse perseguido pelo histórico até os dois tempos se tornarem, pelo menos em alguns casos, um tempo só? Haveria uma verdade aparentemente inventada - a da ficção - parecendo independente da histórica, mas de fato, verdade histórica, a qual, solta no ar - no ar psíquico - a sensibilidade ou a imaginação de algum novelista mais concentrado na sua procura de assunto e de personagens, a aprendesse por um processo metapsíquico ainda desconhecido?<sup>122</sup>

Este é o monólogo interior pelo qual passa o próprio autor nas primeiras páginas de seu romance. É sugestivo que o mesmo transcorra numa igreja, local de materialização do imaginário, já que é justamente esse processo de materialização que se dá no texto, quando o Gilberto Freyre real se vê confrontado por suas próprias criaturas, pela própria narrativa que imaginara. Ele se declara francamente perplexo quando uma figura

fictícia me declarava que não era fictícia: que existia. Existia à minha espera, já que eu a adivinhara, ao tentar compreender tempos inatuais perdidos no meio dos atuais. Veio-me de súbito, agora com uma nitidez absoluta, a ideia, sugerida pela própria D. Sinhá, de que eu, com efeito, só a procurara, porque ela existia: ideia, repita-se, de sabor um tanto pascaliano.<sup>123</sup>

Pascal pode ser considerado o “guia espiritual” de Gilberto Freyre.<sup>124</sup> Dosse nos lembra como os famosos *Pensamentos* de Pascal são – como seria toda a escrita por si mesma – um olhar sobre a morte, um livro “acossado pelo medo de morrer”.

No livro, Pascal avisa que *se* morrerá sozinho. Michel Schneider considera essa declaração a mais significativa do modo como Pascal viveu sua Própria morte, empregando o impersonal como negação da singularidade de seus *Pensamentos*, mas conservando sempre um texto onde afirma, ao contrário, que jamais se morre só.<sup>125</sup>

<sup>121</sup> DOSSE, François. Op. cit., p. 12.

<sup>122</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 17.

<sup>123</sup> Idem, p. 7.

<sup>124</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., p. 317.

<sup>125</sup> DOSSE, François. Op. cit., p 58.

É significativo, tendo estas observações em conta, que os dois protagonistas das seminovelas de Freyre, José Maria e Paulo, sejam falecidos. A morte de Paulo se dá pelo coração: um “fim digno do romântico que sempre fora o pernambucano”.<sup>126</sup> A personalidade romântica de Paulo seria um indício de sua identificação com seu criador, já que, como diz Elide Rugai Bastos,

a particularidade da análise de Gilberto é que procura mostrar que os elementos do passado, os quais, no Brasil, racionalmente haviam sido banidos da vida pública e oficial, continuaram a desenvolver-se, não se retraíram para o privado, não permaneceram na periferia da vida dos indivíduos. Continuaram constitutivos do social. Isto faz dele um intelectual que busca a compreensão daquelas forças sociais que têm raiz no passado. Por esse motivo tem sido apontado por vários autores como um *romântico*, portanto conservador.<sup>127</sup>

Já o ocaso de José Maria guarda referências mais evidentes com as reflexões pascalianas: ele morre de tísica, e suas últimas palavras, dirigidas à mãe, Sinhá, foram: “Agora é a vez de Nossa Senhora me receber junto dela. Lá eu espero por vosmecê. Não podemos ir juntos. Deus quer que cada criatura morra separada das outras. *Cada um tem que morrer sozinho.*”<sup>128</sup> As relações de *Dona Sinhá* com pascal são, portanto, bastante profundas. Esta primeira seminovela tem um matiz filosófico, o que também antecipa algo de seu caráter ensaístico: a narrativa é mobilizada tanto no sentido de criar e imaginar quanto de reconstruir o passado e elaborar teorias a respeito da sociedade, das quais tenta convencer o leitor. A criação histórica, porém, “ficção lavrada”, é dado um espaço diferenciado no texto: já mencionamos anteriormente que, em *Dona Sinhá*, há trechos que são grafados em itálico, pontilham o texto de forma intermitente, e o autor explica que “constituem passagens rigorosamente históricas”.<sup>129</sup> É uma diferenciação gráfica curiosa, feita com base em critérios epistemológicos, por alguém preocupado em diferenciar, para o público leitor, o real do fictício. É de se perguntar se o autor teria feito tal escolha por didatismo, ou se ela revela algum tipo de pretensão a inovar. Talvez seja algo que confunda, mais do que revele, as sutis e intrincadas relações entre narrativa histórica e discurso ficcional – sobretudo por que, como observa Edilberto Coutinho, ao

---

<sup>126</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: Op. cit. p. 238.

<sup>127</sup> RUGAI BASTOS, Elide. *As criaturas de prometeu. Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo: Global 2006, p. 44-45.

<sup>128</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o filho padre*. Op. cit., p. 59. Grifo nosso.

<sup>129</sup> Idem, p. 177.

biografar o co-herói de sua seminovela, o muito verdadeiro bispo Dom Vital Maria<sup>130</sup>, Freyre deliberadamente ignora essa distinção (coisa que não se repete com as biografias de outros personagens reais que também integram a narrativa, tal qual Joaquim Nabuco). A primeira vez em que lança mão deste recurso, o narrador-personagem está na Igreja da Penha, a relembrar suas cervejadas com os frades, e a figura de um fraudezinho “com grandes olhos de mulher gulosa”, torturado pelo desejo que tinha por “aventuras impossíveis a um frade”.<sup>131</sup> Tudo inventado. Diferente da história que vem em seguida, de um frade que tinha “até odor de santo; e era mesmo um santo na sua vida e pelo que sua presença espalhava de mais que bom, onde quer que ele aparecesse”.<sup>132</sup> E começa, então a grafar os dois parágrafos seguintes em itálico:

*Chamava-se Frei Daniel e era italiano. Não me lembro de ter visto nunca, em rosto nenhum, de homem ou de mulher, de velho ou de menino, um sorriso igual ao desse frei Daniel. Talvez sorrisse assim São Francisco de Assis. Havia, entretanto, um anti-Frei Daniel na penha desses meus dias de moço e amigo de alguns de seus frades, embora não fosse religioso de ir a missa e rezar aos santos nem estivesse querendo ser da Igreja. Um anti-frei Daniel igual aos frades devassos das caricaturas. Um dia, entrando na sacristia de sapatos de sola de borracha (pois estivera a jogar tênis com uns ingleses da Western no Beco do Padre Inglês) que havia eu de surpreender? Esse frade lúbrico, revestido do hábito de capuchinho, a servir-se à francesa de uma mulatinha, de saias arregaçadas, que ele fizera sentar-se sobre uma larga e seráfica cômoda de jacarandá.*<sup>133</sup>

Ora, a primeira dessas situações “rigorosamente históricas” que o itálico pretende sinalizar é, falando a grosso modo, uma fofoca. Um episódio anedótico, testemunhado pelo narrador-personagem e que, a se fiar no texto, tem neste testemunho sua única comprovação. Praticamente uma troça com o leitor. Embora muitos destes trechos venham seguidos de menções a fontes em jornais, outras tantas tem o mesmo caráter anedótico e são baseadas no diz que-me-disse. Vejamos mais um exemplo.

*Nabuco era um tipo perfeito de corpo. Uma vez ouvi o Frederico, filho do velho João Ramos, dizer que tendo o pai tomado banho em Beberibe com Nhô Quim quando Nhô Quim era moço, êle, João Ramos e parece que Maciel Pinheiro, além de outros abolicionistas graúdos, foram medir as pirocas e entre as maiores não estavam a de Ramos e a de Nhô Quim, a do belo Quincas. Eram regulares, e não desmesuradas.*<sup>134</sup>

---

<sup>130</sup> Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1844-1878) foi o 20º bispo de Olinda. Protagonizou os conflitos da Igreja com a Maçonaria entre 1872 e 1875, ano em que chegou a ser preso e levado para o Rio de Janeiro. Foi triunfalmente restituído a sua diocese em outubro de 1876. Faleceu na França em julho de 1878.

<sup>131</sup> Idem, p. 19.

<sup>132</sup> Idem, ibidem.

<sup>133</sup> Idem, ibidem. Mantivemos nesta citação o itálico do livro.

<sup>134</sup> Idem, p. 54. Grifos do autor

Qual, portanto, o critério de rigor histórico do autor para grafar em itálico esta passagem, e não outras? Mas há de fato trechos em que o recurso do itálico serve, claramente, para separar o Wanderley imaginário João Gaspar dos Wanderley reais: “Era interessante ouvir falar esse outro Wanderley de Serinhaém. A mesma voz arrastada dos outros. Arrastada e fanhosa. *Igualzinha à voz do meu tio-avô Manuel da Rocha Wanderley, filho do Wanderley dos palitos.*”<sup>135</sup>

Ao falar de autores como Truman Capote e Norman Mailer, considerados fundadores de um gênero literário de “não-ficção criativa”, Peter Gay, pondera se eles não estariam prestando um desserviço ao “confundir dois âmbitos distintos sem proveito para nenhum deles”.<sup>136</sup> Uma de nossas perguntas é se as seminovelas de Gilberto Freyre não cairiam nesta mesma armadilha, ou se em vista dos exemplo que usamos, não estaria na verdade jogando com o leitor, para, quem sabe, induzi-lo a alguma reflexão.

Ivan Jablonka, oferece uma visão distinta destes mesmos autores sobre os quais Gay lança suspeitas. Em seu pequeno ensaio, “O terceiro continente”, Jablonka observa que “o mapa mundi da escrita é preenchido por dois continentes”: um deles seria o frutífero território da literatura fecundada pelo romance, uma “pátria” de jardins suspensos aonde o imaginário consegue realizar todas as suas potencialidades. O outro seria a terra ignota dos “utilitários”: artigos de imprensa, documentos, blogs, notícias, longos discursos, informações, etc.<sup>137</sup> “São os terrenos áridos do real e do verídico, cercados por um grande lago salgado composto pelas ciências sociais: história, sociologia, antropologia, economia etc.”<sup>138</sup> Jablonka nos diz que, ao longo do século XX, assistiu-se a emergência de um terceiro corpo, composto por

uma literatura-pesquisa indissociável dos fatos a serem estabelecidos, as fontes que a atestam e a forma pela qual elas são relatadas; um conjunto de textos bastardos, entre cães e lobos, sem cartas de nobreza, em contato com o mundo e plenamente democráticos; textos mais desejosos de compreender do que de narrar ou inventar; uma forma de escrita alimentada pelo espírito das ciências sociais, atormentada pela vontade de decifrar o nosso mundo; uma literatura que procura compreender o que está acontecendo, o que se passa, o que se passou, o que os desaparecidos e o mundo antigo se tornaram; um novo espaço que permite inscrever o verdadeiro em formas renovadas.<sup>139</sup>

Diversos autores são indicados como realizando esta literatura-pesquisa em diferentes países, Capote e Mailer nos Estados Unidos, Joseph Kesel na França, Primo Levi na Itália, etc.

---

<sup>135</sup> Idem, p. 50. Grifos do autor.

<sup>136</sup> GAY, Peter. Op. cit., p. 175.

<sup>137</sup> JABLONKA, Ivan. Op. cit., p. 10

<sup>138</sup> Idem, ibidem.

<sup>139</sup> Id., p. 17

Entretanto, gostaríamos de apontar aqui que no romance de formação nacional *O guarani*, José de Alencar lança mão de notas de rodapé que, em sua narrativa, exercem função similar àquela que Freyre empresta ao itálico de *Dona Sinhá*: no segundo capítulo, por exemplo, ao se referir pela primeira vez a um dos principais personagens do livro – Dom Antônio de Mariz – Alencar ressalta em nota que “este personagem é histórico, assim como os fatos que se referem ao seu passado, antes da época em que começa o romance”.<sup>140</sup> Da Matta afirma que

o indianismo e o regionalismo de Alencar são transbordantes em referências explicativas, com intuito de demonstrar que sua ficção está toda montada em uma arquitetura científica, construindo, desse modo, sua mescla, o hibridismo alencariano.<sup>141</sup>

Freyre, por sua vez,

coloca em itálico o que é histórico, com minuciosas descrições de passagens memoriais e de fatos reais, para diferenciar daquilo que seria o propriamente ficcional, iniciando-se como ficcionista à moda alencariana, até mesmo pelo tempo social da seminovela, que se passa durante o Segundo Império, radicalizando a mescla, cientista-escritor-literato, mas sem deixar de seguir alguns parâmetros de sua sólida formação acadêmica.<sup>142</sup>

Assim, mais do que confundir categorias, Freyre procurava seguir no esteio de interlocutores textuais que lhe pareciam paradigmáticos na evolução do romance brasileiro.

Também Flávia Leiroz aproxima os textos em primeira pessoa do singular – como o são as seminovelas - da categoria proposta por Jablonka: a de uma literatura pesquisa capaz de fazer circular o conhecimento. Leiroz discute este tipo de texto autorreferencial como sendo capaz de “produzir teoria, propor a construção de uma experiência e, utilizando recursos estéticos e literários, envolver o leitor na discussão sobre memória, ficção, história e subjetividade”.<sup>143</sup>

Assim, é possível que a riqueza de elementos transforme *Dona Sinhá* num objeto ímpar para compreender o modelo de representação do passado desenvolvido por Gilberto Freyre em seu corpus bibliográfico. De acordo com Fernando Nicolazzi,

tal modelo parece ter sido elaborado como uma espécie de resposta àquele oferecido algumas décadas antes, com a escrita de *Os sertões*, alcçado por parte da crítica daquele período como grande modelo de interpretação da cultura brasileira.<sup>144</sup>

<sup>140</sup> ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: FTD, 1998, p. 31

<sup>141</sup> DA MATTÀ, Op. cit., p. 127.

<sup>142</sup> Idem, ibidem.

<sup>143</sup> LEIROZ, Flávia. Ego-escritos: possíveis alternativas de produção teórica. XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008, p. 1.

<sup>144</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., p. 38.

Na tentativa de estabelecer um novo paradigma analítico para a sociedade Brasileira, Freyre se via forçado a “contornar” as bases lançadas por Euclides da Cunha, o que implicava não somente celebrar um consórcio entre ciência e arte, como também oferecer um modelo alternativo a um que era legitimado pelo “signo da distância”.

O sábio de Apipucos almeja por meio de sua escrita ‘tocar o nervo’ do passado, daí todo o sentido de proximidade que emana de seu texto, uma quase que contiguidade entre experiência e linguagem no anseio sempre frisado de fazer “do verbo, carne”. [...] para Gilberto é justamente esse caráter contíguo que parece lhe servir como princípio de validade para seu registro e, por isso, este dispensa uma série de procedimentos de assepsia admitidos pelo engenheiro.<sup>145</sup>

Pensamos que, a partir da década de 1960, aferrando-se à matriz de originalidade de seu principal trabalho, Freyre investe neste “caráter contíguo” como “princípio de validade para seu registro”, usando o ensaio, a escrita em primeira pessoa do singular e a ficção para, num contexto que, como vimos, era de recepção não muito favorável às suas ideias, elaborar um método de contestação aos argumentos dos que as atacavam - os intelectuais de São Paulo, em geral ligados a USP, que concebiam um projeto de modernização do Brasil em moldes bastante diferentes daqueles em prol dos quais advogava o sociólogo pernambucano.<sup>146</sup> Concluímos, assim, ser possível analisar os textos em seu contexto de produção; não nos parece suficiente, porém, fazermos isto apenas em relação a outros trabalhos de ficção que o autor via como pares. Os livros que estudamos são também parte de uma longa e elaborada resposta a um debate animado com a sociologia científica e o modernismo que emergira no eixo Rio-São Paulo. Ricardo Benzaquen de Araújo de fato sugere que passemos a pensar a produção de Freyre “não tanto como uma alternativa conservadora, mas como um outro modernismo, eventualmente distinto daquela postura a um só tempo nacionalista e modernizadora que se tornava gradualmente hegemônica entre nós”.<sup>147</sup> Além de ter trazido o pensamento romântico de volta aos debates mais atuais do seio da efervescência modernista, Freyre também animou uma vasta literatura regionalista, por um lado, e por outro esteve ativamente envolvido em decisões de estado visando uma reformulação drástica dos conceitos de regionalismo e região.<sup>148</sup>

Também não se deve perder de vista a fortuna crítica do objeto textual, e o debate que o mesmo eventualmente suscitou. Edilberto Coutinho dá conta de boa parte desta recepção,

---

<sup>145</sup> Idem, p. 41-42.

<sup>146</sup> MEUCCI, Simone. Op. cit., 2015.

<sup>147</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994, p. 21.

<sup>148</sup> MESQUITA, Gustavo. Op. cit.

especialmente no que se refere a *Dona Sinhá*. Chama a atenção o interesse que o livro despertou no exterior e por parte de Guimarães Rosa, a quem é dedicado – Rosa se entusiasmou bastante com o livro, elogiando-o como de fato fundador de algo novo em nossa literatura. Para Rosa, *Dona Sinhá e o filho Padre* seria livro “original, inovador, importante, que inaugura gênero novo a que chama de *seminovela*. Diria eu: por outro lado, uma binovela. Direi – sesquinovela, no que propõe e vou sussurrar”.<sup>149</sup> Segundo Coutinho, “Rosa se decide por considerar o livro um tipo de construção anômala, originada do cruzamento de construções literárias “normais”, espécie de casamento do ensaio com a ficção, neste experimento gilbertiano de quase ficção/quase não”.<sup>150</sup> Já observamos que o crítico Alexander Coleman também se entusiasmou com Freyre, declarando-o um dos pais obscuros da metaliteratura dos então novos tempos. O próprio Freyre se gaba desta avaliação no prefácio de *O outro amor*.

Lembre-se que da tradução ao inglês de *Dona sinhá e o filho padre* [...] escreveu, em artigo de página inteira, o crítico do *The New York Times* que era ‘metaliteratura’, significando que abria, com a seminovela, novo caminho à ficção literária. O que deixou, é claro, o autor de livro tão desdenhado pela crítica literária – mas não pelo público – do Brasil, em estado de quase êxtase.<sup>151</sup>

Quaisquer que tenham sido as críticas desdenhosas no Brasil às quais Freyre se refere, elas não parecem ter sido incluídas no extenso repertório de recepções analisado por Coutinho, exceto marginalmente. Ele aponta, por exemplo, que um outro crítico norte americano, John Wain, escreveu no *New York Times* em 1967 que acreditava que Freyre não sabia

o que é escrever ficção – “Freyre hasn’t any idea of how to write a novel” – e considera falhas as passagens em que retira a máscara do narrador, para comentar sua narrativa, afirmando ser confuso – “a paraphernalia” – o jogo entre o real e o imaginário que é armado em *Dona Sinhá*.<sup>152</sup>

Para Coutinho, porém, a crítica desfavorável de Wain pode ser atribuída ao fato de que este não lia em português, e também que a versão em inglês do romance de Freyre vinha, curiosamente, sem o posfácio do autor. Uma questão pertinente, porém, seria se Wain não estaria atento aos problemas que mencionamos, referentes a uma exagerada confusão entre narrativa histórica e ficção, e também a uma presença muito preponderante de uma ânsia de realismo, a obsessão em captar o real e produzir um retrato da nação, que relega a criação a segundo plano.

<sup>149</sup> ROSA, João Guimarães. Guimarães Rosa escreve sobre *Dona Sinhá e o filho padre*. In: Freyre, Gilberto. *Dona Sinhá e o filho padre*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, p. XXXI.

<sup>150</sup> COUTINHO, Edilberto. Op. cit., p. 133

<sup>151</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: Seminovela. Op. cit., p. 2.

<sup>152</sup> Idem., p. 119.

#### **1.4 O legado intelectual herdado e distribuído**

Freyre entende o romance como sendo capaz de abarcar a própria biografia, o que nos parece semelhante ao que aponta Marthe Robert quando ela observa que este gênero, após ter enfrentado origens humildes no ocidente, vem se apoderando

de setores cada vez mais vastos da experiência humana, vangloriando-se de conhecê-la profundamente e da qual faz uma reprodução, ora apreendendo-a diretamente, ora interpretando-a à maneira do moralista, do historiador, do teólogo e, até mesmo, do filósofo e do cientista. Similar em muitos aspectos à sociedade imperialista em que nasceu [...], ele tende irresistivelmente ao universal, ao absoluto, à totalidade das coisas e do pensamento; com isso, sem dúvida alguma, uniformiza e nivela a literatura, porém fornece-lhe escoadouros inesgotáveis, uma vez que não existe nada de que não possa tratar. Gênero revolucionário e burguês, democrático por opção e animado por um espírito totalitário que o leva a romper obstáculos e fronteiras, o romance é livre, livre até o arbitrário e até o último grau de anarquia.<sup>153</sup>

Como veremos, Freyre flirtava com a ideia de escrever romances desde a remota juventude, num período crítico de sua formação. Sua ideia era libertar o próprio trabalho dos rigores da academia e, no caso, um gênero tão eclético, livre e abrangente quanto o romance deve ter-lhe parecido inegavelmente sedutor. O formato pelo qual ele optou inicialmente, entretanto, foi o do ensaio; ou ao menos esse era o nome que ele gostava de dar a seus extensos livros de pesquisa. Mesmo assim, *Casa-grande & senzala* foi, no decurso de décadas de recepção crítica, chamado de romance, ora por entusiastas ora por detratores: entusiastas que exaltavam as qualidades artísticas e a fluidez do texto; detratores que usavam palavras como “romance” ou mesmo “ensaio” como sinônimo de embuste e falsidade.

Seja como for, O próprio Gilberto Freyre, ao contemplar sua *Introdução à história da sociedade patriarcal brasileira*, parece ter julgado que nestes estudos as margens para experimentação não haviam sido suficientemente dilatadas. Acreditamos que ele tenha decidido explorar outras formas de falar sobre o Brasil, histórico, sociológico e antropológico, falar sobre si – pois, dado a veia autobiográfica de sua obra, fica claro que os ensaios das décadas de 1930-1950 eram também uma maneira de falar, e falar muito, de si mesmo – e transformar a realidade nacional. Neste sentido, os dados levantados ao longo da pesquisa apontam para a figura de José de Alencar, o romancista brasileiro por excelência, como uma das principais questões a serem devassadas no esforço de se compreender as intenções de Freyre com sua ficção. Freyre entendia que a geração modernista que renovou as letras brasileiras em meados do século XX

---

<sup>153</sup> ROBERT, Marthe. Op. cit., p. 13.

aproximava-se de Alencar em seus esforços de buscar uma literatura genuinamente brasileira. Freyre teria, segundo da Matta,

o mérito de revalorizar a figura de Alencar em nosso sistema literário: um intelectual de alta envergadura numa sociedade cravada por preconceitos e vaidades; um tropicalista autêntico, que inventou um romance brasileiro, inventou um imaginário nacional, inventou uma língua, inventou um público; promovendo, com isso, o abrasileiramento da língua portuguesa com sua linguagem literária [...].<sup>154</sup>

Freyre traz assim a questão do romantismo para a cena dos debates modernistas. É importante frisarmos que o peso de Alencar sobre a obra de Freyre ultrapassa em muito o que posse ter ecoado nas seminovelas. Ao “reinterpretar” José de Alencar, Freyre confessa ter sido a leitura do romancista fundamental para a gênese do seu pensamento.

Ao escrever, ainda adolescente, em língua inglesa, a tese universitária sobre a sociedade patriarcal brasileira no meado do século XIX, em que procurei sugerir que o escravo do Brasil de então era tratado melhor pelo senhor rural que o operário de fábrica na Europa da mesma época, crio ter, inconscientemente, seguido sugestões de um Alencar lido com entusiasmo e até fervor na meninice.<sup>155</sup>

Em *O tronco do ipê*, Alencar de fato defende, na voz do conselheiro Lopes e de seu herói, Mário, as relações de trabalho no Império:

Eu queria [...] que os filantropos ingleses assistissem a este espetáculo para terem o desmentido formal de suas declamações, e verem que o proletário de Londres não tem os cômodos gozos do nosso escravo.

- É exato, disse Mário. A miséria das classes pobres da Europa é tal, que em comparação com elas o escravo do Brasil deve considerar-se abastado. Mas isso não justifica o tráfico, o mercado da carne humana.<sup>156</sup>

Diversos outros trechos do romance indicam a simpatia do autor pela escravidão. Por exemplo, a forma como a mucama Eufrozina se põe à vontade com seus donos e senhores, ameaçando “pedir venda” quando é contrariada; ou a relação de “pai e filho” que vai sendo construída entre o velho escravo Benedito e seus amos. Dayana Façanha explica como, em tais trechos, Alencar pretende “mostrar que os cativos se apropriavam das situações, imprimindo-lhes, dentro do possível, um pouco da sua vontade e dos próprios interesses”.<sup>157</sup> Façanha observa que durante o período em que escreveu *O tronco do ipê* – sob o pseudônimo de Sênio

---

<sup>154</sup> DA MATTA, Carmen Fátima Henriques. Op. Cit. p. 148-149.

<sup>155</sup> FREYRE, Gilberto. *Reinterpretando José de Alencar*. Rio de Janeiro: Departamento de imprensa nacional, 1955, p. 29-30.

<sup>156</sup> SÊNIO. *O tronco do ipê*. Rio de Janeiro, Editor proprietário B. L. Garnier, 1871, p. 126.

<sup>157</sup> FAÇANHA, Dayana. *Política e escravidão em O tronco do ipê, de José de Alencar: o surgimento de Sênio e os debates em torno da emancipação*, 1870-1871. UNICAMP: 2014, p. 152.

– Alencar engajou-se, em sua atividade parlamentar, na militância contrária a emancipação. Isto acabou por torna-lo, na política, uma figura isolada e um pouco melancólica.<sup>158</sup> Isolamento melancólico poderia descrever, ao menos parcialmente, a situação na qual Freyre se via atirado após a década de 1950, até a qual desfrutara de incontestável prestígio literário e acadêmico. E um dos motivos certamente era uma condescendência em relação ao, ou mesmo apologia do sistema escravocrata que se estabeleceu no Brasil patriarcal e acabou se tornando uma das marcas registradas do pensamento freyreano – ainda que o autor nunca tenha exatamente se furtado a admitir ou mesmo a retratar as mazelas da escravidão<sup>159</sup> – e o argumento mencionado na citação, das vantagens do trabalho escravo sobre o trabalho livre e assalariado, é algo recorrente no *corpus* freyreano. Tomemos como exemplo a recordação de Paulo no capítulo 14 de *Dona Sinhá*.

Lembrou-se, também, Paulo, que certa vez, era ele meninote, fugira, da criação de passarinhos do Pai, um xexéu que era então a menina dos olhos do velho. Foi um deus-nos-acuda. O velho fora para a cama, prostrado por uma enxaqueca que devia ser nervosa. A vizinhança toda se assanhou na procura do xexéu fugido. Era como se pertencesse a muitos – a todo o bairro – e não apenas a um indivíduo: a Tavares. Desolado, o velho Tavares pôs até anúncio nas folhas. Anúncio em que prometia boa paga a quem lhe trouxesse, vivo e mesmo ferido, arranhado por unha de gato guloso ou por bodoque de menino caçador, o ingrato xexéuzinho.

Mas o xexéu fugido não fora encontrado. Desaparecera para nunca mais ser agarrado ou mimado pelo seu dono. Que fim tivera? Fora parar nas mãos de outro criador? Ou, meio leso, como tantos passarinhos de gaiola, deixara-se agarrar pelas unhas de algum gato da própria vizinhança dos Tavares? Nunca se soube. Paulo se recordava de que o Pai conservara vazia, por muito tempo, a gaiola do xexéu fugido, talvez numa vaga esperança de que o pássaro ingrato voltasse um dia à sua doce prisão. Ingenuidade do velho Tavares que acabaria substituído o xexéu por um galo-de-campina.<sup>160</sup>

A alegoria da abolição da escravidão no Brasil e sua substituição pela mão de obra do imigrante livre é descarada; o xexéu é um pássaro de plumagem negra, em contraste com o branco do galo-de-campina. O fugitivo não pertence apenas a seu proprietário, mas é um patrimônio de toda a comunidade. Sua prisão era doce, a fuga um sintoma de ingratidão. A liberdade conquista, tudo indica, teve um preço caro. Ao amadurecer, Paulo Tavares continua a ecoar opiniões cautelosas e mesmo críticas à abolição. Nas palavras de seu criador,

---

<sup>158</sup> Idem.

<sup>159</sup> Ricardo Benzaquen de Araújo é particularmente insistente neste ponto, e demonstra – com propriedade – que em *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*, há de fato uma sensibilidade manifesta com a condição de oprimido do negro escravo. O que nos questionamos é justamente até que ponto esta sensibilidade evoluiu ou desapareceu em sua obra madura. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

<sup>160</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: Seminovela. Op. cit., p. 112-113.

ele, Paulo, seguindo aliás as ideias do Pai, discreto e cauto, que, a respeito da libertação de negros no império fora um "gradualista", pensara que houvera precipitação da parte do próprio Nabuco. Que não só a lavoura, mas o país inteiro estavam sofrendo com a lei chamada Aurea.<sup>161</sup>

Há um jogo de sentido, já que o “Pai” de Paulo pode ser também aquele que o criou como autor. Também a identificação – aceita e reiterada por comentadores das seminovelas, sobretudo Edilberto Coutinho e Elide Rugai Bastos<sup>162</sup> - entre Paulo e Freyre reforça a ideia de que o personagem possa estar, ao menos parcialmente, reproduzindo opiniões do autor no decurso da narrativa. O interesse de Paulo recai sobre os carnavais celebrados no Recife nos anos da abolição – o de 1888 e 1889, que ele, por estar na Europa, não testemunhou.

*Cavalheiros da Época* tomara a peito fazer do carnaval de 1889 uma verdadeira consagração do Abolicionismo. Já o carnaval de 88 fora quase uma revolução: coisas tremendas contra os barões. Contra os escravocratas. Contra o governo de Pedro Banana.<sup>163</sup>

Paulo, entretanto, ouve estes relatos com cautela, pois para ele, alguém

pouco simpático ao republicanismo simplesmente igualitário que, no seu País, se seguiria quase de repente ao abolicionismo, essas inovações pareciam todas de superfície; e parecia-lhe significativo que se fizessem em cidades brasileiras da importância do Recife carnavais como os que Fonseca denominava de cívicos, nos quais, entretanto, pessoas de algum espírito não deixavam de armar suas críticas ao abolicionismo e ao republicanismo.<sup>164</sup>

As seminovelas reforçam, portanto, diversas posições conservadoras de Freyre, verbalizadas por intermédio de seus personagens. Façanha observa que Alencar era um crítico da abolição levada a cabo pelo estado. Ele cultivava uma opinião – comum no século XIX – de que havia uma docura perpassando as relações entre senhores e escravos no Brasil. Baseado nisso, Alencar defendia uma abolição filantrópica, conduzida pelas próprias famílias que se beneficiavam do trabalho dos escravos; essas famílias, através de sua suposta generosidade, iriam tutelar os cativos num processo de libertação no qual o Estado não deveria interferir. São estes os motivos que Sênio explora em sua literatura.<sup>165</sup> Ao criar um personagem tão cétilo em relação à lei áurea, Freyre revela um pensamento bastante semelhante, ventilado também através da literatura. É um conservadorismo levado às últimas consequências, reproduzindo conteúdo e forma. Também convém observar que estas posições seguem no esteio de suas atividades políticas que, dentre outras coisas, vinham aproximando-o do salazarismo em

<sup>161</sup> Idem, p. 128.

<sup>162</sup> RUGAI BASTOS, Elide. Gilberto Freyre: a cidade como personagem. *Sociol. Antropol.*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 135-159, Junho 2012.

<sup>163</sup> Idem, p. 127.

<sup>164</sup> Idem, p. 131.

<sup>165</sup> Façanha, Dayana, op. cit.

Portugal. Desde 1953, com a publicação de *Um Brasileiro em terras portuguesas*<sup>166</sup>, em que narra a viagem que fez por colônias de Portugal a convite do regime de Salazar, Freyre vinha reforçando e aprofundando suas já manifestas ideias sobre a superioridade dos lusos como colonizadores, assim como das vantagens gozadas pelos territórios por eles colonizados. Surge assim o lusotropicalismo, e aqui novamente observamos José de Alencar assumir um papel de destaque para Freyre com um “tropicalismo que torna sua literatura, atraente objeto de estudo para qualquer tentativa de reinterpretação da cultura brasileira como aspecto da cultura que venho denominando lusotropical”.<sup>167</sup>

Freyre estava, portanto, fazendo uso instrumental de seu pensamento para apoiar um regime autoritário, nacionalista e que se colocava para muitos como uma sobrevivência indesejada na Europa do pós-guerra. Somou-se a isso o fato de que, a partir de 1950 a UNESCO dá início a um projeto sobre as tensões que provocam as guerras. Esse projeto, sistemático e prolongado, contava com a participação de Florestan Fernandes e Roger Bastide. Ambos estavam empenhados em uma revisão das ideias de harmonia das relações inter-raciais no Brasil, chegando mesmo a publicar um livro sobre o assunto na mesma década.<sup>168</sup> É interessante lembrarmos que o próprio Freyre se apresentara na UNESCO em 1948. Havia, portanto, um inevitável clima de substituição que não se limitou aos quadros da UNESCO, mas alastrou-se no seio do debate intelectual no Brasil. A maior parte da oposição às ideias de Freyre vinha da USP, aonde não apenas o conteúdo de suas obras, como também sua forma de exposição, passaram a ser contestadas.

#### 1.4.1 As disputas pelo passado

A visão de Freyre sobre o papel transformador da literatura, segundo Maria Lúcia Pallares-Burke, remonta seus anos de juventude, e deve muito a seu contato com os escritos de William Morris.<sup>169</sup> De acordo com ela, “há fortes indícios para acreditar que a descoberta de William Morris significou para Freyre um forte apelo à ação”<sup>170</sup> Morris, John Ruskins e outros “vitorianos anti-vitorianos” transmitiram a Freyre uma noção que ele já parecia guardar consigo, intuitivamente: que a beleza não é algo fútil, mas deve ser associada ao cotidiano e a

<sup>166</sup> FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

<sup>167</sup> FREYRE, Gilberto. Reinterpretando José de Alencar. Rio de Janeiro: Op. cit., p. 3.

<sup>168</sup> DIMAS, Antônio. Nas ruínas o otimismo. In DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre, entre história e ficção*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/EDUSP. 2006.

<sup>169</sup> Escritor, poeta, ensaísta e ativista inglês nascido em 1834 e falecido em 1896.

<sup>170</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit., p. 228.

vulgaridade da nossa vida, como instrumento para transformá-la. O “culto ao passado” que Freyre estabeleceria, nesse sentido, não era mero saudosismo ou escapismo, mas era “necessário para pôr em prática a energia criadora”.<sup>171</sup>

A capacidade de transformação dos ensaios clássicos de Freyre é incontestável; uma transformação bem vinda e necessária, já que implodiu a preponderância das teses de superioridade racial do europeu branco, e permitiu ao brasileiro encarar a própria condição de mestiço como um valor respeitável em si, e não como uma degeneração que condenava a nossa civilização a, irremediavelmente, nunca produzir nada de valioso. Entretanto, o que este trabalho aponta é que, ao envelhecer, Freyre ainda não considerava sua obra completa. Embora muitos classificassem seus estudos como “romances”, não raro isto era feito de modo a depreciá-los, tentando dar a entender que seu conteúdo não teria valor informativo, ou que as teses ali defendidas careciam de embasamento adequado. Isto começou a acontecer em meados dos anos 1950 e se intensificou nos anos 1960. Mais especificamente, depois que o projeto UNESCO – no qual Freyre tomou parte, ainda que tardiamente – chegou a resultados considerados decepcionantes.<sup>172</sup> O projeto UNESCO pretendia encontrar no Brasil uma espécie de antítese da Alemanha nazista; um país no qual as relações raciais seriam tão harmónicas que o preconceito de cor era quase inexistente. A não comprovações de tal hipótese como resultado do projeto era ruim para Gilberto Freyre. Novas interpretações sobre o Brasil começaram a emergir na Universidade de São Paulo, encabeçadas por Sérgio Buarque de Holanda e também por marxistas como Caio Prado Jr, Nelson Werneck Sodré, Florestan Fernandes e alguns de seus discípulos, tais como Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso. Tais interpretações – focadas em mostrar as desigualdades e preconceitos que o negro enfrentava, historicamente, em nossa sociedade - ganharam fôlego e aceitação. Esta competição entre Freyre e os intelectuais do Sudeste foi de amplas consequências; nas palavras de Joaquim Falcão, estas foram “relações que afetaram, como ainda afetam, todo o Brasil. Fazem parte da competição maior, permanente e inerente a qualquer cultura e a qualquer nação”.<sup>173</sup> De fato, foram colocadas em disputa duas narrativas diferentes de nação, que implicavam também duas propostas distintas de modernização do país. Simone Meucci diz que

---

<sup>171</sup> Idem, p. 230.

<sup>172</sup> VIOTTI DA COSTA, Emilia. The myth of racial democracy: a legacy of empire, in VIOTTI da Costa, Emilia, *The Brazilian empire: myths and histories*, Chicago/Londres, The University of Chicago Press, 1985. Ver também: MAIO CHOR, Marcos. O projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil nos anos 40 e 50. In, *Revista brasileira de ciências sociais*, vol 14, nº 41, outubro, 1999, p. 141-158.

<sup>173</sup> FALCÃO, Joaquim. A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa (Orgs.) *O imperador das ideias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, p. 131.

dante das expectativas e dos resultados sociais (nem sempre favoráveis) do desenvolvimento econômico, formulou-se, ao longo dos anos 1950, a concepção de que cientistas sociais atuariam, sobretudo, na construção e planificação de uma sociedade economicamente sadia e democrática. Os intelectuais (sobretudo os economistas e cientistas sociais) consideraram-se responsáveis pela condução racional das mudanças e pelo controle de seus efeitos.<sup>174</sup>

É interessante essa forma como nossos intelectuais se percebiam. Alberto Aggio, acredita mesmo que há algum consenso entre especialistas quanto ao fato de que

são poucas as regiões no mundo onde os intelectuais têm tanta ascendência sobre a vida política quanto na América Latina. Não há dúvida a respeito da sua atitude de liderança político-social. É reconhecida, no sub-continente, a sua importância quanto à gênese e à difusão das ideias, bem como o papel mediador que exercem os intelectuais entre Estado e sociedade".<sup>175</sup>

Pode-se assumir, a partir daí, que no Brasil o intelectual se percebe não apenas como um guia para a ação, mas como um ator de fato nos processos de transformação da sociedade. Freyre é bastante representativo desta situação, não apenas pelas já referidas colaborações que sua obra trouxe para a reestruturação da identidade brasileira em torno das questões de mestiçagem, mas também por que ele interveio na vida política, tendo sido deputado federal por Pernambuco de 1946 a 1951 – e se valendo deste mandato para fundar o Instituto Joaquim Nabuco, que lhe forneceria apoio institucional em sua rivalidade com a USP -, além de ter ocupado alguns postos burocráticos importantes durante o Estado Novo. É no início dos anos 1950 que começa este embate que, de acordo com Meucci, se estende até 1964 – ano da publicação de *Dona Sinhá*. Claro que a datação de Meucci corresponde a uma análise retrospectiva dos eventos, e não necessariamente significava que os atores envolvidos vissem a questão como de fato encerrada. Na verdade, Joaquim Falcão aponta o ano de 1964 como uma fase em que o debate se tornou mais pungente, em decorrência do golpe militar, que conduziu as discussões para o plano político de maneira cada vez mais explícita. Ao cabo, para ele, a disputa nunca se resolveu, ao invés disso “a competição cresceu, se reproduziu, cristalizou-se e chegou até nós”.<sup>176</sup> Freyre seguiria escrevendo diversos textos, e este trabalho sugere que tais textos não foram apenas obsessão em produzir a própria memória ou em falar de si mesmo por mera vaidade, mas tentativas de dar respostas a um debate que, em sua visão, certamente ainda prosseguia. Castro Santos, também em uma leitura retrospectiva dos eventos, coloca Freyre não

<sup>174</sup> MEUCCI, Simone. *Artesania da Sociologia no Brasil: Contribuições e interpretações de Gilberto Freyre*. Curitiba: Appris, 2015, p. 308.

<sup>175</sup> AGGIO, Alberto. *Um lugar no mundo: Estudos de história política latino-americana*. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrogildo Pereira (FAP), 2015, p. 192.

<sup>176</sup> FALCÃO, Joaquim. *A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP*. Op. cit., p. 152.

apenas como um vencido neste embate, como também atribui a esta derrota o fato de ele estar dotado um ponto de vista único – o do vencido -, impossível de ser adquirido de outra forma.<sup>177</sup> Nicolazzi, entretanto, nos alerta para o determinismo mesológico da noção de que Gilberto Freyre simplesmente “perdeu” o embate para a intelectualidade do Sudeste, como se esta região fosse o único eixo pensante do país, e nada mais de relevante pudesse ser produzido em outras partes.<sup>178</sup> Meucci diz que, a partir dos anos 1950, houve um esforço, sobretudo por parte de professores paulistas, para romper com as formas consideradas pouco especializadas de conhecimento sociológico. Assim, a produção e os métodos de Freyre foram postos sob ataque.

A manifestação pré-científica da disciplina foi demarcada como ligada à tradição ensaística; pouco especializada e caracterizada pela narrativa histórica. Nesse ambiente, a linguagem e a abordagem de Freyre, consideradas revolucionárias nos anos 1930, envelheceram sob novos julgamentos 'especializados'.<sup>179</sup>

Isto fez com que Freyre assumisse, a um só tempo “a condição de escritor, de aventureiro liberto das restrições da cátedra e de especialista capaz de transmitir seu saber”; condição que lhe propiciou “o bônus de não limitar suas formulações pelas regras científicas e de não ser rigorosamente obrigado a responder às exigências acadêmicas”.<sup>180</sup>

Ao mesmo tempo, entretanto, esta situação acabou por marginalizar Freyre do processo de institucionalização da disciplina sociológica entre nós. Tratou-se de uma ruptura radical com o ensaísmo que vigorou no Brasil nas décadas de 1920 e 1930, “uma tentativa de separação radical entre o modo de produção amador e o modo de produção especializado. A linguagem literária não parecia ser, afinal, suporte para o exercício do controle racional”.<sup>181</sup> Fernando Nicolazzi, percebe aqui a segunda fase da apreciação crítica do *corpus* freyreano; aquela em que seu trabalho foi mais criticado e em que ele, talvez, tenha até mesmo visto seu legado como ameaçado - a primeira fase foi caracterizada por um excesso de loas e louvores a *Casa-grande & senzala*, a terceira, como já observamos, é aquela em que, após a morte de Freyre, começam a se produzir análises que tratam sua obra mais como simples objeto de estudo do que como algo com que concordar ou discordar, ou apaixonadamente exaltar ou detestar. “Detestar” é um adjetivo forte para qualificar a maioria das posições descritas por Nicolazzi,

---

<sup>177</sup> SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O espírito da aldeia: orgulho ferido e vaidade na trajetória intelectual de Gilberto Freyre. Novos estudos Cebrap. N. 27, 1993.

<sup>178</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit..

<sup>179</sup> MEUCCI, Simone. Op. cit., p. 267.

<sup>180</sup> Idem, p. 268-278.

<sup>181</sup> ARRUDA, Maria Armínia do Nascimento. *A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’*. In: MICELI, S. História das ciências sociais no Brasil. São Paulo: Fapesp, 1995, v. 2, p. 213

mas o fato é que, quase trinta anos após a publicação de *Casa-grande & senzala*, Freyre se viu às voltas com

os infortúnios de uma crítica que não sucede em estabelecer um veredito para o livro de Gilberto Freyre, ora cedendo às inegáveis qualidades da obra, ora reconhecendo o descompasso entre o que o autor pretendia e o que de fato realizou. Em um contexto de definição rigorosa do que a Sociologia, enquanto ciência, deveria ser, a obra de Gilberto Freyre aparece como contribuição significativa para o desenvolvimento de um campo intelectual, ao mesmo tempo que é colocada como exato negativo do que o campo pretendia configurar, pelo menos em sua formulação universitária paulista, isto é, o modelo para a instituição de uma sociedade progressista, industrial, burguesa e democrática.<sup>182</sup>

Foi assim que, durante um longo tempo, a obra de Freyre passou a representar este negativo do que a sociologia paulista pretendia formular para a disciplina. Sua “teimosia” em transformar-se em simples “escritor” para, inclusive, evadir-se das tentativas de enquadramento metodológico de seus oponentes, levava alguns destes a acusá-lo de estar “escondendo alguma coisa” por trás da designação.<sup>183</sup> “Quando tentavam enquadrá-lo como sociólogo ou antropólogo, ou mesmo historiador social, ele se reivindicava apenas escritor. Pretendia-se gênero, e não espécie.”<sup>184</sup>

O que sugerimos é que foi a partir de 1955, com a reedição do prefácio a *O tronco do ipê*, que Freyre começou a assumir com mais entusiasmo seu lado de escritor. Quando o projeto UNESCO questionou suas hipóteses de inexistência de racismo na sociedade brasileira, Freyre resolveu apelar ao romantismo - e a literatura – para revigorar o debate com seus adversários. As seminovelas são parte deste resgate, e se inserem num contexto de disputa pela narrativa do passado. Freyre se impunha o desafio de construir com seus métodos de escritor uma representação do passado que fosse capaz de superar aquela que vinha ganhando unanimidade na sociologia que se estruturava como ciência. A briga com os intelectuais do sudeste se tornava, assim uma questão de forma e conteúdo: o método literário, querendo representar um passado idealizado, e o método científico, disposto a por a nu toda a crueza do preconceito racial brasileiro.

---

<sup>182</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., p. 281.

<sup>183</sup> MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977, p. 64.

<sup>184</sup> FALCÃO, Joaquim. A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP. Op. cit., p. 141

### **1.5 Um plano de longa data**

É um pouco difícil determinar se podemos nos fiar em *Tempo morto e outros tempos* e *De menino a Homem* – obras lançadas respectivamente em 1975 e 2010, mas a última redigida em 1981<sup>185</sup> – como fontes seguras de informações sobre a vida de Freyre. Estes textos podem ser entendidos como intervenções dele no debate sobre a própria criação literária, já que neles ele continua a tentar moldar a interpretação de seu *corpus* e a recepção de sua obra, fornecendo diversas chaves explicativas genuinamente suas; e também são experimentos com uma literatura de não-ficção, que guarda paralelos interessantes com os trabalhos examinados por Jablonka e Leiroz. Se o ficcional é um discurso que tem por característica duvidar dele mesmo, *Tempo morto* realiza um esforço para, de fato, persuadir o leitor da veracidade de seu conteúdo.

Foi por isto que eu comecei a confessar-me a este diário que é hoje, para mim, outro Eu. Por isto também que não me sinto particularmente atrevido para tentativas de literatura de ficção ou teatro: toda ela com seu elemento de farsa. É a verdade que eu estou empenhado em confessar-te, meu caro diário. Se não a verdade, minha busca da verdade a meu respeito e a respeito dos outros. Verdade autobiográfica, biográfica, histórica.<sup>186</sup>

Para Pallares-Burke, fica claro que o conteúdo de *Tempo morto*

foi escrito e reescrito ao longo dos anos, houvesse ou não um núcleo original de entradas feitas na própria época dos eventos que descreve. Quando se compararam, por exemplo, alguns fatos ali narrados com o que outros documentos comprovadamente da época revelam, o caráter memorialístico de *Tempo morto* fica evidente.

De acordo com Luiz Costa Lima “o território da literatura não se confunde com o da ficcionalidade. Assim como a ficção não se limita à literatura, tampouco a literatura repousa por inteiro no ficcional”.<sup>187</sup> A literatura como tentativa estrita de representar-se o verdadeiro - não apenas o real - contribuiria “para um sempre maior conhecimento do Homem pelos homens”.<sup>188</sup>

É preciso, portanto, cautela para não tomar como absolutamente sincera a afirmação de Freyre de que ‘não se sente particularmente atrevido’ para lidar com ficção. Mais cautela ainda para utilizarmos seus escritos autobiográficos para informar-nos sobre sua trajetória. Pallares-

---

<sup>185</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit., p. 370; 458.

<sup>186</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Rio de Janeiro: Op. cit., p. 12.

<sup>187</sup> COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 340.

<sup>188</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Op. cit., p. VIII.

Burke opta pela classificação de *Tempo morto* como um “diário-memória”<sup>189</sup> - Lejeune frisa que o diário é, por excelência, produto do presente, sendo transformado em memória ou autobiografia mediante quaisquer alterações feitas à posteriori.<sup>190</sup> Ao diário-memória não faltaria mesmo intensidade dramática: ele se encerra com o jovem Freyre exilado em Portugal, seguindo seu ex-chefe, o governador Estácio Coimbra. O exilado recebe a lúgubre notícia do saque da casa de sua família por agitadores do outro lado do espectro político, e encerra sua narrativa pessoal com o prenúncio de seu glorioso futuro intelectual: na pobreza e na amargura ele estaria “a garatujar o trabalho que se tornará talvez um livro como não há igual: originalíssimo”.<sup>191</sup>

Mesmo assim, podemos considerar, para efeitos de análise, alguns trechos de *Tempo morto* como registros efetivos de algumas aspirações e anseios do jovem Freyre, sobretudo quando encontramos correspondência entre estes trechos e outros, de cartas não adulteradas pelo autor. O desejo que Freyre tinha de produzir um ensaio histórico-sociológico sobre a infância no Brasil é algo que transparece em *Tempo morto*. No diário-memória há a seguinte passagem.

O que eu desejaria era escrever uma história como suponho ninguém ter escrito com relação a país algum: a história do menino - da sua vida, dos seus brinquedos, dos seus vícios - brasileiro, desde os tempos coloniais até hoje. Já comecei a tomar notas na biblioteca de Oliveira Lima: nos cronistas coloniais, nos viajantes, nas cartas dos jesuítas. Sobre meninos do engenho, meninos do interior, meninos das cidades. Os órfãos dos colégios dos Jesuítas. Os alunos dos padres. Os meninos mestiços - filhos de franceses com índias - encontrados pelos portugueses. De crias de casas-grandes. De afilhados de senhores de engenho, de vigários, de homens ricos, educados como se fossem filhos por esses senhores. É um grande assunto. E creio que só por meio de uma história desse tipo - história sociológica, psicológica, antropológica e não cronológica - será possível chegar-se a uma ideia sobre a personalidade do brasileiro. É o menino que revela o homem.<sup>192</sup>

Em *Dona Sinhá*, encontramos esta passagem, semelhante.

Mas afinal o que estou escrevendo é ensaio ou romance? Dissertação ou novela? É a história de um menino que se não existiu fora de nós existiu dentro dos antepassados de alguns de nós e até ainda existe dentro de nós próprios: suas relações com a Mãe, com o tio, com a mãe preta que o criou nos últimos tempos da escravidão, com a mãed'água que lhe seduziu a imaginação de criança brasileira; a história da sua criação para padre, mesmo que lhe faltasse completa vocação para o sacerdócio. Por motivo de promessa religiosa.<sup>193</sup>

<sup>189</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. Cit., p. 26-27.

<sup>190</sup> LEJEUNE, Phillippe. *O pacto autobiográfico*: De Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

<sup>191</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Rio de Janeiro: Op. cit., p. 251.

<sup>192</sup> Idem., p. 70.

<sup>193</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 41-42.

O cotejamento dos dois trechos permite inferir que foi através de sua “estréia na ficção” que o intento de Freyre foi realizado, ao menos em parte. Simone Meucci faz uma ponderação interessante: segundo ela, o jovem Freyre, nos anos de sua formação universitária, já confessava ao amigo Oliveira Lima sua ambição de seguir carreira de escritor em algum jornal do Brasil e, possivelmente, via na História e na Sociologia ferramentas para realizar-se nisto. A autora, entretanto, alerta para o fato de que “o ofício de escritor, tal como parecia conceber para seu destino, estava mais relacionado à observação social e à crítica cultural do que à ficção poética e literária propriamente dita”.<sup>194</sup> O que apontamos é que, na mesma correspondência com Oliveira Lima, Freyre parece sim interessado em enredar pela ficção literária – embora admita que o projeto “possa vir a morrer em sua mente”: De acordo com o conteúdo de carta ao amigo, pode-se presumir que Freyre acalentava esta ideia desde os 21 anos, quando demonstrava entusiasmo em um dia emular Herman Suderman.

Segue a novela de Suderman, da qual, como já disse, gosto muito. E digam que os diabos dos alemães são pesados demais para novelas! Desculpe algumas margens sujas de garatujas e lápis. São notas. A primeira parte do livro tem interesse para mim pois versa um assunto no qual eu vinha pensando há dois anos. Um dos meus sonhos é escrever uma novela sobre um menino, e o herói de Sudermann se parece muito com o que vive há tempo na minha mente onde talvez venha a morrer.<sup>195</sup>

Assim, parafraseando Meucci, sugerimos que, embora para Freyre o ofício de escritor pudesse estar mais relacionado à observação social e à crítica cultural, ele *também* estava relacionado, em alguma medida, a ficção poética e literária propriamente dita.

Cabem aqui algumas ressalvas. Em primeiro lugar, Pallares Burke foi a primeira pesquisadora a atentar sobre as implicações da menção a Sudermann na correspondência do Jovem Freyre.<sup>196</sup> De acordo com esta autora, porém, a materialização do projeto de Freyre, que descrevemos acima, se deu de outra forma. Segundo suas palavras,

a história do menino brasileiro, um dos mais antigos projetos de Freyre, em parte abandonado mas presente em ‘fragmentos’, como já se argumentou, em *Casa-grande & senzala* e em *Sobrados e mucambos*, guarda muitas marcas do Herói de Sudermann.<sup>197</sup>

<sup>194</sup> MEUCCI, Simone. Op. cit., p. 58.

<sup>195</sup> In CASTRO GOMES, Angéla de (org.). *Em Família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado das Letras, 2005, p. 108.

<sup>196</sup> PALLARES-BURKE, Op. cit. p. 255-259.

<sup>197</sup> Idem, p. 256.

De acordo com ela, portanto, seria nos principais trabalhos de Freyre, das décadas de 1930-1950, que podemos observar a interlocução com o texto de Suderman. Ela assinala mesmo não ter negligenciado a atividade de Freyre como romancista, ao afirmar que

uma novela sobre um menino Freyre jamais escreveu. José Maria, o personagem de sua seminovela *Dona Sinhá e o filho padre*, de 1964, tem ‘ar de menino triste’, mas não é prematuramente velho como o pequeno Paul de Dame Care.<sup>198</sup>

Nós observamos uma pequena contradição nestas linhas de Pallares-Burke, já que, logo depois de afirmar que uma novela sobre um menino jamais foi escrita por Freyre, reconhece, na sentença seguinte, que tal novela existe, sem, entretanto, que o menino em questão apresente a característica de ser prematuramente velho. Há, porém, vários pontos de contato entre as duas narrativas que podem ser indicados: a novela de Sudermann é *Dame Care*, a versão em língua inglesa de *Frau Sorge*. Conta a história de uma mãe cuja pobreza e solidão a compelem a eleger uma entidade sobrenatural para ser madrinha de seu filho, Paul Meyerhofer, e assegurar a educação e a sobrevivência deste, em troca da posse de sua alma; da posse de sua juventude e de toda a possibilidade de que ele fosse feliz. Em *Dona Sinhá e o filho padre*, Gilberto Freyre cria um protagonista que, ainda bebê, é acometido por uma terrível moléstia. Desesperada, sua mãe promete-lhe a alma a madre igreja, num pacto com Nossa Senhora. O menino então crescerá fritzinho, solitário e melancólico, até que, prestes a concluir o processo de ordenação, é arrebatado desta vida. Também cabe aqui uma longa, porém elucidativa citação, na qual Pallares-Burke analisa cuidadosamente a marginália deixada por Freyre em seu exemplar de *Damme Care*. Elas são reveladoras de que

além da velhice prematura do menino, outros aspectos do romance de Sudermann lhe chamaram a atenção. Referências à cultura material e ao poder que os objetos têm de provocar fortes e duradouras sensações; às lembranças das brincadeiras e dos cuidados confortantes que alguns poucos adultos haviam tido com o pequeno Paul; às lembranças também de seus desejos, de seus sonhos e de suas dificuldades escolares; e à chegada à fazenda de uma velha locomotiva a vapor em que Herr Meyerhofer acreditava estar o segredo de um enriquecimento certo, mas que provou ser um fiasco, foram trechos que suscitaron reações como as seguintes: “O guarda roupa... o cheiro dos gavetões”; “Quando Savino [...] me pegou no colo de cabeça para baixo...”; “Desejo de ser padre. Sonho [...] azul dos 12 anos... Brigas com o irmão”; Jornalismo na escola V. Lombroso [...]; “Estudo da vida num engenho pernambucano começo de industrialismo.”<sup>199</sup>

---

<sup>198</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>199</sup> Idem., p. 257-258.

A segunda ressalva a ser feita é que, apesar destas indicações ligando a intencionalidade do jovem Freyre a um projeto de fato executado após quarenta anos, tal período não constituiu um hiato em sua produção, pelo contrário foi quando ela se constituiu mais rica e vasta. Assim, não há como negar-se que, de fato, livros como *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos* – lançados, respectivamente, em 1933 e 1936 – guardam de fato marcas da forte impressão que Suderman deixou em Freyre. Não são marcas explícitas, pois o autor as supriu deliberadamente, numa provável tentativa de evitar a reprovação do crítico norte-americano Henry L. Mencken, que teria sido quem encorajou Freyre a expandir sua dissertação de mestrado em livro e é citado no prefácio de *Casa-grande & senzala*. Mencken considerava Sudermann um escritor “superficial, incoerente e sentimental, cuja obra, com exceção de seus contos, não valia a pena ser lida”.<sup>200</sup> Entretanto, o fato é que nestes livros, Freyre narra a saga coletiva de meninos, de diversas gerações, que tiveram a infância roubada por um envelhecimento precoce; envelhecimento produzido pelos vícios do sistema patriarcal, do qual o modo de produção escravista era mal indissociável. “É verdade que a meninice nas sociedades patriarcais é curta: quebram-se cedo as asas do anjo”, isto porque “tamanho é o prestígio do homem feito, nas sociedades patriarcais, que o menino, com vergonha da meninice, deixa-se amadurecer morbidamente, antes do tempo. Sente gosto na precocidade que o liberta da grande vergonha de ser menino”.<sup>201</sup> A mais ilustre vítima desta situação amarga teria sido o próprio Dom Pedro II, “um precoce que aos quinze anos já era imperador, cercado de ministros provectos, de titulares de barba longa entre os quais ele, logo que pode, apareceu também com grande barba loura a escorrer-lhe pelo peito”.<sup>202</sup> Pallares-Burke selecionou trechos do *Livro do Nordeste* que corroboram ainda mais o diálogo entre *Sobrado & mucambos* e *Frau Sorge*.

Críticas à falta de estimulantes da alegria infantil, como brinquedos, gramados e livros apropriados bem como à rapidez com que os meninos brasileiros chegavam à ‘sisudez de gente grande’ foram, em certas ocasiões, acompanhadas por analogias com ‘o ar de velhice’ do ‘menino do romance de Sudermann’ e com a privação de cores e alegria dos que cresceram sob a tutela da ‘Mulher de Preto... da lenda alemã’. Quer por efeito do clima, da educação ou de uma sina infeliz, somos uma nação ‘quase sem meninice’, em que o menino já ‘nasce de meia idade’, lamenta Freyre, acrescentando certa vez que ‘a terra de frau Sorge é o Brasil’. Vítima do mesmo triste destino, Dom Pedro II teve uma meninice ainda menos livre e feliz que o comum dos brasileiros. ‘Alguma frau Sorge cá do trópico’, conclui Freyre, ‘decerto o viu nascer; e sobre ele deitou toda a acidez do seu olho mau. Sob a influência desse mau olhado, quase não brincou nem riu o filho de Pedro I, antes se fez homenzinho

<sup>200</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit., p. 259.

<sup>201</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Global, 2004, p. 177.

<sup>202</sup> Idem, p. 192.

aos nove ou dez anos...’ (Freyre. 1979b, p. 129; 1979c, p. 83; 1922<sup>a</sup>, p. 618; 197<sup>a</sup>, p. 116, 119)<sup>203</sup>

Convém dizer, porém, que Freyre também atribui à igreja um importante papel nesse “roubo” da infância do menino brasileiro. Em seus colégios, os jesuítas tiveram grande “empenho de quebrar a individualidade da criança, visando adultos passivos e subservientes. Passivos perante o Senhor do Céu e da Terra e a Santa madre igreja e não tanto diante do pai nem da mãe simplesmente de carne”, tornando-os, assim, “filhos mais deles, padres, e dela, Igreja, do que dos caciques e das mães caboclas, dos senhores e das senhoras de engenho ou de sobrado”.<sup>204</sup> Essa situação é a mesma que se deu com José Maria, personagem cuja infância ia se prolongando na barra da saia da mãe, Sinhá, da mucama de casa, de forma lânguida, até que ele se vê subitamente cooptado pelos Jesuítas, em decorrência, como se observou, de uma promessa, para se tornar, segundo seu tio Gaspar – irmão de D. Sinhá – “um menino que só podia acabar padre: separado da família e ele, Gaspar, achava que acabaria afastado da própria mãe. Isso por amor exclusivo à igreja e aos santos”.<sup>205</sup> Quando o herói da primeira seminovela de Freyre finalmente chega ao seminário, o que lhe falta é justamente a “sensação de quente, de forno, de leite, de mãe, que agora lhe faltava e que fazia daquele seu primeiro acordar em Olinda um acordar de menino abandonado ao escuro e ao frio. Assim deviam acordar os orfãos nos asilos. Com esta diferença: que os orfãos não sabiam direito o que era dengo de mãe”.<sup>206</sup> O apego de Freyre a figura de sua mãe é algo muito bem documentado, inclusive por ele mesmo. Em *De menino a homem*, ele chega a reconhecer a semelhança entre a esposa com quem se casara e a mãe que perdera.<sup>207</sup> É possível que ele falasse através de José Maria de um drama que ele mesmo conheceu, ao ter que separar-se de Dona Francisca para realizar seus próprios estudos. Ou que estivesse projetando dramas que teria vivido caso fosse ele mesmo encaminhado para um seminário. Mas estamos nos adiantando. Nossa análise agora se voltará para os relevantes aspectos autobiográficos das seminovelas freyreas, assim como o autobiografismo indissociável de toda a sua produção intelectual.

<sup>203</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit, p. 258.

<sup>204</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Op. cit., p. 181-182.

<sup>205</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 68.

<sup>206</sup> Idem, p. 121.

<sup>207</sup> FREYRE, Gilberto. *De menino a homem*: De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. Op. cit, p. 99-100.

## CAPÍTULO 2 – O FAZER-SE (AUTO) BIOGRÁFICO DE UM ESCRITOR

Gilberto Freyre se tornou conhecido pela sua fluidez conceitual; de acordo com Luís Costa Lima, tal fluidez é usada por ele para mascarar conflitos sociais e raciais, suavizando suas funestas consequências. Ao se colocar como um crítico desta imprecisão de Freyre, Costa Lima torna-se também crítico de leitores entusiasmados da obra do pernambucano, acusando que tal flexibilidade seria um “engodo ‘humanista’ com que justificamos o faz-de-conta a que as palavras então se submetem”.<sup>1</sup> Esta flexibilidade não se traduz apenas em ambiguidades potencialmente racistas, todavia; a fluidez, flexibilidade ou imprecisão conceitual presente em Freyre, e observada por Costa Lima, adquire para nós importância capital. Há uma grande dificuldade, por parte de críticos e analistas, em enquadrar diversos dos trabalhos de Freyre nas definições convencionais. Por exemplo, ao tempo da recepção de *Casa-grande & senzala*, na França, havia grande preocupação dos intelectuais daquele país em classificar Freyre, ou como sociólogo, ou como etnógrafo, ou como historiador.<sup>2</sup> Era uma premissa importante para aquela época e aquele meio. No caso deste estudo, entendemos como importante estabelecermos se as seminovelas são ou não textos autorreferenciais e, se são, de que tipo – autobiografias, memórias, etc. Consideramos um bom ponto de partida para isto o para-texto de *Dona Sinhá e o filho Padre*, já que o para-texto, de acordo com Lejeune, é o *locus* textual no qual os pactos referenciais de leitura devem ser buscados.<sup>3</sup>

### 2.1 A busca pelo pacto autobiográfico

Gérard Genette define para-texto como uma zona indecisa, que traz um

comentário autoral, mais ou menos legitimada pelo autor, constitui, entre texto e extra texto, uma zona não apenas de transição, mas de *transação*: lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público em serviço, bem ou mal cumprido e terminado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente – mais pertinente, se entenda, aos olhos do autor e de seus aliados.<sup>4</sup>

Assim sendo, “a estrutura que contempla o nome do autor, os títulos, as dedicatórias, epígrafes etc., a instância prefacial, fazem parte do conjunto definido como para-texto”.<sup>5</sup> O termo instância prefacial, escolhido por Genette, é bastante apropriado, pois, no caso de *Dona*

---

<sup>1</sup> COSTA LIMA, Luiz. *A Aguarrás do tempo*: Estudos sobre narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 216.

<sup>2</sup> LEENHARDT, Jacques. A consagração na França de um pensamento heterodoxo. In DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). Op. cit.

<sup>3</sup> LEJEUNE, Phillippe. Op. cit.

<sup>4</sup> GENNETE, Gerard. *Seuils*. Paris: Gallimard, 1987, p. 7.

<sup>5</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., p. 99.

*Sinhá e o Filho Padre*, o texto que cumpre a função que Freyre dá aos prefácios em seus outros livros fica, na verdade, ao final do livro, sendo, possivelmente, um recurso para não quebrar o suspense da trama. E também mais honesto de sua parte como autor, já que os prefácios são sempre, paradoxalmente, um *post-scriptum*: o autor o redige observando e comentando o texto já finalizado. Justamente por isso,

na sua intenção de ato de reconhecimento do percurso de reflexão *a posteriori*, põe em ação uma retórica da persuasão ou de conhecimento e movimenta uma gramática, em que signos verbais (tais como dêiticos e modalizadores) buscam situar autor e leitor no mesmo espaço e tempo, no mesmo universo de referência.<sup>6</sup>

Freyre era um prefaciador hábil que usava e mesmo abusava desse espaço para fornecer chaves interpretativas para sua obra. Pode-se dizer que ele transformava os prefácios num “espaço de jogo não só entre vários códigos de leitura, como por exemplo, aquele que se estabelece entre o historiográfico e o ficcional, como também entre os vários níveis de significação documental”.<sup>7</sup> Ele, mais especificamente, costumava construir um discurso polêmico com dupla função: “por um lado, de ataque e combate a seus opositores e, por outro, de defesa e publicidade de sua escritura, invocando para isso o apoio de autores consagrados”.<sup>8</sup>

O posfácio da primeira seminovela de Freyre chama-se, sugestivamente, “conversa do autor com o leitor”. Parece-nos que este título incute, ainda que sutilmente, a ideia do autor como leitor e interprete privilegiado de seu próprio texto. É um espaço não apenas de apologia de seu próprio trabalho, mas também de tentativas de orientar a leitura do público por intermédio de alguns pactos. Esta ideia de pacto é utilizada por Paul Ricoeur para “dar um aspecto positivo à dimensão retórica na escrita da História, considerando-a não meramente um convencimento [...] mas um produto de um diálogo em que o leitor consente sua aceitação ou expõe sua refutação de maneira ativa”.<sup>9</sup> Assim, a celebração de um pacto entre autor e leitor, seja no âmbito da narrativa histórica, seja no romance, seja na autobiografia, convida o leitor a uma interação direta com o texto. Philippe Lejeune, explora o que ele passa a denominar pacto autobiográfico: um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio. Assim,

ao buscar, pois, para distinguir a ficção da autobiografia, estabelecer a que remete o ‘eu’ das narrativas em primeira pessoa, não há nenhuma necessidade de se chegar a um impossível extratexto: o próprio texto oferece em sua

<sup>6</sup> VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. “O que se diz no princípio”: uma leitura dos prefácios. In DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). Op. cit. p. 176.

<sup>7</sup> LEENHARDT, Jacaques. Nas ruínas, o otimismo. In DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). Op. cit., p. 115

<sup>8</sup> Idem, p. 116.

<sup>9</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., p. 343.

margem esse último termo, o nome próprio do autor, ao mesmo tempo textual e indubitavelmente referencial.<sup>10</sup>

Supõe-se que o Freyre autor é também o narrador-personagem de suas duas seminovelas, já que, embora em *Dona Sinhá* este narrador permaneça anônimo, em *O outro amor*, nas últimas páginas, ele é, como observamos no início do primeiro capítulo, tratado por seu interlocutor, Camargo, pelo nome de Gilberto. Poder-se-ia alegar, entretanto, que, no texto do primeiro romance de Freyre tomado como unidade, não é possível apontarmos com certeza esta identificação; sobretudo se tivermos em vista que no período de 13 anos que separa a publicação dos dois livros, *Dona Sinhá* foi lido pela crítica e pelo público como se não houvesse qualquer tipo de continuação em vista. Daí ser interessante a apreciação de eventuais pistas na “Conversa do autor com o leitor”, seus elementos constitutivos, suas características e os pactos que ali podem ser estabelecidos ou descartados.

Cabe ressaltar, entretanto, que a semelhança entre Freyre e a figura que aparece nos livros, ora perambulando pelas ruas do Recife em busca de informações sobre José Maria em *Dona Sinhá*, ora na Europa reconstruindo a vida de Paulo Travassos em *O outro amor*, surge cedo na narrativa, repetindo-se diversas vezes. No primeiro livro ele fala, por exemplo da irmã Gasparina – mesmo nome de uma das irmãs de Freyre. Não há, portanto, uma identificação obvia, dada. Há pistas para uma associação, que necessita, como este trabalho tenta demonstrar, ser pensada, buscada e indicada. O próprio Lejeune observa, entretanto, que há outros tipos de pacto possível entre autor-leitor-texto. Por exemplo, o pacto romanescos

que teria ele próprio dois aspectos: *Prática patente da não identidade* (o autor e o personagem não tem o mesmo nome), *atestado de ficcionalidade* (é, em geral, o subtítulo *romance*, na capa ou na folha de rosto, que preenche, hoje, essa função. Note-se que *romance*, na terminologia atual, implica pacto romanescos, ao passo que *narrativa*, por ser indeterminada, é compatível com um pacto autobiográfico).<sup>11</sup>

Ao fim e ao cabo, entretanto, é no posfácio que podemos encontrar uma quase sentença de morte à ideia de que *Dona Sinhá* pode vir a ser um texto autobiográfico – um verdadeiro pacto não-biográfico: “este semi-romance - ou seminovela? - ninguém pense que seja, mesmo remotamente, autobiografia disfarçada; ou biografia romanceada; ou história sob a forma de ficção”.<sup>12</sup> Uma forte imprecisão é lançada neste trecho, a começar pela dúvida: romance ou novela? É um dilema classificatório que remete à discussão do capítulo anterior. Em seguida:

<sup>10</sup> LEJEUNE, Phillippe. Op. cit., p. 42.

<sup>11</sup> Idem, p. 32.

<sup>12</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 177.

história ou ficção? Aqui convém discutir, primeiramente, o porquê da negativa, até bastante enfática por parte do autor, do caráter autorreferencial de um texto que claramente o é. Se há possibilidade de um pacto romanesco, em que se nega a identificação entre autor e personagem, Freyre faz este pacto com seu leitor, fornecendo justamente esta negação. Há também uma espécie de pacto historiográfico, quando, conforme já observamos no capítulo anterior, no posfácio de *Dona Sinhá* é dito que os trechos em itálico dizem respeito a passagens rigorosamente históricas. Se o pacto autobiográfico diz respeito a identificação do autor com o personagem, o recurso do qual o leitor espera que o texto lance mão é a memória; é preciso que ele se recorde do que aconteceu e transcreva isso de forma fidedigna. No caso do pacto romanesco, o leitor é levado a uma suspenção da verdade, aceitando as fabulações engendradas pela mente do escritor e a ilusão de real que elas criam. Um pacto historiográfico traria consigo o pressuposto de que estão sendo apresentados dados verificáveis, sobre coisas que aconteceram com outrem.

Elide Rugai Bastos, chama a atenção para o caráter autorreferencial de *Dona Sinhá* na medida em que vê, primeiramente, a grande identificação entre o narrador e Gilberto Freyre, em segundo lugar, quando observa que além da

duplicidade presente no narrador, a figura de Paulo apresenta vários traços autobiográficos do autor. Ou seja, alguns episódios da vida de Gilberto Freyre estão presentes na construção do perfil desse personagem e muitas das ideias do escritor lhe são atribuídas.<sup>13</sup>

Mesmo no tio de José Maria, o velho João Gaspar, vemos uma parte de Freyre tentando se mostrar: ele é um personagem que está vivo na narrativa, interagindo com o narrador diversas vezes. Freyre se utiliza de Gaspar no sentido de ventilar sempre as próprias opiniões, sem que para isso tenha que dizer ao leitor que quem fala é um especialista: trata-se da fala de um patriarca rústico da terra. Rústico, mas nem tanto: diversas vezes o narrador-personagem vislumbra por trás das maneiras e da fala arrastada de João Gaspar uma inteligência vivaz.<sup>14</sup> João Gaspar tem, assim como o Freyre real, seus momentos polêmicos: ao avaliar a contribuição de Joaquim Nabuco para o futuro dos cativos no Brasil, considera muitas das ações de “Nhô Quim” uma perda de tempo perto do que fez ele, Gaspar, ao emprenhar escravas. Nabuco “ficou no palavreado, a elogiar negro, a louvar da boca pra fora as mães pretas, a alforriar escravo, a

---

<sup>13</sup> RUGAI BASTOS, Elide. Gilberto Freyre: a cidade como personagem. Op. cit. p. 146.

<sup>14</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit. p. 67.

atacar senhor de engenho que botava negro de castigo, sem coragem de emprender as negras, nem mesmo as doidas por ele”.<sup>15</sup> E arremata perguntando ao narrador e a si mesmo.

Mas será que eu pequei aos olhos de Deus, enchendo as terras de Olindeta de mulatos sadios e de sararás escovados? Acho que não. Pecar quem pecou, deixando de dar ao Brasil mulatos fortes, mulatas sacudidas, gente bonita, foi o tal do Nabuco. Cá o caboclo trabalhou por dois: por si e por Nabuco.<sup>16</sup>

Embora Freyre não tenha deixado um prole de filhos mestiços com as ex-escravas de sua família, sabemos que ele admirava o colonizador português que assim o fazia, e acreditava que a mestiçagem resultante fosse o grande trunfo de nossa civilização tropical – e não é demais acrescentar aqui que o narrador de Dona Sinhá parece ser simpático a Gaspar, ignorando o processo de violência e abuso através do qual ele “encheu as terras de mulatos sadios e sararás escovados”. Dentre outros traços mais marcantes de personalidade de Gaspar, estão um certo anticlericalismo que não chega, entretanto, ao ponto de fazê-lo se filiar à maçonaria, ou deixar de se filiar a uma irmandade católica; simpatia velada pelo protestantismo, admiração pela figura de Dom Vital, etc.<sup>17</sup>

### 2.1.2 *criação versus reminiscência*

Nossa sugestão é que João Gaspar possa ter suas origens em Machado de Assis. No Capítulo XI de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, chamado “o menino é o pai do homem” vemos introduzida a figura de um dos tios do protagonista, tio que também se chama João. Ele era

um homem de língua solta, vida galante, conversa picaresca. Desde os onze anos entrou a admitir-me às anedotas reais ou não, eivadas todas de obscenidade ou imundície. Não me respeitava na adolescência, como não respeitava a batina do irmão; com a diferença que este fugia logo que ele enveredava por assunto escabroso. Eu não; deixava-me estar, sem entender nada, a princípio, depois entendendo, e enfim achando-lhe graça. No fim de certo tempo, quem o procurava era eu; e ele gostava muito de mim, dava-me doces, levava-me a passeio. Em casa, quando lá ia passar alguns dias, não poucas vezes me aconteceu achá-lo, no fundo da chácara, no lavadouro, a palestrar com as escravas que batiam roupa; aí é que era um desfilar de anedotas, de ditos, de perguntas, e um estalar de risadas, que ninguém podia ouvir, porque o lavadouro ficava muito longe de casa.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Id., p. 54.

<sup>16</sup> Id., P. 55.

<sup>17</sup> Idem, p. 66-67.

<sup>18</sup> ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Egéria, 1978, p. 42.

As semelhanças entre os dois personagens, como podemos ver no trecho citado, não param no nome João: ambos mantém relações perniciosas com as escravas e tentam enredar, com mais ou menos sucesso, os sobrinhos crianças num vocabulário e numa série de atividades precoces. A falta de respeito do João machadiano com a “batina do irmão” é análoga ao anticlericalismo de João Gaspar, anticlericalismo turbinado pela verdadeira batalha que trava contra a promessa da irmã de ordenar padre seu único sobrinho. O texto informa que João Gaspar

sonhara com o sobrinho para substituí-lo na direção da casa e do engenho. Donde ter tentado arrancar o menino ao que lhe parecia o pernicioso jugo de Sinhá e dos frades. Donde ter procurado seduzir o menino para seus modos de vida másculos e rústicos. Para seus apegos a mulheres e cavalos. A canaviais e pastoris.<sup>19</sup>

Ao contrário de Brás Cubas, porém, que cede à influência do tio, José Maria cresceu “muito mais sob a influência da mãe do que sob as sugestões do Tio, que vagamente lhe substituiu o Pai morto”.<sup>20</sup> Embora Gaspar atribua a isso uma espécie de deformação sofrida através da criação da mãe, o personagem-narrador tem outra hipótese.

Fosse qual fosse a criação de José Maria não creio que ele tivesse se tornado substituto, senão manco, do tio, na direção da casa e do engenho de Olindeta; ou que, como o tio, desse para raparigueiro; como o tio, desse para entusiasta de negra e de mulata; como o tio, desse para conhecedor de cavalos. Não me parece certo o ditado segundo o qual quem é bom já nasce feito; ou o outro que diz que quem nasce torto, não endireita nunca; mas tampouco me parecem certos aqueles ambientistas para quem o ambiente determina sozinho o caráter, o futuro, as virtudes de um indivíduo.<sup>21</sup>

O texto aqui ventila um ponto de vista claramente determinista biologicamente, embora não exclua totalmente o peso do meio na formação do indivíduo. Lembremos, com Coutinho, que “para Freyre, o grande tema do ficcionista é o ‘desajustamento da personalidade ao meio’”<sup>22</sup>. Assim, mesmo Gaspar pode ter alguns de seus traços, como o próprio anticlericalismo, condicionados por fatores hereditários.

Como que me parecia haver em João Gaspar alguma coisa de secretamente racionalista, de Calvinista, de Protestante, de Anticatólico, que desde o começo do século XVII viesse sendo guardado por sucessivos Gaspare, Joões Marícios, Maurícios Wanderley, só na aparência de todo Católicos; no íntimo, um tanto Protestantes. Racionalistas. Antipapistas. Antilitúrgicos.

---

<sup>19</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 73.

<sup>20</sup> Idem, p. 98.

<sup>21</sup> Idem., p. 74.

<sup>22</sup> COUTINHO, Edilberto. Op. cit. p. 68.

Antipoéticos, até. Talvez o fundador da família nunca tenha completamente deixado o protestantismo.<sup>23</sup>

O próprio João Gaspar é, portanto, um desajustado a seu meio majoritária e fervorosamente católico, em decorrência do legado ao qual pertence. A seus olhos a Igreja surge como devoradora da própria Brasilidade.

dominando por esse meio as melhores famílias, prendendo cada uma a um convento por meio de uma freira a quem cortassem o cabelo de iaiá, tornando, para a vida toda, uma mulher careca ou fazendo de um rapaz, em quem raspassem uma coroa de padre na cabeça para marca-lo, também para a vida inteira, um escravo ou cativo do Papa, a Igreja se apoderava, de qualquer maneira, do Brasil.<sup>24</sup>

A ideia que perpassa o texto de *Dona Sinhá*, entretanto, pende também na direção de apontar o catolicismo como um dos traços distintivos de nossa civilização tropical, por constituir parte do legado ibérico, um dos principais, senão o principal fator desta singularidade do Brasil em relação ao restante do ocidente em seu processo de modernização. Seu desprezo pela batina não é absoluto. Ele acaba por revelar uma intensa admiração por certa parte do corpo eclesiástico, assim como pelo papel da igreja no processo civilizador do Brasil. Assim, pois, arremata.

Sou um brutamonte, é verdade, mas um brutamonte que reconhece que sem mulher e sem igreja, só com brutamonte como eu montando cavalo brabo e plantando cana, em massapê, não haveria este nosso Brasil." seguem-se algumas reflexões sobre a importância do papel do clero, das mulheres e dos intelectuais.<sup>25</sup>

Retomaremos a questão das alusões a uma “singularidade tropical” nas seminovelas em nosso terceiro capítulo. Nos parece que João Gaspar é um personagem inventado que, além de tipo social cuidadosamente recortado, recebeu também inspiração direta do texto de Machado de Assis. É como se Freyre quisesse tomar de empréstimo o Tio João de Brás Cubas e dar-lhe mais substância, um passado e uma personalidade mais elaboradas, assim como uma relação um pouco mais frustrada com o sobrinho querido.

Analisando, portanto, a atitude de denegação do autobiográfico por parte de Freyre, acreditamos que ela deixa transparecer o desejo de ser reconhecido como romancista/novelista de fato: um ficcionista capaz de inventar e criar para além das reminiscências pesquisadas laboriosamente nos eventos da própria vida. Ciente do caráter memorialístico e autobiográfico

---

<sup>23</sup> Idem, p. 75.

<sup>24</sup> Idem.,p. 78.

<sup>25</sup> Idem, p. 161.

que pairava sobre toda a sua retaguarda bibliográfica, Freyre tenta sinalizar que, com *Dona Sinhá*, se propunha fazer algo diferente. Desde seu regresso ao Brasil do exterior, em 1923, ele trazia consigo uma “bagagem teórica e conceitual sensivelmente distinta daquela que se podia considerar vigente em terras tropicais”.<sup>26</sup> A crítica brasileira, de modo geral, era insistente no princípio de “verdade” para validação e consagração de obras literárias. Mônica Pimenta Velloso demonstra como nossa literatura, pautada por este referencial, tentou extirpar de si a própria ficção, empobrecendo-se, pretendendo retratar o real ao invés de transfigurá-lo. Inclusive José Lins do Rego, em sua crítica a Machado de Assis, chega a afirmar que “não se faz literatura recorrendo-se apenas aos caminhos da imaginação”.<sup>27</sup> Velloso nos explica como, ao longo de nossa história intelectual, prevaleceu a visão de uma crítica literária aferrada a preceitos positivistas, obcecada pela objetividade, que legitimava apenas as obras que se colocassem como representações as mais fieis possíveis da realidade nacional. É interessante que Velloso se valha da metáfora do espelho - que na verdade deforma tudo aquilo que supõe-se que ele reflete com exatidão – para ilustrar o que, em sua visão, seria o resultado obtido por esta forma de literatura. Koselleck, ao falar das manifestações pré-modernas em prol da imparcialidade na história, diz que

um indício desse realismo ingênuo, que acredita poder fazer com que a verdade das histórias se manifeste intacta, é a metáfora do espelho. A imagem que o historiador, semelhante ao espelho, deve refletir não deve ser deturpada, empalidecida ou deformada.<sup>28</sup>

A ingenuidade que Koselleck aqui atribui aos historiadores antigos é, na visão de Velloso, compartilhada por nossos literatos da tradição realista e naturalista. A concepção que prevaleceu, gestada por Sílvio Romero durante o século XIX, foi reforçada pelo projeto literário do Estado Novo e deixou em Freyre a sua marca, assim como em outras “grandes reflexões sobre a nacionalidade”.<sup>29</sup> Mesmo que as menções a Freyre em *A literatura como espelho da nação*<sup>30</sup> sejam breves, e que o período analisado seja muito anterior ao da publicação da primeira seminovela, encontramos diversos paralelos entre o naturalismo literário de base documental, de cunho regionalista, e o que pudemos encontrar nas páginas de *Dona Sinhá e o filho padre*. Também é interessante apontar que dois dos autores utilizados por Velloso como exemplos da realização do projeto literário estado-novista foram bastante inspiradores para

<sup>26</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., p. 40.

<sup>27</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *A literatura como espelho da nação*. Estudos Históricos. v. 1, n. 2, 1988, p. 255.

<sup>28</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006, p. 164.

<sup>29</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. cit., p. 242.

<sup>30</sup> Idem.

Freyre em sua estreia na ficção, e simultaneamente, animados pela teoria de Freyre, já que devem ser enquadrados como “romancistas de trinta”: Jorge Amado, que figura na dedicatória de *Dona Sinhá*, e José Lins do Rego, grande amigo pessoal de Freyre desde os anos 1920, e um dos companheiros que integrava aquilo a que Maria Lúcia Pallares-Burke chama de “O clã de Freyre”: um grupo de intelectuais, entre estudiosos e artistas que, dado o vasto “capital cultural” adquirido por Freyre em cinco anos de peregrinações por centros culturais da América do Norte e da Europa, davam às palavras dele o peso dos “discursos de autoridade”, mesmo ele sendo ainda muito jovem.<sup>31</sup> Em 1937, José Lins do Rego reconhece a enorme contribuição de Freyre ao meio intelectual brasileiro para uma “humanização profunda dos estudos de Sociologia”.<sup>32</sup> De acordo com Lins do Rego, os escritores brasileiros queriam “entrar de chapéu na cabeça por dentro de assuntos bem difíceis de serem tratados”. Gilberto Freyre estaria

familiarizado com as tendências e ideias europeias e norte-americanas mais recentes e, portanto, situado no ponto de cruzamento entre culturas locais e metropolitanas, Freyre viria a ocupar a ambígua posição de guardião da cultura brasileira e repórter e intérprete de práticas e ideias estrangeiras.<sup>33</sup>

Entretanto, quando Freyre decide se tornar seminovelistas, é possível imaginar que esta relação se inverta na interlocução textual dos dois autores: no campo do ficcional, Freyre passa a ser tributário de José Lins do Rego, autor de uma já consagrada saga com inspiração autobiográfica. José Lins, por sua vez, segundo o que Freyre observa no prefácio de 1947 de *Inglezes no Brasil*, teria “deixado o panfleto pelo romance, em grande parte sob o encanto da leitura de autores ingleses traduzidos ao francês e ao espanhol”.<sup>34</sup> Tais autores teriam sido apresentados a ele por Freyre que, entretanto, reconhece em *Tempo morto* que deve muito ao “discípulo”:

Devo a J. L. do R. minha iniciação em A. G. [Agrípino Grieco]. Também J. L. do R. já me iniciou noutros ‘novos’ que trazem de fato um novo vigor à literatura brasileira: Ronald, Renato Almeida, Mário e Oswald de Andrade, Tasso da Silveira, Andrade Murici, Alceu Amoroso Lima, Jackson de Figueiredo [...].<sup>35</sup>

<sup>31</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit., p. 167-170. A autora lista os nomes dos integrantes do clã de Freyre. Brasileiros de Pernambuco seriam: José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Manuel bandeira, Cícero Dias, Adhemar Vidal, Álvaro Lins, Anníbal Fernandes, Antíogenes Chaves, Julio Bello, José Tasso, Luís Cedro, Luís Jardim, Odilon Nestor, Olivio Montenegro, Sylvio Rabello e Ulysses Pernambucano. Brasileiros de outros estados seriam: Rodrigo Mello Franco de Andrade, Gastão Cruls, Octávio Tarquínio de Souza e José Olympio. E, por fim, os estrangeiros Francis Butler Simkins e Rüdiger Bilden.

<sup>32</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., p. 62.

<sup>33</sup> Op. cit., p. 173.

<sup>34</sup> FREYRE, Gilberto. *Inglezes no Brasil*: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 9.

<sup>35</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Op. cit., p. 148.

Esta situação demonstra que devemos nos pôr em guarda contra a cômoda noção de *influência*. De acordo com Nicolazzi,

o principal problema para tal noção reside no papel de passividade concedido àquele que sofre influência de outrem. A consequência disso é que, em muitos casos, ela acaba por inverter os termos da relação, dando à ideia de tradição uma linearidade natural e, por vezes, enganosa.<sup>36</sup>

Daí concluir-se que a relação de uma determinada visão com outras distintas ocorre por via de trocas recíprocas, não numa troca simétrica e hierarquizada de aptidões, valores e habilidades. Acataremos, portanto, a sugestão de Maria Lúcia pallares-Burke de trabalhar com a ideia de “diálogo” ou de “interlocutores”.<sup>37</sup>

Velloso aponta uma ânsia biográfica por parte da tradição intelectual que levava adiante o projeto de literatura-modelo a ser consagrado no Brasil, da qual a obra de Euclides da Cunha se fazia a maior expoente, em oposição à literatura-ficção de Machado de Assis, autor quase sem passado, que escondia a própria biografia, inclusive em aspectos de sua obra, taxada pela crítica de 1920-1930 como alienante.<sup>38</sup> Como Nicolazzi bem demonstrou, o grande projeto de interpretação do Brasil por parte de Freyre foi urdido à “sombra” do mestre Euclides da Cunha.<sup>39</sup> Isso talvez ajude a entender a diligência de Freyre em documentar a própria vida e fabricar a própria narrativa de forma pública. É bastante interessante, como nota Edilberto Coutinho, que Freyre, em seus trabalhos de crítica literária, dê sinais de identificar – e de tentar evitar ele mesmo produzir – uma literatura em que o sociológico, o antropológico e o histórico acabem por engolir o ficcional. Zola é visto por Freyre como o maior exemplo de autor que incorreu neste erro, enquanto Mallarmé seria, de forma oposta, o criador de um “purismo virginalmente literário”.<sup>40</sup> O que Coutinho aponta é que Freyre seria um autor misto, não tendo ido aos extremos que foram nem Zola nem Mallarmé, mas exigindo sempre

da ficção, que contribua ao conhecimento do homem e da sociedade, que não se perca jamais em purismos beletristas, mas se amplie e se enriqueça em revelações de caráter antropológico, sociológico, psicológico, e que mantenha laços com o histórico, sem deixar de ser estória.<sup>41</sup>

<sup>36</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., p. 36.

<sup>37</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit., p. 39.

<sup>38</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*. v. 1, n. 2, 1988, passim.

<sup>39</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit.

<sup>40</sup> COUTINHO, Edilberto. Op. cit., p. 54.

<sup>41</sup> Idem, p. 55

Nossa crítica brasileira, portanto, legitimava trabalhos os quais se poderia chamar de documentos, em detrimento do que Heidegger chama de “ser-obra”. De acordo com LaCapra,

lo documentario sitúa el texto en términos de dimensiones fácticas o literales que implican la referencia a la realidad empírica y transmiten información sobre ella. El 'ser-obra' complementa la realidad empírica con agregados y sustracciones. Implica por lo tanto dimensiones del texto no reductibles a lo documentario, que incluyen de manera preponderante los papeles del compromiso, la interpretación y la imaginación.<sup>42</sup>

O documento, portanto, não deixa margem para a imaginação, consistindo seu propósito apenas o de justamente, documentar. Conforme já foi apontado, Freyre também poderia desejar, em algum sentido ou medida, superar seus interlocutores textuais do campo da criação literária; nesse caso, especificamente, os escritores seus contemporâneos e conterrâneos. Um indício disso é como Freyre mesmo vê Machado de Assis como o elaborador, entre nós, de uma ficção diferenciada.

Com sua capacidade genial de analizar-se e, mesmo sem o querer, revelar-se, e de analisar e revelar o ambiente através de desajustamentos ou conflitos de personalidade com o meio. Desajustamentos e conflitos apresentados em termos de uma exatidão humana que tem interessado, por um lado, aos psiquiatras e aos psicólogos, por outro, aos sociólogos e aos historiadores da sociedade brasileira do tempo da escravidão e do Império.<sup>43</sup>

A lição de Machado de Assis teria sido, na opinião de Freyre, seguida por alguns autores como Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso e Cyro dos Anjos. O subjetivismo e a preocupação com o enviesamento psicológico da ficção parecem estar no centro dos critérios de Freyre para situar estes escritores num patamar diferenciado. É interessante que Graciliano Ramos, por exemplo, tenha adotado um tom confessional em alguns de seus romances: *São Bernardo* é literalmente redigido como se fosse uma autobiografia e é, ao mesmo tempo, um dos livros em que o personagem mais se afasta da vida do próprio autor. Ciente da distinção entre a literatura-verdade e os produtos de imaginações humanas mais vigorosas – o que se evidencia na distinção feita por ele entre Zola e Mallarmé, e seu desejo de se afastar dos dois polos -, Freyre tenta, ao dizer que sua seminovela não seria “nem remotamente” algo como uma autobiografia ou como história sob a forma de ficção, incluí-la na segunda categoria. Mas há uma diferença muito grande entre o que ele declara ter feito e o que de fato fez nas páginas anteriores da seminovela na qual crava esta afirmação. Lembremos novamente que o desajustamento da personalidade ao meio era uma grande questão para Freyre em sua crítica literária; assim é que todos os seus

---

<sup>42</sup> LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intellectual y leer textos. In: Op. cit., p. 245.

<sup>43</sup> FREYRE, Gilberto. *Prefácios desgarrados*. Op. cit., p. 709.

heróis emergem como desajustados, desajuste, entretanto, que constituiu também parte do crescimento e formação do próprio Freyre.

Freyre pode ser visto como representante de uma longa tradição memorialista na literatura universal. Ele realmente se ressente de que entre nós, brasileiros, não tenha frutificado a cultura do diário e da escrita íntima em geral, especulando que isto seja uma característica da tradição católica, que incentiva a confissão íntima aos sacerdotes.<sup>44</sup> Ainda assim, ele vê o memorialismo como característica indissociável da literatura portuguesa, e mesmo desse idioma. Ao se examinar como escritor, Freyre diz que acredita “pertencer principalmente à tradição ibérica de escritor”, tradição, segundo ele, em alguns pontos afim com a anglo-saxônica: ambas seriam “constantes de expressão literária ou, mais especificamente, de expressão literária através do ensaio. Através também do drama, da própria novela e da própria poesia”.<sup>45</sup> Freyre fala em uma “saudade à portuguesa”, que se encontra “vindo desde Bernardim Ribeiro a Eça e a Camilo, passando por Rodrigues Lobo; e frequentemente se aliando a outro característico da gente portuguesa, que seria o ‘aceitamento resignado da infelicidade’”.<sup>46</sup> Neste sentido, outra obra com a qual sua produção literária se põe em diálogo é a de Valery Larbaud, “escritor francês em quem [descobriu] afinidade profunda com o [seu] modo de considerar o tempo. Com o [seu] modo de procurar captar momentos vividos”.<sup>47</sup> De acordo com Freyre, este modo contrastaria com o de Proust, já que este último

nos daria sempre [...] uma “sensação de vida intensa e claramente ressuscitada eposta em movimento”. Larbaud seria menos rico, menos intenso, menos dinâmico no seu modo de recapturar o tempo morto, revivendo-o. Seu ponto de vista seria constantemente o de um “Presente- Histórico”: o Presente a se dissolver em Passado em vez de o passado a se movimentar em Presente. De modo que em Larbaud a saudade “é evocação de tudo e de todos”. Do passado como do presente e do futuro.<sup>48</sup>

É possível captar aí uma forte simpatia pela hermenêutica do tempo histórico estabelecida por Larbaud, que reconhece a impossibilidade de captura do presente, eternamente fugidio, e se rende a um passado esmagador. Tal questão ainda pauta as discussões teóricas da historiografia. Arthur Ávila se pergunta, “como continuar afirmando a separação ‘objetiva’ entre passado e presente num contexto em que demandas passadas são constantemente

<sup>44</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Op. cit., 1975.

<sup>45</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968, p. 167.

<sup>46</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Op. cit., p. XII-XIII.

<sup>47</sup> Idem, p. XI

<sup>48</sup> Idem, p. XII.

reatualizadas?”.<sup>49</sup> É possível que a simpatia de Freyre pelo tipo de memorialismo de Larbaud estivesse ligada a seu desejo de manter um dado passado histórico na condição de “tempo morto”, no qual o passado não se movimentaria no presente. Embora Ricardo Benzaquen de Araújo<sup>50</sup> tenha demonstrado como, em *Casa-grande & senzala*, Gilberto Freyre não negasse os conflitos sociais ou a opressão sofrida pelos escravos, suas opiniões públicas da última parte da vida – que se tornaram mais contundentes no período de produção dos textos aqui estudados – são conhecidas por sustentarem uma negação do passado escravocrata como trauma. Elide Rugai Bastos observa que Gilberto Freyre não produz uma história datada, na verdade ele acaba colocando os acontecimentos numa espécie de transtempo, mais espacial do que cronológico. Esse transtempo também surge nas seminovelas, nas quais são raras as indicações ou referenciais para se situar no tempo; uma das poucas sendo, inclusive, a própria cidade: nas seminovelas “a cidade marca o tempo”.<sup>51</sup> Para Edilberto Coutinho,

no caso de Gilberto Freyre, toda a obra [...] apresenta uma visível unidade, representada pela visão de mundo do autor, por seu estilo, pela temática abordada [...] derrubando, como historiador, a redutora noção de datas. Incorpora, assim, ao tempo histórico, um tempo ficcional, que vai além do social.<sup>52</sup>

Maria Lúcia Pallares-Burke observa que o que dava a Freyre condições para pensar o Brasil inovadoramente também lhe acarretava limitações, tornando-o, talvez, “prisioneiro do sonho de um Brasil-mestre em democracia racial, [que] viu, ao menos algumas vezes, como realidade palpável o que só existia em potência”.<sup>53</sup> É neste sentido que ele justifica o próprio saudosismo, dizendo que ele é acusado como se

saudade fosse uma coisa vergonhosa. Eu confesso que sou um homem que tem saudade, saudade de outros entes humanos, saudade de épocas que eu não vivi, saudade de um Brasil que já era Brasil muito antes de eu ter nascido. Quando eu nasci já não havia escravidão no Brasil, mas eu ainda encontrei, na minha família, escravas que tinham sido e continuam a ser da família. De modo que, muito na intimidade, eu aprendi que houve, no Brasil, um relacionamento todo especial entre senhor e escravo.<sup>54</sup>

---

<sup>49</sup> AVILA, Arthur de Lima. “Povoando o presente de fantasmas”: feridas históricas, passados presentes e as políticas do tempo de uma disciplina. *Expedições: teoria da história e historiografia*. Goiânia, ano 7, n 2, p. 189-209. Ag.-dez. De 2016, p. 192.

<sup>50</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Op. cit., passim.

<sup>51</sup> RUGAI BASTOS, Elide. Gilberto Freyre: a cidade como personagem. Op. cit., p. 148.

<sup>52</sup> COUTINHO, Edilberto. Op. cit.

<sup>53</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit., p. 425.

<sup>54</sup> RUGAI BASTOS, Elide. *As criaturas de prometeu. Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo: Global 2006, p. 21.

Em se tratando de Freyre, não se pode perder de vista seu “traço fortemente provocador e brincalhão, de quem ama colocar-se no seio de uma boa polêmica”.<sup>55</sup> Freyre gostava de jogar com ambiguidades e contrários, fazendo disto uma marca registrada de seu pensamento e de sua escrita. É sabido, por exemplo, que ele tentou colaborar com, ou mesmo criar o mito de que a designação de sociólogo lhe seria inadequada. Embora Coutinho pareça acreditar que muitas das “frequentes e fecundas auto explicações e auto análises literárias” de Freyre podem se revelar “talvez as melhores chaves para a interpretação de alguns de seus mais insignes críticos”<sup>56</sup>, acreditamos que as informações que Freyre fornece a seu próprio respeito e a respeito de seus textos devam ser recebidas com cautela, ou mesmo desconfiança, a julgar, por exemplo, a constatação de Maria Lúcia Pallares-Burke de que ele tinha o costume de, se não alterar sistematicamente tudo o que republicava,

muitas vezes não se referia às mudanças que fazia e, ocasionalmente, afirmava estar apresentando os textos mais antigos na sua forma original. Seu hábito de emendar ou reescrever seus trabalhos para republicação escondeu, pois, uma parte importante de seu desenvolvimento intelectual.<sup>57</sup>

Este seria, portanto, um motivo para não nos firmos na palavra de Freyre como guia absoluto para a interpretação de *Dona Sinhá*. Ao descartar-se seu funcionamento também como um trabalho de escrita autorreferencial, deixa-se de compreender uma parte bastante rica do texto. Já em 1947, Freyre parece se entusiasmar com a possibilidade, sinalizada por alguns críticos como Stuart Hampshire,

da próxima superação do romance pela autobiografia. Não por ter o romance se esgotado como forma literária, mas por ter o homem moderno se tornado demasiado consciente de si mesmo para procurar descrever-se ou interpretar-se noutros termos, senão os principalmente objetivos. Essa descrição ou interpretação se realizará sempre [...] pela integração do particular ou do individual na situação total, no ambiente, na atmosfera, sem implicar tal integração sacrifício do pessoal ao social. Apenas no reconhecimento de que nem as personalidades se desenvolvem no vácuo nem os fatos acontecem senão em ligação com o complexo das situações a que pertencem. O social e o pessoal interpenetram-se como se interpenetram o chamado *individual* e o chamado *universal*, o *histórico* e o *sociológico*.<sup>58</sup>

O trecho longo vale a pena ser citado por completo, pois elucida diversos pontos da concepção freyriana acerca do romance e da ficção. Ele também reforça o impasse que procuramos resolver neste capítulo: se Freyre tinha tanto apreço pela dimensão autobiográfica,

<sup>55</sup> RUGAI BASTOS, Elide. Prefácio. In: MEUCCI, Simone. Op. cit., p. 9.

<sup>56</sup> COUTINHO, Edilberto. Op. cit., p. 40.

<sup>57</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit., p. 29.

<sup>58</sup> FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Op. cit.

por que negá-la ao leitor? Sugerimos que a resposta possa estar entre um logro, uma quase troça com quem lê, e ao mesmo tempo que, justamente por assim o ser, toma também a forma de uma provocação, um instigante convite a investigar a própria vida do autor mais de perto, caso sinta-se a necessidade de refutá-lo. Seria, assim, possível tratarem-se suas seminovelas como ficções autobiográficas, narrativas de si nas quais o autor se faz multiplamente personagem: como narrador em primeira pessoa e autor dos livros, mas também como objeto da própria investigação, na pessoa do finado menino José Maria, como Paulo Tavares, como Gaspar... .

José Maria era, por parte de mãe, descendente direto dos Rocha Wanderley, conhecida família da aristocracia pernambucana da qual descendia também o pai de Freyre. Pai este que já surge como personagem, no início da seminovela, quando o autor-narrador decide inquiri-lo “se tinha ideia de uns Wanderleys de um engenho chamado Olindeta”.<sup>59</sup> Olindenta seria o lar do velho Gaspar, um nome que

há séculos se perpetua no culto familiar dos Wanderleys brasileiros à memória do fundador holandês do clã: Gaspar. (Não tenho eu uma irmã chamada Gasparina?) E com o nome, se vêm conservando certos característicos nórdicos que nos Wanderleys mais endogâmicos resistem, ainda hoje, de modo surpreendente, ao trópico e ao tempo que os separa da Europa.<sup>60</sup>

A presença protagonista da família Wanderley e o constante reforço, por parte do autor-narrador, de seus laços de parentesco com Dona Sinhá e José Maria são sem dúvida grandes indícios de que estamos lidando com material autobiográfico no que concerne a figura do narrador-personagem, que fala sempre em primeira pessoa.

Para Philippe Lejeune, “para que haja autobiografia é preciso que haja relação de identidade entre *o autor, o narrador e o personagem*.”<sup>61</sup> As seminovelas de Freyre – ou ao menos *Dona Sinhá* - seriam o que Lejeune chama de “narração homodígética”; aquela em que *não há* identificação entre narrador e personagem principal numa narrativa em primeira pessoa. O narrador-personagem, José Maria e Paulo Tavares/Travassos são apresentados ao leitor de primeira viagem como indivíduos diferentes, com vidas distintas e, no caso do primeiro em relação aos outros dois, que nunca se cruzaram antes. Para Lejeune

Esses textos entrariam na categoria do 'romance autobiográfico'. Chamo assim todos os textos de ficção em que o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir de semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e *personagem*, mas que o autor escolheu negar essa identidade ou, pelo menos, não afirmá-la. Assim definido, o romance autobiográfico engloba tanto narrativas em primeira pessoa (identidade do narrador e do personagem)

<sup>59</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 22.

<sup>60</sup> Idem, p. 51.

<sup>61</sup> LEJEUNE, Phillippe. Op. cit., p. 18.

quanto narrativas 'impessoais' (personagens designados em terceira pessoa); ele se define por seu conteúdo. À diferença da autobiografia, ele comporta *graus*. A 'semelhança' suposta pelo leitor pode variar de um vago 'ar de família' entre o personagem e o autor até uma quase transparência que leva a dizer que aquele é o autor 'cuspido e escarrado'.<sup>62</sup>

Embora *Dona Sinhá* não nos dê Gilberto Freyre “cuspido e escarrado”, não é difícil observarmos algumas coincidências notáveis entre sua história pessoal e o desenvolvimento de José Maria”: a alfabetização tardia e seu grande apego à figura da mãe, Sinhá seriam bons exemplos. José Maria foi um menino que “não se interessou pelo livro de leitura nem pelo caderno de escrita e pela tabuada”<sup>63</sup>, enquanto o próprio Gilberto Freyre parece considerar que o gosto pela oralidade, aprendido por ele das amas ex-escravas, pode ter-lhe atrasado o desenvolvimento da escrita, a ponto de sua avó considerá-lo retardado.<sup>64</sup> Com esta informação, não fica difícil imaginar-se um Freyre criança no lugar de José Maria, aprendendo português com a ama, Inácia:

Muita palavra que José Maria empregava era palavra aprendida com a negra; e as vezes Dona Sinhá se escandalizava: 'Meu fiinho, quem te ensinou a dizer isso?' Era sempre Inácia. Inácia que lhe ensinara a dizer 'fiofó de galinha'. Inácia que lhe ensinara a dizer 'dizedor' por tagarela; 'cambetejar', por manquejar; 'cafungar', por catar; 'marimacho', por mulher com voz e modos de homem. Além de palavras gostosas como cangapé, mamparreiro, cafunje. A dona Sinhá aborrecia surpreender no vocabulário do filho mimado como se fosse menina e criado para padre e até para santo êsses acréscimos vindos de boca plebéia. Alguns até, vindos da áfrica.<sup>65</sup>

O trecho lembra bastante sua famosa hipótese sobre a “amolengação das palavras” pelas mucamas africanas, aventada em *Casa grande & senzala*: “a ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: amolengou-as, machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino as sílabas moles.”<sup>66</sup> Mais do que isso, porém, a figura de Inácia lembra a de Isabel, ama de criação de Freyre e uma “dessas empregadas domésticas que acabam se tornando pessoas da família”.

Era uma grande contadora de estórias que me empolgavam. Sabe, a grande influência que ela teve sobre mim está ligada ao fato de que custei muito a aprender a ler e a escrever. Só aprendi aos 8 anos. As estórias que ela me contava – lendas e mitos, a Bela adormecida no bosque, anões e gigantes – tudo isso contado de uma maneira que revelava nela um artista anônimo, porque sabia dar valor às palavras – tudo isso, repito, supriu em mim a falta de leitura [...]. De modo que foi grande a influência de Isabel sobre mim, sobre

<sup>62</sup> Idem, p. 29

<sup>63</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 30.

<sup>64</sup> RUGAI BASTOS, Elide. *As criaturas de prometeu*. Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. Op. cit.

<sup>65</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p 35.

<sup>66</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. Op. cit., p. 371.

o meu espírito, porque ela me deu gosto pela oralidade, pelo escrever falando, pela palavra viva.<sup>67</sup>

Embora este atraso em aprender as primeiras letras tenha sido largamente superado pelo autor, um certo menosprezo pela alfabetização sistemática permaneceu no Freyre maduro, levando-o, inclusive, a defender opiniões polêmicas contra programas de combate ao analfabetismo. Segundo Elide Rugai Bastos, ele discute a extensão da alfabetização no Brasil atribuindo-lhe um caráter ambíguo:

de um lado, como componente fundamental à passagem para uma nova etapa técnica necessária ao progresso; de outro, como elemento homogeneizador, demolindo ricas sobrevivências culturais que, destruídas, empobreceriam sobremaneira o legado da civilização universal.<sup>68</sup>

Quanto a proximidade da figura materna, *De menino a homem* traz um capítulo inteiro em que Freyre declara todo o amor e toda admiração que sente por Francisca de Mello Freyre, sua mãe.<sup>69</sup> Como diz Fátima Quintas, “a imagem da mãe esteve sempre cravada na sua biografia, um elo que se consubstanciava, uma saudade que o circundava por inteiro.”<sup>70</sup> Gilberto Freyre, entretanto, não chegou a crescer órfão de pai, como o menino José Maria. O pai de José Maria foi um

bacharel abestalhado, um sujeito meio pernóstico, meio ingênuo, de belém do pará, que nada aprendera de direito em pernambuco e só entendia mesmo de ervas e de remédios dos caboclos do amazonas, tendo a mania de não se tratar nem com médico nem com drogas de farmácia. Adoeceu logo depois de casado ninguém sabe ao certo de quê; e como só se chamassemédico depois da doença do paraense já muito adiantada, que foi quando sinhá teve conhecimento do mal, o coitado do paraense finou-se em dois dias, deixando José Maria do tamanho de um meninozinho-deus.<sup>71</sup>

É interessante que, em todo o livro, o pouco citado pai do protagonista seja a única referência a um legado indígena na nossa formação social e que, assim como em *Casa-Grande & senzala*, é visto representado de forma depreciativa: os remédios e as ervas foram incapazes de salvá-lo da doença e da morte. Darcy Ribeiro já observou, ao falar de *Casa-Grande & senzala*, que “o forte em Gilberto Freyre não é sua etnografia indígena”, e que, em oposição a alegria, loquacidade e, principalmente, plasticidade e adaptabilidade do negro, o nosso indígena

---

<sup>67</sup> NOBLAT, Ricardo. Playboy entrevista Gilberto Freyre. São Paulo, 5 (56), mar. 1980: 27-34

<sup>68</sup> RUGAI BASTOS, Elide. *As criaturas de prometeu*. Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. Op. cit., p.71-72.

<sup>69</sup> FREYRE, Gilberto. *De menino a homem*: De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. Op. cit., p. 79-90.

<sup>70</sup> QUINTAS, Fátima. Em tom de confissão. In: FREYRE, Gilberto. *De menino a homem*: De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. Op. cit., p. 16-17.

<sup>71</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 69.

seria retratado por Freyre como sendo introvertido, tristonho, duro, hirto e inadaptável.<sup>72</sup> Certamente, podemos constatar uma autêntica indiferença nas opções de representação do índio e da região do Amazonas feitas pelo Freyre romancista: estas partes do Brasil e seus habitantes quase não são mencionados em *Dona Sinhá*, e só surgem em *O outro amor* brevemente, quando Paulo e Maria Emilia passam lá um temporada, comunicando a Camargo detalhes via correspondência. Talvez a morte prematura do pai de José Maria em decorrência do fracasso do tratamento no qual ele insistiu seja a forma como Freyre decidiu por retratar o que ele pensava como a inadaptabilidade de valores e costumes amazonenses e indígenas. Acreditamos também que o casamento de Dona Sinhá com um bacharel apagado, de quem ninguém parece se lembrar direito, corresponda em alguma medida ao trecho já elaborado por Freyre em *Sobrados e mucambos*:

Também o casamento de bacharel pobre ou mulato ou de militar plebeu com moça rica, com branca fina de casa-grande, com iaiá de sobrado, às vezes prestigiou a mulher, criando entre nós [...] uma espécie de descendência matrilinear: os filhos que tomaram os nomes ilustres e bonitos das mães – Castelo Branco, Albuquerque e Melo, Rocha Wanderley, Holanda Cavalcanti, Silva Prado, Argôlo, Osório – e não o dos pais.<sup>73</sup>

Por fim, a perda do pai também transforma José Maria no típico herói edipiano do gênero romanesco. Marthe Robert traça as origens do romance a partir do “romance familiar” Freudiano. Para ela, o herói romântico nasce da tomada de consciência das diferenças entre os sexos, e evolui num complexo de édipo do qual não há “ficção, representação ou arte imagética que, de certa forma, não seja dele ilustração velada”.<sup>74</sup> Para Robert, uma das características do herói romanesco é sua origem que contraria as bases familiares comuns: raramente o herói cresce na segurança e na tranquilidade, gozando plenamente do amor compartilhado dos progenitores. Se não for órfão completo ou não tiver suas origens envoltas em mistério, o herói do romance será no mínimo privado da figura do pai biológico, que a criança, ao longo de seu processo de formação, passa a ver como rival a superar e destruir. Uma questão sugerida aqui é: até que ponto os motivos edipianos influenciaram a representação de Brasil no corpus freyriano? Se em suas seminovelas bastava matar o personagem paterno simplesmente, quando o que estava em questão era narrar todo o Brasil, as coisas não seriam tão simples. Talvez a própria obsessão de Freyre em descrever o patriarcalismo, expondo não apenas seu papel fundamental na construção do Brasil, mas também suas mazelas e contradições e almejando o

<sup>72</sup> RIBEIRO, Darcy. Prefácio à Casa-grande & senzala. In FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Op. cit., p. 32)

<sup>73</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Op. cit. p. 238.

<sup>74</sup> ROBERT, Marthe. Op. cit., p. 48.

momento em que ele fosse superado para que o país se modernizasse adequadamente fosse o elemento edipiano a ser buscado em seus ensaios de 1930 a 1950, mas o assunto sem dúvida requer estudos mais aprofundados e direcionados.

Podemos concluir, porém, que na primeira seminovela, o herói apresentado é um verdadeiro semi-herói. Ao examinar os pontos comuns de todas as variantes concebidas pelo folclore universal, Marthe Robert, observa que a “criatura eleita” sempre traz consigo marcas de rejeição familiar, ou tribulações e maquinações envolvendo seu nascimento, tal como José Maria. E assim como José Maria quando rompe com a vida de filho de sinhá para um recomeço no seminário, o herói mitológico também é, em algum momento, “expulso de casa e assim obrigado a romper os laços de sangue, liberta-se das coerções carnais e espirituais que constituem o essencial da fatalidade para o homem comum”.<sup>75</sup> Depois desta expulsão, o herói é posto à prova, e acaba por se tornar “curandeiro, legislador, portador de civilização, arrasador de monstros ou profeta”. Mas não o semiherói de Freyre. Ele encontra apenas a morte. Isso cria um contraste bastante evidente com a figura de Dom Vital Maria, que na narrativa é descrito como tendo sido arrancado do seio do mais rigoroso patriarcalismo para de fato se aventurar na Europa, enfrentando as agruras do claustro e de inferioridade hierárquica na ordem religiosa e, anos depois, no Brasil, se transformar no paladino e mártir da luta da Igreja contra a poderosa Maçonaria. Dom Vital, o autêntico herói, é a obsessão de Dona Sinhá, e o modelo de futuro que ela desejava para seu filho. Voltaremos a esta questão logo menos.

O que podemos perceber é que, embora o biografismo explique muito do conteúdo das seminovelas, outros elementos devem ser levados em conta. A denegação de Freyre – os livros não são *nem remotamente* autobiografia disfarçada – não é de todo um logro. Talvez sua ênfase o seja. Mas de fato, o texto revela, ao ser posto em contraste com os diversos níveis contextuais, mais complexidade do que se esperaria de um “embuste autobiográfico”. Por exemplo, a temática escolhida para *Dona Sinhá* – a história de um seminarista – parece, por sua vez, colocá-la em diálogo com uma série de outras narrativas que surgiam na mesma época, tanto no Brasil quanto na América Latina. Não podemos nos esquecer do grande exemplo de *Dom Casmurro*<sup>76</sup>, mas para Fernando Alves Cristovão, Freyre fez a feliz escolha por um tema em “ascendente popularidade”.

Em 1961 já Carlos Heitor Cony redigira a sua Informação ao Crucificado que bem se pode inserir na corrente cultural chamada da "morte de Deus", e não tardariam em 64 os filmes de Glauber Rocha e toda uma literatura de antigos padres e seminaristas que iria encontrar no pletórico e revolucionário Quarup,

<sup>75</sup> ROBERT, Marthe. Op. cit., p. 68-69.

<sup>76</sup> ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Egéria, 1978.

de Antônio Callado, um dos seus momentos mais altos. Tão atual se tornou o tema que, ainda na década de sessenta, foi possível publicar-se um livro de título perfeitamente insólito pela carga publicitária concentrada: *O Assunto é Padre*. Tal iniciativa, da editora Agir, inspirou-se precisamente nos estudos de Gilberto Freyre, partindo do princípio, formulado à maneira de um anúncio publicitário em voga, de que "cada brasileiro tem um padre em sua vida".<sup>77</sup>

Assim, Freyre tirava partido, muito habilmente, de uma temática literária em voga e ascensão, para compor sua seminovela, que o consolidava como "escritor", designação que confundia e incomodava os rivais da USP e ao mesmo tempo o projetava como ficcionista sintonizado com o que se produzia no país e no continente. Mas isso não é algo que exclua os diversos outros aspectos autobiográficos dos livros. A perspectiva de uma vida eclesiástica deve ter sido marcante para Freyre. Em sua autobiografia, ele menciona a avô Francisca, que muito ciosa de sua formação religiosa o "fez acompanhar às missas de domingo, instruindo-me sobre ritos, sobre cores, sobre frases em latim e para sempre criando em mim um encanto estético pela igreja. Desejava que eu me tornasse padre".<sup>78</sup> Ao fazer de si personagem de ficção pela primeira vez, Freyre projeta o futuro alternativo que vislumbrou que teria caso seguisse o coração da avó, há muito falecida. De acordo com Mário Vargas-Llosa, as ficções "se escriben y se leen para que los seres humanos tengan las vidas que no se resignan a no tener. En el embrión de toda novela bulle una inconformidad, late un deseo insatisfecho".<sup>79</sup> Ao examinar a vida do autor como uma das possíveis dimensões do contexto, LaCapra alerta, entretanto, para o risco representado pela tentação de analisar-se os textos como simples sintoma do processo vital, pois

la vida y el texto también pueden estar internamente marcados y a la vez relacionarse entre si mediante procesos que ponen en tela de juicio la identidad. Un texto o una vida pueden cuestionarse a sí mismos de una manera más o menos explícita, y cada uno de ellos cuestionar al otro. En la medida en que son distinguibles, pueden caracterizarse por patrones de desarrollo o formas de repetición que no son simplemente coincidentes y que tal vez incluso se impugnen mutuamente.<sup>80</sup>

---

<sup>77</sup> ALVES CRISTOVÃO, Fernando. A ficção de Gilberto Freyre como produto de sua obra sociológica. In: *Ciência & Trópico*. Recife: 1984. Disponível em <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/362>>. Acesso em: 03 set. 2018, p. 201.

<sup>78</sup> FREYRE, Gilberto. *De menino a homem*: De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. Op. cit., p. 86.

<sup>79</sup> VARGAS LLOSA, Mario. *La verdad de las mentiras*. Madrid: Punto de Lectura, 2002, p. 16.

<sup>80</sup> LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. Op. cit., p. 257.

Também há o fato de que *Dona Sinhá e o Filho Padre* se distingue por tratar da então espinhosa questão do amor entre dois homens – embora não seja o primeiro livro em nossa literatura a fazê-lo.<sup>81</sup> Nas palavras do prefaciador da primeira edição, Osmar Pimentel,

o tema complexo do homossexualismo [...] Gilberto soube revivê-lo com imparcial acuidade de psicólogo, de sociólogo e de poeta. Nem a apologia gíadiana, nem a caricatura envergonhada de Proust. O homossexualismo como fenômeno humano que exige antes compreensão e respeito que defesa ou escárnio.<sup>82</sup>

O que se transcorre na narrativa da primeira seminovela é que o jovem e introvertido José Maria, quando aluno do colégio, passa a ser perseguido, graças a seu tipo franzino e a sua personalidade diferente – além de um gosto precoce pelo sacerdócio que sabe que lhe aguarda –, por meninos “cruéis como são os meninos que se supõe normais contra aquele que se apresente diferente deles no modo de ser e no próprio físico”.<sup>83</sup> São os “meninos-diabos”, outra expressão emprestada de Machado de Assis, do mesmo capítulo de *Memórias póstumas* a que nos referimos: o próprio Brás Cubas se define como um autêntico “menino-diabo”.<sup>84</sup> Neste contexto de perseguição e tormentos é que José Maria conhece Paulo Tavares – que será o protagonista da segunda seminovela, o Dr. Paulo do título – um colega forte e valente com quem começará uma

amizade de colégio; e das mais românticas dentre as que já prenderam, em qualquer parte do mundo, a um colegial desprotegido, um adolescente já quase moço; e certo de poder e dever ser protetor de criatura ao mesmo tempo tão angélica como era, naqueles dias, José Maria, menino, da fúria dos outros colegiais, alguns deles verdadeiros meninos-diabos.<sup>85</sup>

Mas de que modo estes incidentes da vida de José Maria se ligam à biografia de Gilberto Freyre? De acordo com as investigações de Maria Lúcia Pallares-Burke, em sua passagem por Oxford, ao 22 anos, Freyre “se viu atraído sensualmente por um rapaz com quem teve experiência amorosa efêmera, mas significativa”.<sup>86</sup> O jovem chamava-se Linwood Sleigh, e ambos tinham em comum “não só a inteligência, brilho e um futuro promissor, mas também pendores literários, interesses artísticos e a experiência de uma marcante crise religiosa na adolescência”.<sup>87</sup> Foi com grande relutância, e a pedido do editor e amigo, José Olympio, que Freyre omitiu o episódio em seu diário-memória. Olympio, em carta, demonstra grande

<sup>81</sup> Talvez o pioneirismo possa ser dado a *O Bom Crioulo*, publicado em 1895 por Adolfo Caminha.

<sup>82</sup> PIMENTEL, Osmar. Uma estréia previsível. In *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela, Op. cit., p. XXVI.

<sup>83</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., 1964, p. 41.

<sup>84</sup> ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Op. cit., 1978, p. 41

<sup>85</sup> Idem, Ibidem.

<sup>86</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit., p. 122.

<sup>87</sup> Idem. p. 132.

preocupação sobre como o autor de *Tempo morto* será julgado pela posteridade; ele, um pai e avô.<sup>88</sup> É no mínimo irônico que uma vasta comunidade de indivíduos, amparados pelos valores contemporâneos, seja capaz de julgar o conteúdo da carta de Olympio de forma tão depreciativa quanto a maioria das pessoas daquele tempo poderia ter julgado Freyre por sua franqueza ao expor uma aventura e uma paixão homoeróticas. Em Freyre, acreditamos ser inegável que o fato de ele não ocultar o episódio nem da própria família seja revelador de uma tendência muito progressista de suas ideias, em geral sempre associadas ao conservadorismo e a manutenção de velhos valores. Ele era um espírito capaz de se abrir para o novo. Recorreremos, então, ao longo trecho em que Pallares-Burke faz ela própria a associação entre as duas seminovelas de Freyre e seu passado, associando tudo a Sleigh.

Em sua seminovela *Dona Sinhá e o filho padre*, Freyre iria abordar o relacionamento homoerótico entre dois jovens com grande sensibilidade e compreensão, e também ensaiar uma justificativa nos mesmos termos platônicos usados por Santayana. ‘Romance em que amor e amizade e até religião e sexo se confundem do começo ao fim’, seus personagens de meio-sexo, Paulo e José Maria, revelam uma dimensão da humanidade nem sempre lembrada, salientava o autor: que ‘são os homens, muitos deles, uns mestiços, não só na raça como no sexo, não só nas ideias como nos sentimentos. E, como os mestiços, se realizam esses homens, às vezes mais do que os supostos puros de raça, de sexo, de classe, de ideias, de sentimentos.’ No período em que Paulo, longe do jovem amigo, estudava em Paris, ele tanto se entusiasmara pela obra de Newman e Pater que resolveu conhecer Oxford. E lá, significativamente, ‘lembrou-se muito de José Maria, ao ver dois inglesinhos de beca em plena efusão de amizade amorosa que lhe pareceu, no melhor sentido da palavra, platônica. Platônica porém amorosa. Amizade amorosa pura: sem nenhuma canalhice’ (Freyre, 1971, p. 36, 117-8, 134).<sup>89</sup>

Mas a visão de Freyre acerca da homossexualidade, das relações entre rapazes mais especificamente, não estava de modo algum livre dos preconceitos de seu próprio tempo. Ele parece dividir essa forma de amor em duas variedades, uma bastante digna, associada aos valores da Grécia antiga, a outra degenerada, canalha; e nela José Maria teria “até talvez resvalado sem a proteção de Paulo”.<sup>90</sup> Em seu diário-memória de 1975, tal como pretendia publicá-lo, Freyre “legitima e enobrece” o episódio de sua mocidade, apelando às antigas amizades gregas e descartando a visão convencional da chamada normalidade sexual.<sup>91</sup> Em *Dona Sinhá*, Paulo Tavares, já avançado em suas leituras, ao rememorar o episódio com José Maria, consola a própria moral com o fato de que houvera

---

<sup>88</sup> Idem, p. 123.

<sup>89</sup> Idem, p. 137-138.

<sup>90</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 43.

<sup>91</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit., p. 138

outro tempo, o tempo ilustre, no passado humano, em que o normal era os José Marias serem protegidos pelos Paulos Tavares. O anormal chegava a ser, nesse outro tempo, que o menino mais sensível ou mais delicado desabrochasse de adolescente em jovem sem esse protetor um tanto mais velho do que ele a protegê-lo; e o qual protetor, sendo o melhor amigo, do protegido, e às vezes um tanto amoroso dele no seu modo de ser amigo e de ser protetor, era quem iniciava o adolescente na vida adulta.<sup>92</sup>

O tempo referido é claramente o tempo da Grécia antiga, com o qual Freyre gosta de traçar paralelos em relação ao seu Nordeste e o Nordeste do XIX – gosto que Maria Lúcia Pallares-Burke foi capaz de traçar até o encontro de Freyre com o conferencista de Columbia, Alfred Zimmern<sup>93</sup>, um habilidoso articulador da história antiga com problemas contemporâneos.<sup>94</sup> Se esse era, porém, o tipo de amor homoerótico por ele enobrecido, o outro, do qual seu herói se safara, poderia levá-lo a se portar como

um viciado que, nos colégios, como nos navios de guerra, nas tropas como nos conventos, buscam se insinuar à afeição exagerada dos adolescentes bonitos, com alguma coisa de meninas nos seus gestos indecisos e dúbios e até nas suas formas de corpo e nas suas feições, fazendo-se de protetores dos mais dengosos desses adolescentes. Mas, na verdade, visando epicurianamente extrair desses afetos transitórios momentos de gozo quase de todo físico, com o mais forte fazendo de sexo forte, o mais fraco, de belo sexo, em aventuras apenas de superfície de uma forma de amor malvista pelos adultos em quase todas as sociedades nitidamente patriarcais, em algumas das primitivas e em muitas das modernas.<sup>95</sup>

São, portanto, dois pesos e duas medidas: as manifestações afetivas que se alinhavam com a de sua própria experiência recebem valoração positiva, enquanto as que fogem desse espectro são depreciadas. Não que o próprio Freyre não tivesse ele mesmo buscado afetos com os quais extrair momentos de gozo quase de todo físico: é com bastante naturalidade que ele narra, em *De menino a homem*, breves aventuras com efebos que se prostituíam na Alemanha.<sup>96</sup> Seja como for, a efeminação, a passividade sexual, e a promiscuidade são aí chamadas ao banco dos réus, e condenadas “pelos adultos de quase todas as sociedades nitidamente patriarcais, em algumas das primitivas e em muitas das modernas”, categorias que podem sem dúvida enquadrar o próprio autor do texto.<sup>97</sup>

É também interessante notarmos que, ao construir suas seminovelas como sendo uma continuação direta da narrativa da outra, Freyre transfere traços autobiográficos para dois

<sup>92</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 42.

<sup>93</sup> Sir Alfred Eckhard Zimmern (1879-1957), historiador inglês.

<sup>94</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit.

<sup>95</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 43.

<sup>96</sup> FREYRE, Gilberto. *De menino a homem*: De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. Op. cit., 2010.

<sup>97</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 43.

personagens diferentes, cujas vidas se cruzam: José Maria, e seu melhor amigo e protetor, Paulo Tavares, “o Francês”. Este personagem é assim chamado pois viveu na França, onde concluiu seus estudos de medicina – o que justifica o “Dr.” Paulo -, regressando a Pernambuco cheio de novas ideias e com a visão sobre a realidade nacional profundamente transfigurada; tudo isto lembra bastante o processo de formação no exterior do próprio Freyre. Exceto por um fato, fundamental: Paulo, ao contrário de Freyre, recusa de vez o Brasil, partindo para a Europa, aonde irá terminar seus dias – mesmo que, após encontrar seu “outro amor”, Maria Emília, ele conheça um breve repatriamento, que se encerra com a viuvez. Se em José Maria Freyre projetava um futuro alternativo em que as ambições de sua avó se realizavam, em Paulo talvez ele visse o caminho que ele próprio se recusou a seguir: uma carreira no exterior. Seu professor de literatura na universidade de Baylor, Andrew Joseph Armstrong, reconhecendo seu talento e disposição para o trabalho, tentou por um tempo persuadi-lo de que o melhor para seu futuro seria uma carreira como escritor em língua inglesa. O português – e o Brasil – estariam abaixo de suas potencialidades.<sup>98</sup> Armstrong antevia em Freyre um “Conrad Brasileiro”; um escritor talentoso capaz de esquecer de suas origens em prol da anglofilia.<sup>99</sup> Como sabemos, entretanto, as escolhas de Freyre o levaram em direção oposta àquela desejada pelo professor Armstrong – e mesmo por outros, como Oliveira Lima. Pois, embora formado em medicina, Paulo Tavares – ou Travassos, como acontece de o personagem se transfigurar mais tarde – acaba por não exercer a profissão, vivendo mais como um tipo de livre pensador semi-itinerante pelas cidades de diferentes países da Europa – ambicionando, inclusive, escrever um livro em que comparava o Nordeste à Grécia antiga. Assim como José Maria perece ao realizar o sonho de ser padre, em Paulo perece o projeto de realização intelectual: com a morte da esposa, Maria Emilia, que era também coautora e ilustradora da obra planejada, Paulo abandona para sempre o projeto: podemos dizer que tanto o Gilberto Freyre sonhado pela avó quanto o sonhado pelo mestre nos estudos foram, mesmo na fantasia do próprio Freyre, fracassos.

## 2.2 – *Gilberto Freyre, o biografismo e o autobiográfico*

Conforme aventamos antes, a obra de Gilberto Freyre é toda perpassada pelo autobiográfico. Evocaremos novamente a perspectiva que Nicolazzi oferece sobre este aspecto

---

<sup>98</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Op. cit., p. 31.

<sup>99</sup> Joseph Conrad (1857-1924) foi um escritor polonês que emigrou para a Inglaterra em sua juventude. Tendo aprendido inglês apenas por volta dos 20 anos, tornou-se um dos maiores autores neste idioma. Seu trabalho mais conhecido é provavelmente *Heart of Darkness*, que inspirou o filme *Apocalypse now*.

ao analisar *Casa-Grande & Senzala* como resposta discursiva ao já na época canonizado *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. *Os Sertões* seria uma narrativa marcada pelo signo da distância que separa o autor de seu objeto. Em seu esforço de superar um mestre de quem se via à sombra, Freyre elaborou sua interpretação do Brasil utilizando-se da estratégia oposta, a da proximidade. Valendo-se disso como recurso narrativo, ele se imbuí de autoridade testemunhal em relação aos eventos que descreve, pouco importando a distância temporal que realmente os separa deles. Em outras palavras,

no conjunto da obra em questão, diversas ‘marcas de enunciação’, em muitos casos de forma bastante implícita, conferem ao autor modos de legitimação de seu discurso, recorrendo a sua própria experiência como fator de legitimidade. Essas marcas têm por efeito, no interior do texto, torná-lo um discurso passível de crença e de aceitação daquilo que enuncia.<sup>100</sup>

Habilmente, portanto, Gilberto Freyre transforma a subjetividade de sua escrita - subjetividade que poderia levar a uma certa desconfiança acerca da procedência das informações que são enunciadas - em um poderoso instrumento de validação. O que o estudo de Freyre demanda do brasileiro é

um olhar dirigido para si mesmo; algo como uma ‘introspecção proustiana’ que requer, mais que um trabalho crítico de História, um esforço afetivo de memória. Há um laço fundamental que une o autor e o passado e que, dessa maneira, permite o retorno e a reminiscência.<sup>101</sup>

A identificação entre o autor de *Casa-Grande & Senzala* e Michel Proust já havia sido feita na própria França, em 1939, por Roger Bastide.<sup>102</sup> Já o próprio Freyre, em 1947, no prefácio de *Ingleses no Brasil*, coloca Proust em contraste com Rafael em sua forma de retratar o homem – e toma partido do primeiro. De acordo com Freyre, o ensaio por ele elaborado segue a “técnica do retrato”, capaz de “tornar-se poesia e história, ciência e arte e até tempo e eternidade”.<sup>103</sup> Proust, assim como os pintores Ticiano e El Greco, teria sido capaz de imergir seus retratos numa atmosfera de época, não deixando o homem suspenso num “vácuo moral”, conseguindo assim surpreender o real “em momentos particularíssimos, capazes de revelar o todo, ou o principal, no caráter do retratado”.<sup>104</sup> A menção a Proust como produzindo uma arte contrastante com a de Rafael é relevante, pois Freyre teria tomado contato e absorvido diversos ideais estéticos com o grupo artístico dos pré-rafaelitas, que tinha como um dos membros e

---

<sup>100</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit. p. 297.

<sup>101</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., p. 329.

<sup>102</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Do Recife para o mundo. In DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). Op. cit.

<sup>103</sup> FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 5.

<sup>104</sup> Idem, ibidem.

fundadores Dante Gabriel Rossetti.<sup>105</sup> Especula-se que Freyre tenha entrado em contato com as diretrizes da irmandade através de Linwood Sleigh, ou em uma palestra de Butler Yeats.<sup>106</sup> O nome de pré-rafaelitas

aludia ao propósito que tinham [estes artistas] de desafiar as convenções, técnicas e hierarquias consagradas pela Royal Academy, onde Rafael era o modelo de tudo a ser reverenciado e imitado. Unidos pelo objetivo de “começar tudo de novo a partir de novas bases”, como William Rossetti iria recordar mais tarde, passaram a buscar inspiração na simplicidade da arte medieval e renascentista anterior a Rafael, Leonardo da Vinci e Miguelângelo, os grandes mestres da arte renascentista que, àquela altura, compunham o cânone das grandes escolas de arte.<sup>107</sup>

A ideia mais interessante que os pré-rafaelitas propuseram para efeitos da nossa análise foi a intuição de que um retorno ao passado pode permitir trazer ao presente os elementos necessários à sua renovação. No caso, os pré-rafaelitas buscavam um retorno a simplicidade da arte medieval para revolucionar uma arte renascentista que, na visão de Freyre, corria o risco de evoluir para uma arte suspensa num “vazio social” ou “vácuo moral”. A busca do retorno a um passado mais simples passa, em Freyre, por um resgate da memória, da oralidade e da biografia. Assim como Proust em busca de seu tempo perdido, Gilberto Freyre Também buscava seu “passado tocado em nervos, que emenda com a vida de cada um”, e parece encontrá-lo no limiar difuso entre a história e a ficção. Segundo François Dosse,

o gênero biográfico encerra o interesse fundamental de promover a absolutização da diferença entre um gênero propriamente literário e uma dimensão puramente científica – pois, como nenhuma outra forma de expressão, suscita a mescla, o caráter híbrido, e manifesta assim as tensões e as conivências existentes entre a literatura e as ciências humanas.<sup>108</sup>

Para conceituarmos melhor o que se pode entender por gênero biográfico consideramos interessante recorrer àquilo que Jaume Aurel chama de biografismo, manifestações narrativas que

“envolvem a seleção, descrição e análise de uma trajetória individual a partir de diversos enfoques e metodologias que permitem sua incorporação por meio do romance histórico, das narrativas pessoais [...] da literatura escolar e das biografias propriamente ditas”.<sup>109</sup>

---

<sup>105</sup> Poeta, desenhista e pintor Inglês de origem italiana, nascido em 1828 e falecido em 1882.

<sup>106</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Op. cit., p. 134 e 214.

<sup>107</sup> Idem, p. 217.

<sup>108</sup> DOSSE, François. Op. cit. p. 18.

<sup>109</sup> AUREL, Jaume. Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel. *História (São Paulo)*. Tradução de: Wilton Silva. São Paulo, v.33, n.1, p. 340-364, jan./jun. 2014, p. 340.

Assim, consideramos a biografia e a autobiografia como manifestações narrativas que partem de enfoques metodológicos distintos para compor uma narrativa sobre um determinado recorte da realidade. De acordo com Jacques Leenhardt

a autobiografia tem, em comparação com a biografia, a vantagem de construir, desde o início, a articulação das gerações na experiência do sujeito. É a diferença entre falar de si mesmo e falar do outro. O outro está percebido, automaticamente, como uma entidade fechada em si mesmo, uma entidade de qualquer modo autônoma. Já quanto ao Eu, este sempre sabe da sua inserção numa trama geracional complexa, onde o Eu só pode existir em relação às gerações anteriores e possivelmente ulteriores. Desse ponto de vista, a autobiografia tem acesso direto à complexidade dos tempos, enquanto a biografia corre o risco de simplificar a situação, esquecendo a dimensão genética.<sup>110</sup>

É interessante chamarmos a atenção para o fato de que Gilberto Freyre também se ocupou em biografar algumas personalidades, como o Próprio Euclides da Cunha, e que boa parte da documentação pioneira que constituiu matéria prima para seu trabalho eram autobiografias individuais de viajantes. Dosse nos recorda das proximidades entre a composição biográfica e a composição de romances, analisando a produção de alguns ficcionistas que também se ocuparam da arte da biografia, e sendo levado a concluir, no rastro das reflexões de Virgínia Wolf, que o biógrafo precisa saber dosar o uso dos fatos e o uso da própria imaginação em seus trabalhos. A biografia

responde a um certo número de cânones estéticos na medida em que se apresenta como gênero específico, capaz de satisfazer determinadas exigências, nos termos do pacto de veracidade assinado entre o biógrafo e o leitor. Essa estética da biografia pressupõe o emprego de uma variação de enfoques, de uma escala de pontos de vista [...]. O biógrafo está numa relação de maior ou menor proximidade com respeito à personagem biografada, entre a onisciência pouco propícia ao gênero e a exterioridade total, também imprópria. A biografia supõe em geral a empatia, portanto uma transposição psicológica mais ou menos regulada e dominada [...].<sup>111</sup>

É interessante que Dosse fale em empatia suposta na biografia, quando o próprio Freyre costumava chamar a atenção sobre a importância da empatia na pesquisa sociológica. No prefácio de *Ordem e progresso*, ele escreve que

sem empatia da parte do autor com relação aos mil personagens do drama ao mesmo tempo psicológico e sociológico de que, de autor se torna participante pela sensibilidade e pela imaginação, tanto quanto pela ciência ou pelo conhecimento quanto possível científico do tema, dos personagens e das situações dramáticas, estudos como o que se seguem seriam impossíveis.<sup>112</sup>

<sup>110</sup> LEENHARDT, Jacques. Protocolos da escrita: as estratégias de Gilberto Freyre In: DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). Op. cit., p. 151.

<sup>111</sup> DOSSE, François. Op. cit., p. 67.

<sup>112</sup> FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. São Paulo: Global 2004, p. 56

Ordem e progresso é, de todos os ensaios de Freyre, o mais experimental, e consequentemente, o mais ilustrativo do que ele via como aplicação da empatia nos estudos sociológicos. Não por coincidência, é possivelmente seu trabalho em que as biografias mais apareçam: elas foram usadas na composição do estudo, não apenas sob a forma de fontes históricas coletadas em arquivos públicos ou pessoais, mas também de questionários autobiográficos distribuídos a indivíduos nascidos no país entre 1850 e 1890; indivíduos “dos dois sexos, das três raças e de suas várias nuances de mestiçagem; de profissões diversas; de condições sociais e intelectuais diferentes; de credos ou fé também diferentes”.<sup>113</sup> Dos mais de mil questionários distribuídos, cerca de 300 foram utilizados. As perguntas elaboradas versavam sobre os mais diversos assuntos: desde brinquedos e camaradagens de menino, passando por opiniões sobre Comte, Spener e Marx e chegando nas preferências por “chapéus, calçados, roupas de dentro, guarda-chuva, bengala, jóias”.<sup>114</sup> A ânsia da busca da revelação da verdade pela via biográfica e pelo escrutínio das intimidades não é, entretanto, aonde as semelhanças entre *Ordem e Progresso* e *Dona Sinhá* terminam. O período retratado e analisado em *Ordem* é o mesmo em que transcorre a ação rememorada na seminovela: o período de transição da monarquia para a república, do trabalho escravo para o livre. Dentre as testemunhas de época ouvidas por Freyre, houve as que lhe fizeram

confidências como a um padre. Foi ouvindo-os, visitando suas casas antigas, seus sobrados velhos, escutando o som fanhoso dos seus pianos de cauda, dos seus bandolins, das suas flautas, há anos silenciosos, acariciando bonecas outrora louras e brinquedos arcaicos da meninice guardados por alguns quase como fetiches, que conseguimos nos contagiar do ambiente predominantemente patriarcal em que eles viveram, divertiram-se, sofreram, trabalharam, amaram.<sup>115</sup>

O trecho citado permite observar claramente o tipo de trabalho que Bastide vislumbrou na obra de Freyre e que levou-o a compará-lo a Proust: são os próprios sentidos que o levam a revisitá-lo, a rememorá-lo junto a indivíduos e objetos que detêm as memórias que lhe são de interesse. E em *Ordem* temos também a figura da viúva beata reveladora de intimidades, ela seria

Doninha de Sigismundo, pecadora arrependida que, velha e vestida de preto, como a mais severa das viúvas, contou-nos há anos, durante meses a fio, intimidades da vida sexual de ilustres homens de governo do fim da Monarquia e do começo da República, suas informações confirmado as que

---

<sup>113</sup> Idem, p. 43.

<sup>114</sup> Idem, p. 65

<sup>115</sup> Idem, p. 34

com muita dificuldade recolhemos sobre assuntos afins dessas intimidades, de eminentes baronesas do império.<sup>116</sup>

A “eminente baronesa do Império” evocada na passagem é, quase com certeza, a Baronesa da Estrela. Os detalhes desse encontro surgem em no desfecho de *De menino a homem*, quando a baronesa, após um almoço no Largo do Boticário, convida Freyre – um Freyre ainda solteiro – para seu apartamento pessoal em Copacabana, levando-o a apalpar-lhe os seios, na tentativa de mostrar que nem todas as baronesas do império eram velhas e decrépitas como as evocadas por ele. O tema da desmistificação do que o autor tem em mente por uma figura real, que emerge de suas próprias descrições, é aqui repetido. E um outro está também implicado: o da atração ou sedução de uma figura muito jovem por outra mais velha. Este tema surge nas seminovelas quando, primeiramente, Paulo se apaixona por Dona Sinhá; depois, em Paris, O outro amor de Paulo, Maria Emília, é bem mais jovem que ele. A simpatia de Freyre por estes amores, e sua reprodução em seu universo ficcional, provavelmente tem ligação com sua própria vida: sua esposa, Maria Magdalena Guedes Pereira, com quem ele se casou aos 41 anos, era nascida em 1920, portanto 20 anos mais jovem que ele.

O parágrafo anterior demonstra como o contexto que ilumina os possíveis sentidos de um texto é na verdade um multifacetado composto por várias instâncias, conforme aponta e insiste LaCapra. A vida do autor, a cultura, a sociedade e o *corpus*; todos passam a fornecer elementos válidos para a ampliação do entendimento da ficção freyreana. Por este método consegue-se chegar a um entendimento ainda mais aprofundado da obsessão de Freyre em biografar Dom Vital Maria, paralelamente a construção ficcional e autobiográfica do protagonista José Maria. De acordo com informação do prefácio de *Sobrados e Mucambos*, com data de 1961, Dom Vital aparece como o filho da casa-grande por excelência: seu pai fora um rendeiro “com todos os característicos de senhor da terra ou proprietário do solo”, que infundira em seu filho tamanho terror por seu poder patriarcal ao ponto de tê-lo “transformado, por um processo de transferência que a psicanálise talvez explique, em ódio ao Estado dominador da igreja; e o extremado amor à mãe, em devoção à santa madre igreja, a Maria, à mãe de Jesus – a sofredora, a mártir, a perseguida”.<sup>117</sup> Também neste mesmo prefácio está indicada uma das fontes às quais Freyre recorreu para reconstruir fatos da vida deste sacerdote, fonte que ele qualifica como “a melhor ou mais pura de todas: o velho sobrinho do bispo, há pouco falecido, Bráulio Gonçalves de Oliveira”.<sup>118</sup> José Maria, por seu turno, é também

<sup>116</sup> Idem, p. 36.

<sup>117</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Op. cit., p. 79-80.

<sup>118</sup> Idem, p. 80

representado como um filho da casa-grande, tendo passado boa parte da infância no engenho de Olindeta – do qual seu tio sonhava fazê-lo herdeiro e senhor - ou num sobrado semi-urbano no Recife. E também ele cresceu sob o signo da Virgem Maria, praticamente consumido no amor mesmo que lhe devotava. A biografia dos dois corre paralelamente, e seria dispensável chamar atenção para a coincidência dos nomes.<sup>119</sup>

Em *O outro amor do Dr. Paulo* temos outra personalidade que recebe – ainda que mais timidamente - atenção biográfica: O Barão do Rio Branco<sup>120</sup>. Este, o mesmo prefácio citado alhures também menciona, porém como o filho do sobrado, de “um negociante da cidade que enriquecera com a importação de escravos numa época em que esse gênero de comércio não se tornara ainda, no Brasil, atividade degradante para o homem de negócios nela empenhado nem para sua família”.<sup>121</sup> Outra característica que diferenciaria o Barão de Dom Vital seria sua criação em ambiente de menor autoritarismo patriarcal e de menor opressão da figura materna pela paterna. Tudo isto poderia ter, inclusive, de acordo com Freyre, concorrido para avultar os dotes diplomáticos do Barão do Rio Branco: “no sobrado paterno talvez tenha se familiarizado com alguns dos segredos como que maçônicos necessários ao chamado ‘resgate’ e tidos como meios de defesa da ‘liberdade de comércio’ contra o imperialismo britânico”.<sup>122</sup> Já a personalidade ficcional que Freyre privilegia em sua segunda seminovela, Paulo, é também “filho do sobrado”, um filho que ajuda a ilustrar o choque geracional tão pormenorizadamente descrito no capítulo III de *Sobrados e Mucambos*. Embora o tempo cronológico da vida de Paulo não corresponda ao narrado neste capítulo - *O pai e o filho* trata principalmente da geração de filhos de senhores de engenho educados nas cidades e mesmo na Europa que, alçados a posições de governança pelo então igualmente jovem Dom Pedro II, entraram em

---

<sup>119</sup> A obsessão de Freyre com Dom Vital em sua ficção pode ser sintomática de algumas conclusões às quais ele chegou em seu *Reinterpretando José de Alencar*. Neste pequeno livro, o romancista é descrito como “um Dom Quixote Cearense com uma cabeça que lembrava a de frade rebelde, de Dom Vital, colada como que por engano a um corpo de menino doente, de adolescente franzino, de estudante romântico. E não é à toa ou só por pitoresco que , a propósito de Alencar, lembro Dom Vital: homens do mesmo ânimo, brasileiros da mesma região, românticos da mesma espécie, um empenhou-se em defender contra os abusos do paternalismo, então dominante no Brasil, a Santa Madre Igreja, outro, a para ele também santa e também mãe, Natureza brasileira: inclusive a raça indígena que foi, na composição social do Brasil, raça principalmente maternal”. O paralelo talvez reforce ainda mais a condição de resposta discursiva da ficção freyreana á obra de Alencar. FREYRE, Gilberto. *Reinterpretando José de Alencar*. Op. cit., p. 14.

<sup>120</sup> José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845-1912), o célebre diplomata Brasileiro responsável, dentre outros feitos, pela anexação do estado do Acre à União, em 1903. Viveu em Paris no ano de 1889, quando exerceu a função de superintendente dos serviços de imigração para o Brasil. Em *O outro amor*, o Barão do Rio Branco protagoniza o episódio testemunhado pelo informante Camargo de um “almoço sem cerimônia”. Camargo, afrancesado, escandaliza-se com os modos do Barão, a se refestelar com uma feijoada. FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*, op. cit., p. 12-13.

<sup>121</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Op. cit., p. 80.

<sup>122</sup> Idem, ibidem.

choque com o mundo de seus pais e avós, precipitando, com novas ideias e costumes, o declínio do patriarcalismo – o tempo social é o mesmo, já que Paulo segue todos os passos de subversão e ruptura com os costumes que, segundo Freyre, foram dados por esta “nova geração de bacharéis e doutores”: Paulo, que nasce na mesma época que José Maria, bacharelou-se em medicina na Europa, e o pouco tempo que passou no Brasil depois disso foi quase que o de um estranho em terra estranha, sempre tentando trazer para cá ideias e pensamentos que não vingavam ou não se ajustavam.

Assim, não nos parece exagerado afirmar que o projeto de Freyre ao lançar-se como ficcionista autor de siminovelas fosse, em alguma medida, reproduzir sua obra sociológica, porém explorando um novo modo de discurso. Embora livros como *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e mucambos* sejam por ele próprio vistos como ensaios, livres dos rigores dos compromissos acadêmicos, sendo o ensaio “o gênero literário mais livre que existe”<sup>123</sup> eles ainda tinham um compromisso com a aporia da verdade, por questões epistemológicas: o ensaio, tal qual a escrita de si, a biografia ou a história, tem como objeto o campo da experiência humana vivida.

### **2.2.2 – A construção do escritor na autobiografia**

Gilberto Freyre é, portanto, um autor que se esforça por plasmar história, memória e ficção. A historiografia dos anos 1970, a fim de compreender o seu próprio funcionamento através dos processos narrativos, começa a investigar os pontos de permeabilidade do discurso historiográfico e alguns, como Hayden White, chegam a advogar pela conclusão radical de que historiadores e romancistas fazem, essencialmente, a mesma coisa. Segundo White, um modo que encontramos de conferir sentido a um conjunto de acontecimentos que nos é estranho seria

codificar o conjunto em função de categorias culturalmente fornecidas, tais como conceitos metafísicos, crenças religiosas ou formas de estória. O efeito dessas codificações é tornar familiar o não-familiar; e em geral esse é o modo da historiografia, cujos “dados” sempre são imediatamente estranhos, para não dizer exóticos, simplesmente em virtude de estarem distantes de nós no tempo e de se originarem num modo de vida diferente do nosso.<sup>124</sup>

Tornar familiar o não-familiar é algo que define bem o esforço de Freyre em toda a sua obra. Ele procurava, através do método empático ao qual nos referimos, perscrutar as intimidades, sensibilidades e mentalidades de um mundo desaparecido ou em vias de

---

<sup>123</sup> STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? *Remate de males*, Campinas, 2011, p. 21.

<sup>124</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*: ensaios sobre a crítica da cultura. Op. cit., p. 102.

desaparecer, mas ao qual ele se via bastante ligado. Sua intenção era representar este mundo para todo o Brasil, criando com ele um sentimento de identificação nacional. Freyre foi capaz de se utilizar de múltiplas ferramentas de representação. Depois de concluir sua dissertação<sup>125</sup> e de ser consagrado com seus ensaios, publicar diversos artigos em jornais e outros periódicos<sup>126</sup>, ele se lançou em experiências como poeta<sup>127</sup>, contista<sup>128</sup> e seminovelista/romancista, além de escrever suas memórias. Talvez Freyre tenha visto no romance uma ferramenta discursiva que oferecia recursos que não se encontravam disponíveis no formato que deu a seus grandes ensaios. Segundo Leenhardt “o tempo do romance é o único que sabe fazer ver, através da acumulação das cenas percebidas sob ângulos sempre variáveis, o processo social de nascimento do Brasil mestiço”.<sup>129</sup> Freyre julgava que o real fosse compreensível, mas para alcançar tal compreensão seria “preciso ir muito longe com a descrição, isto é, até o ponto em que a pluralidade faça, ela mesma, aparecer a unidade do sentido, em um espaço teórico onde a rivalidade dos métodos dê lugar a sua convergência”.<sup>130</sup>

A multiplicidade de gêneros que nosso autor visitou pode ter sido um recurso do qual ele lançou mão para levar a descrição da realidade até as últimas consequências, a fim de chegar à melhor compreensão possível. Quando Gilberto Freyre escolhe o romance para expressar-se, ele podia, a exemplo de Alencar no século XIX, estar usando a literatura pra revigorar um debate que, na esfera intelectual ele vinha perdendo. Façanha explica como, após uma sucessão de revesses políticos que o levaram ao isolamento, Alencar investe na produção literária, não como uma fuga para um mundo ideal, distante da realidade que a política não lhe permitira transformar, mas sim como uma forma de colocar em pauta seus ideais de sociedade, mostrando quais seriam as melhores formas de se conduzirem as tensões que grassavam entre os indivíduos nos tempos da emancipação.<sup>131</sup> De acordo com Pereira, “perdida a luta na arena política, era por meio de romances como *O tronco do ipê* que Alencar continuaria a desenhar os contornos de uma nação sustentada no respeito ao passado e a tradição”. Ele encarava a literatura como

<sup>125</sup> A dissertação de mestrado de Freyre, *Social life in Brazil in the middle of the Nineteenth Century*, de 1922, já contém diversos elementos de C&S em estágio embrionário.

<sup>126</sup> Alguns destes artigos podem ser conferidos em FREYE, Gilberto. *Tempo de aprendiz*: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1919 – 1926). São Paulo: Ibrasa, 1979

<sup>127</sup> *Talvez poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. Além de reunir poemas que Freyre escreveu de forma esporádica ao longo da vida, o livro também traz poemas montados com trechos de sua obra pelos poetas e amigos Mauro Mota e Lêdo Ivo.

<sup>128</sup> Os contos conhecidos de Freyre são três, e foram escritos dois especialmente para a revista *Ele e ela*, um para uma antologia de homenagem ao centenário do escritor Vicente Blasco Ibáñez. Os contos encontram-se reunidos no volume *Três histórias mais ou menos inventadas*, ao qual aludimos na introdução.

<sup>129</sup> LEENHARDT, Jacques. A consagração na França de um pensamento heterodoxo. In DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). Op. cit., p. 28.

<sup>130</sup> Idem, p. 36.

<sup>131</sup> FAÇANHA, Dayana. Op. cit.

“representação de um ideal – capaz de agir sobre o presente não pela exposição de suas verdades e vícios, mas pela definição poética de um modelo pintado em sua perfeição”.<sup>132</sup>

Freyre faz um movimento muito parecido quando inicia sua carreira de ficcionista, respondendo, com a literatura, ao ostracismo crescente que vinha enfrentando desde os resultados decepcionantes do projeto UNESCO. Em alguns momentos, a interlocução entre os dois autores se torna bastante explícita. O resgate inicial de Alencar se dá com a reedição do prefácio a *O tronco do ipê*, em 1955, mas também a autobiografia intelectual, *Como e porque sou escritor*, posteriormente editada e ampliada em *Como e por que sou e não sou sociólogo*<sup>133</sup>. Esta autobiografia traz no título uma correspondência óbvia com a autobiografia de José de Alencar, *Como e porque sou romancista*.<sup>134</sup> Mais do que uma simples paródia ou brincadeira, a semelhança dos títulos sugere que Freyre admitia que a construção da autobiografia era fundamental para o escritor que quisesse consagrarse. Estes livros de Freyre são da década de 1960, portanto a mesma em que foram escritas as seminovelas. Esta proximidade nas datas de publicação pode indicar que ao mesmo tempo em que estava às voltas com a elaboração de seu primeiro romance, Freyre também se ocupava de mais um texto autobiográfico, refletindo, neste em específico, sobre sua condição de escritor. E remetendo, ainda que sutilmente, a Alencar.

Para Fernando de Souza Rocha,

nestas duas narrativas [de Alencar e de Freyre] estabelece-se uma conexão, através da qual certos *topoi* das narrativas de formação literária – tais como a autoridade, o nome do autor, as cenas de leitura, as influências literárias e os fantasmas do escritor – ganham inflexões específicas, que nos ajudam a perceber a abrangência de uma (re)construção do vir a ser escritor, que se entende do literário ao extraliterário.<sup>135</sup>

As duas autobiografias trazem grandes diferenças entre si, não apenas em decorrência da diferença das trajetórias e das épocas em que viveram seus dois autores - diferença de época que faz com que as características do ofício de escritor e seu *status* na sociedade tenham se alterado totalmente – mas também pela sua abordagem. Em sua autobiografia, Freyre se coloca em busca do “verdadeiro escritor”; este teria que se servir da empatia, tal qual os sociólogos e os antropólogos, beneficiando-se tanto das teorias quanto da ficção.

Que haverá de afim entre um antropólogo do tipo de um Lawrence da Arábia ou, antes, de um Robert Redfield, ou um historiador social do tipo de um Marc

---

<sup>132</sup> PEREIRA, Leonardo A. de M. “A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do Império”. In: GRINBERG, Keila e SALLÉS, Ricardo (orgs). *O Brasil Imperial*, vol III: 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 285.

<sup>133</sup> Op. cit.

<sup>134</sup> ALENCAR, José de. *Como e porquê sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990.

<sup>135</sup> ROCHA, Fernando de Souza. A conexão Alencar-Freyre: “comos” e “porquês” em duas narrativas de formação. In *Revista virtual de Letras*, nº 2, p. 197.

Bloch ou um sociólogo do tipo de um Simmel e um escritor que escreva romances dos tipos dos de Tolstoi e dos de Proust e, entre nós, dos de Machado de Assis e Raul Pompéia? Creio que aquela empatia que consiste na capacidade de ver-se um indivíduo em outros e de ver outros em si mesmo, em uma perspectiva tanto de dentro para fora como de fora para dentro.<sup>136</sup>

Ele expõe as razões de ser do seu autoproclamado enquadramento entre os escritores ibéricos: um movimento de escolha, de rejeição ou fechamento ao que ele denomina “culturas imperiais” (inglesa, francesa, germânica, italiana) em troca de uma identificação com a literatura ibero-americana que não é fruto do simples nascimento como brasileiro.

A busca de Alencar em sua carta – a autobiografia tem formato epistolar – é circunscrita ao nacional, em detrimento mesmo do próprio ibérico - os portugueses, por exemplo, são desprezados como ignorantes da nossa literatura - mas sua veemência ao recusar os rótulos de imitador de Cooper e Chateaubriand, colocando-se assim como criador de uma literatura originalmente brasileira, faz lembrar o esforço que Freyre alega ter feito no século seguinte de “resistir” a influência das “culturas imperialistas”. De fato, acreditamos que Freyre olha para os românticos, especialmente para Alencar, como expoentes de uma tropicalidade, que ofereceu condições para o desenvolvimento de uma modernidade com feições bastante singulares. A questão será melhor explorada nos subtópicos de nosso próximo capítulo.

---

<sup>136</sup> FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968, p. 116.

## CAPÍTULO 3 – O ENSAIO, A CIDADE E A MODERNIDADE

Quando publicou *Casa-grande & senzala* e suas continuações, Gilberto Freyre privilegiou como método de exposição para suas ideias a escrita ensaística. Leenhardt afirma que

a obra inteira de Gilberto Freyre pode ser apresentada como um ensaio, no sentido retórico da palavra, quer dizer, como um intento de convencer, o qual põe em jogo para esse propósito um narrador, o mesmo Gilberto Freyre, e um leitor, convidado a deixar-se convencer pela descrição, a deixar-se apaixonar pela aventura do real, a ele narrada em modo romanesco, a deixar-se maravilhar pela sutileza do espírito de quem generosamente lhe oferece um triplo exercício do intelecto, da sensibilidade e da imaginação.<sup>137</sup>

Embora as origens do ensaio sejam questão controversa, muitos autores são unâimes em indicar Michel de Montaigne, e seus *Essais*, como o momento alto do gênero – ao menos na França.<sup>138</sup> Starobinski observa, na verdade, uma aproximação entre o que Montaigne escreveu e o autobiografismo, do qual viemos nos ocupando no capítulo anterior.

Não faltam declarações em que Montaigne confere papel primordial ao estudo de si, à autocompreensão, como se o “proveito” buscado pela consciência fosse o de produzir clareza sobre si, para si. Na história das mentalidades, a inovação é tão importante que se convencionou saudar nos Ensaios o advento da pintura de si, pelo menos em língua vulgar. (Montaigne fora precedido pelos autobiógrafos religiosos e por Petrarca, mas em latim.) Viu-se aí seu mérito principal, sua novidade mais impressionante. Mas vale observar que Montaigne não nos oferece nem um diário íntimo, nem uma autobiografia. Ele se pinta olhando-se ao espelho, certamente; mas, com frequência ainda maior, ele se define indiretamente, como que se esquecendo de si – exprimindo sua opinião: ele se pinta com pinceladas esparsas, a partir de questões de interesse geral: a presunção, a vaidade, o arrependimento, a experiência.<sup>139</sup>

Freyre enxergou no ensaio uma ferramenta que lhe permitiria “ultrapassar [a] dicotomia entre o poético e o científico, entre o subjetivo e o racional, entre, enfim, a visão e o conhecimento”.<sup>140</sup> Como o ensaio se coloca, portanto, nesta zona fronteiriça entre ciência e poesia, e como já vinha sendo utilizado como forma de expressão por Freyre desde os anos 1930, é natural que seja possível buscá-lo na prosa ficcional de Freyre. Logo no início de *Dona Sinhá e o filho padre*, o narrador-personagem se vê num debate com sua “voz interior”, que lhe indaga

<sup>137</sup> LEENHARDT, Jacques. A construção cosmográfica de uma paisagem social. In DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). Op. cit., p. 190.

<sup>138</sup> De acordo com Starobinski, Bacon é considerado o precursor do gênero entre os ingleses, enquanto na Alemanha temos Lessing, Möser e Herder.

<sup>139</sup> STAROBINSKI, Jean. Op. cit., p. 19

<sup>140</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., p. 375.

o que é que você está mesmo pretendendo escrever? Romance? Crônica histórica? Ensaio com alguma coisa de ensaio desses espanhóis, por você tão admirados e que desde Cervantes, mesmo quando escrevem novelas para o grande público, escrevem, dentro delas, ensaios para um público menor porém para eles, autores, melhor?<sup>141</sup>

E, ainda mais adiante, volta a se questionar se o que estava escrevendo era de fato “ensaio ou romance? Dissertação ou novela?”<sup>142</sup>. Talvez o próprio afã classificatório do autor seja uma brincadeira ou troça com o leitor, que sempre se verá frustrado caso queira enquadrar o livro que tem nas mãos numa ou noutra categoria. O próprio termo ensaio teria – tal qual o termo “romance” – uma “indefinição inerente [que] lhe permite vestir, de acordo com o contexto, roupagens as mais variadas possíveis”.<sup>143</sup> Nicolazzi chega às seguintes conclusões acerca do ensaio: em primeiro lugar, uma análise de autores do século XIX o leva a constatar que o ensaio era tido, desde suas origens, como um híbrido entre a história e a literatura. A análise de autores de épocas posteriores, por sua vez, demonstra que o ensaio passou a ser considerado como espaço privilegiado de articulação interdisciplinar. Por fim, ele assinala ensaio se estabelece ao longo do século XIX como um argumento sobre o real, e, portanto, nele há a presença ostensiva do autor.<sup>144</sup> Um texto autorreferencial, portanto.

Para Luckàcs, em raciocínio posteriormente revistado por Adorno, o ensaio trata sempre de ordenar de forma nova velhos objetos já culturalmente formados.<sup>145</sup> Segundo Adorno, o ensaio é uma busca pela eternização do transitório, no qual o conceito tradicional de método é suspenso. O ensaio renunciaria à certeza, construindo o conhecimento de forma intuitiva; apropriando-se dos conceitos como um autodidata em terra estrangeira se apropria dos sentidos do vocabulário, vocabulário que se vê forçado a aprender sem nenhuma instrução sistematizada. Esta característica, segundo Adorno, traz consigo a vantagem de evitar o reducionismo das definições estritas, mas também cria uma margem maior para o surgimento do erro. Isto, porém, não é tão problemático, já que o ensaio “não apenas negligencia a certeza indubitável, como também renuncia ao ideal dessa certeza. Torna-se verdadeiro pela marcha de seu pensamento, que o leva para além de si mesmo, e não pela obsessão em buscar seus fundamentos como se fossem tesouros enterrados”<sup>146</sup> O ensaio é a forma crítica por excelência, e, como tal, tem como

---

<sup>141</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Op. cit., p. 24.

<sup>142</sup> Idem, p. 41

<sup>143</sup> NICOLAZZI, Fernando. Op. Cit, p. 401.

<sup>144</sup> Idem, cap. 7.

<sup>145</sup> LUKÁCS, Georg. *A alma e as formas*. São Paulo: Ática, 2015.

<sup>146</sup> ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. Notas de literatura I. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 30.

característica a necessidade de, a todo instante, refletir sobre si mesmo. Max Bense de fato afirma que

o ensaio nasce da essência crítica de nosso espírito; seu prazer em experimentar deriva simplesmente de uma necessidade do seu modo de ser, do seu método. Para dizê-lo de forma mais ampla: o ensaio é a forma da categoria crítica do nosso espírito. Pois quem critica deve também, e necessariamente, conduzir um experimento, deve criar condições sob as quais um objeto se mostra a uma nova luz, deve testar a força ou a fragilidade do objeto – e é por isso que o crítico sub-mete seus objetos a ínfimas variações.<sup>147</sup>

O mesmo Bense, no início deste mesmo texto, faz a apologia de uma teoria crítica engendrada pela reflexão dos escritores a respeito de seu próprio trabalho. Isto vai na contramão do ceticismo de Marthe Robert que, como vimos no primeiro capítulo, ironiza os autores improvisados em teóricos. Ora, este é um dos traços mais distintivos da metaliteratura engendrada por Freyre em suas seminovelas: a reflexão sobre a própria forma, sobre o próprio discurso, sobre a própria linguagem e sobre a prática mesma do ofício de escritor.

### **3.1. Cidade e modernidade como temáticas centrais do ensaio freyreano**

O ensaio oferecia a Freyre as condições para criar uma literatura híbrida, na qual estivessem assentados de forma harmônica os *topos* – muitas vezes tidos como antagônicos por nosso pensamento social - da ciência e da arte. As seminovelas são ensaios que permitem a Freyre uma representação livre e autoral de diversos episódios do passado brasileiro, assim como a construção de autênticas hipóteses sociológicas para explicar tais acontecimentos. Tais hipóteses seriam fundamentadas nos objetos culturais já explorados e ordenados por Freyre em outros ensaios de seu *corpus*. O escopo da análise das seminovelas – quando tomadas como ensaios – parece indicar que seu objeto central seria o advento da modernidade no Brasil, assim como os correlatos processos de urbanização e de gradativa cosmopolitização de grandes centros, em especial o Recife. Este segundo processo criava um inevitável contraste entre nossas metrópoles periféricas e as grandes capitais mundiais do ocidente. Se observarmos a lista das publicações de Gilberto Freyre no período que vai de 1959 – ano de publicação de *Ordem e progresso*, ensaio cujas relações com as seminovelas já contemplamos em capítulo anterior – até 1977 – ano da publicação de *O outro amor*, encontramos títulos como *O luso e o*

---

<sup>147</sup> BENSE, Max. *O ensaio e sua prosa*. Tradução de TITAN JR., Max. Acesso em mídia digital. 1952. Sem paginação disponível.

trópico (1961)<sup>148</sup>; *Arte, ciência e trópico*<sup>149</sup>; *Homem, cultura e trópico*<sup>150</sup> (ambos de 1962), *Além do apenas moderno*<sup>151</sup> (1973) e também *O brasileiro entre outros hispanos*<sup>152</sup> (1975). Embora existam muitos outros títulos de um autor tão prolífico num período tão abrangente, acreditamos que a temática destes se relaciona diretamente com muito do que Freyre tentou articular em seus romances e, se, como ensaísta, ele mirava em estratégias de convencimento do público leitor e de defesa de seus pontos de vista mais polêmicos e contundentes, acreditamos que a seleção de títulos demonstre que tais pontos de vista giravam em torno: da influência do meio tropical sobre as sociedades e os indivíduos, da modernidade nas ditas sociedades tropicais e do peso do legado ibérico na construção da identidade destes grupos. Perpassando tudo, está a insistência de Freyre em tecer loas ao escravismo do século XIX. Jessé de Souza afirma que a obra madura de Freyre é uma espécie de caricatura de sua obra de juventude.

Efetivamente Gilberto Freyre conclui na sua obra madura. Conclui transformando algumas de suas brilhantes intuições de juventude acerca da especificidade e singularidade da formação social brasileira em uma ideologia nacionalista e luso-imperialista de duvidoso potencial democrático. O que antes adquiria a forma do questionar-se acerca das peculiaridades e transformações de uma cultura europeia nos trópicos, transforma-se em “tropicologia”, um conjunto de asserções de científicidade duvidosa, carregadas de impressionismo, mas facilmente utilizáveis como uma ideologia unitária do “tropical e mestiço”. Uma ideologia do “apagamento das diferenças”.<sup>153</sup>

Há, porém, muito de interessante que se apreciar na obra madura de Freyre. Ele foi leitor assíduo dos ensaístas espanhóis, dos quais incorporou diversas ideias, adaptando-as ao seu pensamento e ao contexto brasileiro. É apenas em sua obra madura, porém, que seus débitos para com estes ensaístas ibéricos começam a surgir de forma explícita. Rugai Bastos propõe uma explicação para a omissão de Freyre no que diz respeito a eles: a forte “vigilância” sobre o campo sociológico, que naquela época encontrava-se em fase de institucionalização. Isto fez com que Freyre se apegasse mais aos “gramáticos sociológicos” para contestar a científicidade

---

<sup>148</sup> FREYRE, Gilberto. *O Luso e o trópico*. São Paulo: realizações, 2010.

<sup>149</sup> FREYRE, Gilberto. *Arte, ciência e trópico*. São Paulo: Martins, 1962.

<sup>150</sup> FREYRE, Gilberto. *Homem, cultura e trópico*. Recife: imprensa universitária, 1962.

<sup>151</sup> FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*: sugestões em torno de possíveis futuros do homem em geral e do homem brasileiro em particular. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

<sup>152</sup> FREYRE, Gilberto. *O Brasileiro entre outros hispanos*: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas interrelações. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

<sup>153</sup> SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 12(1): 69-100, maio de 2000, p. 70.

das teses racistas.<sup>154</sup> Em *Come e porquê sou escritor*, Freyre reivindica enfaticamente seu pertencimento a uma tradição literária e intelectual ibérica, e em *Tempo morto e outros tempos* abundam relatos do entusiasmo do Jovem Freyre com uma série de autores – ensaístas – desta mesma tradição. De Ortega Y Gasset, por exemplo, ele recebeu a sugestão de que os povos ibéricos e mediterrâneos teriam raízes diversas das do restante da Europa – germânicas, latinas ou anglo-saxônicas – o que afastaria sua formação do racionalismo burgês. Outro nome seria Ganivet. Para Rugai Bastos,

vários desses intelectuais [espanhóis], marcados por um romantismo tardio, vêem a cidade como algo intocável porque ela retinha um passado de Glórias. Tanto Ganivet como Freyre pagam tributo a essas posições. No entanto, é possível vê-los como autores intermediários entre aquelas ideias e uma tradição laudatória da cidade moderna: suas denúncias vão na direção de preservar a cidade como um *locus* ou espaço privilegiado do espírito e da cultura, sentindo que as reformas modernizantes estariam ameaçando. Um tradicionalismo humanista secularizador. Certo sentido das ideias românticas prevalece quando identificam a cidade antiga como lugar de defesa da *cultura moral* e espaço do exercício das *virtudes sociais*. É constante na obra freyriana a invocação da tese: no passado existia uma unidade harmônica que é rompida pela modernização – da cidade, da casa, das relações sociais.<sup>155</sup>

Em 1937, Freyre integrou os quadros do Sphan – Serviço do patrimônio histórico e artístico nacional -, exercendo poder decisório sobre o tombamento do patrimônio arquitetônico brasileiro, mas atuando especialmente em seu estado, Pernambuco. Neste contexto, envolveu-se diretamente no tombamento compulsório do seminário de Olinda – feito à revelia da vontade do então arcebispo. Também nesse ano, Freyre publica *Mucambos do nordeste*. O livro – assim como *Sobrados e mucambos* pode até certa medida ser entendido – era uma tentativa de defender o tipo de habitação que Freyre considerava a tradicional do Nordeste, e a mais apropriada aquele meio, dos projetos de urbanização do interventor Agamenon Magalhães.<sup>156</sup> Podemos perceber, portanto, que Freyre teve ascendência direta sobre a paisagem urbana que, posteriormente, retraria em seus romances. Já em 1942, lança seu *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, e, logo no primeiro capítulo, toma partido de sua cidade contra os preceitos mais ortodoxos de “urbanidade” do visitante europeu, Charles Darwin.

É verdade que o sábio deixou o Recife queixando-se não só da imundicie das ruas e do sombrio das casas como da falta de “urbanidade” dos habitantes. Em duas casas, os moradores recusaram-lhe a passagem pelo fundo dos quintais. Mas é possível que o naturalista inglês, feio como era, tivesse feito medo às

<sup>154</sup> RUGAI BASTOS, Elide. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. São Paulo: Edusc, 2003, p. 8-9.

<sup>155</sup> Idem. p. 62.

<sup>156</sup> MESQUITA, Gustavo. *Gilberto Freyre e o Estado Novo: região, nação e modernidade*. São Paulo: Global, 2018, passim.

mulheres e crianças, horrorizadas talvez com as barbas e o cabelo grande do estrangeiro, num tempo em que por toda a província era ainda enorme o pavor do *Cabeleira*.<sup>157</sup>

De acordo com o texto, a feiura de Darwin, não a incultura do recifense, explicariam a má impressão que o estrangeiro teve da cidade. A defesa inflamada do Recife culmina na zombaria ao visitante. Subjaz aí a defesa da superioridade da civilização tropical, à qual remeteremos adiante neste capítulo. O ponto é que, para Freyre, o Recife representava algo além de sua terra natal, sobre a qual ele lançava um olhar romântico: era também o marco fundador do Nordeste, naquilo que o diferenciava, como região, das outras partes do país. Segundo Albuquerque Jr., Freyre estabelece que a colonização holandesa de Pernambuco seria o diferencial que estabelece, historicamente, o Nordeste.<sup>158</sup> Como epicentro desta colonização diferenciada, o Recife teria se tornado um “burgo por algum tempo judaico-holandês e não apenas ibero-católico”<sup>159</sup> A singularidade da experiência colonial holandesa já havia sido indicada em *Sobrados e mucambos*.

O “tempo dos framengo” deixara no brasileiro do Norte, principalmente naquele colono [...] que não era senhor nem escravo, mas o primeiro esboço de povo e de burguesia miúda que houve entre nós, o sabor, o gosto físico, a experiência de alguma coisa de diferente, a contrastar com a monotonia tristonha de vida de trabalho à sombra das casas-grandes; o gosto da vida da cidade, da cidade com vida própria; independente dos grandes proprietários de terras.<sup>160</sup>

Esta relação com a cidade é um outro ponto que faz com a ficção freyreana diste do “romance de trinta”. Segundo Albuquerque Jr., o romance regionalista de trinta cultiva, em geral, simplesmente uma visão negativa da cidade.

Se o regionalismo anterior olhava para o campo a partir das cidades e o desdenhava, este novo regionalismo do ‘romance de trinta’ olha para as cidades a partir do campo, e vê nelas o símbolo da perdição. O Nordeste como o lugar da tradição é sempre tematizado como uma região rural, onde as cidades aparecem como símbolos da decadência, do pecado, do desvirtuamento da pureza e da inocência camponesas.<sup>161</sup>

Evidente que não podemos perder de vista que os romancistas de que fala Albuquerque remetem, em seus livros, a um Brasil do Século XX, em fase de industrialização, aonde os

<sup>157</sup> FREYRE, Gilberto. *Guia Prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Op. cit., p. 20.

<sup>158</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Massananga, São Paulo: Cortez, 1999.

<sup>159</sup> FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife velho*. Op. cit. p. 21.

<sup>160</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Op. cit., p. 108.

<sup>161</sup> Idem, p. 115.

engenhos estão sendo substituídos por usinas e os coronéis estão sendo engolidos pelos grandes capitalistas. Foi o próprio pensamento de Freyre que animou diversos destes autores a retratarem como daninha a decadência do patriarcado e o abandono de velhos costumes, assim como a cultivarem uma imagem lírica da escravidão,

ocultando seu aspecto cruento, reconciliando o presente com este passado vergonhoso do país e da região. Eles tendem a enfatizar o caráter arbitrário do mundo burguês, a exploração do assalariamento, em nome da valorização dessa sociedade patriarcal e escravista.<sup>162</sup>

Já demonstramos nos capítulos anteriores como Freyre realiza operação semelhante nas seminovelas, já que nelas procura dar continuidade às suas teses de paridade nas relações raciais no Brasil. Ao abordar, porém, o advento da modernidade no país, os romances freyreanos são bastante diferentes dos outros seus conterrâneos, primeiramente por olharem para o século XIX muito mais do que para o XX, em segundo lugar, por não estabelecerem o espaço urbano necessariamente como um inimigo a antagonizar os valores tradicionais da civilização original dos trópicos que seria a brasileira. Ao contrário, Freyre parece acreditar na capacidade do tropico de assimilar a modernização e acomodá-la a seus próprios valores, gestando algo original em relação ao que se desenvolvia nos centros capitalistas do ocidente: uma modernidade periférica e tropical que, em sua opinião, rivalizava com a dos climas temperados.

Sergio Tavolaro<sup>163</sup> é um dos diversos autores que aponta que Freyre sempre conferiu à ideia de trópico grande protagonismo em seus escritos. O Trópico é, então, pensado como elemento-chave que engendra uma experiência singular de modernidade no Brasil. Nas seminovelas há o protagonismo da cidade: o Recife e Olinda em *Dona Sinhá* e uma gama bem mais variada, que inclui metrópoles do Velho Mundo, em *O outro amor*. Para Rugai Bastos, a cidade é, nas seminovelas, personagem e marcadora do tempo. A autora aponta o grande interesse de Freyre pelo espaço Urbano desde sua juventude – isto fica expresso, por exemplo, nas cartas a Oliveira Lima nos anos 1920 – e afirma que um elemento constantemente presente em sua obra seria

a busca do passado das cidades, expressos na arquitetura, no traçado, na concepção. Ou ainda, um ponto que será constante em suas análises futuras: o lugar da tradição, que será central na edificação de sua obra. O interesse presente no jovem se alonga no escritor maduro, interesse ressignificado pelo tempo e lugar.<sup>164</sup>

---

<sup>162</sup> Idem, p. 123.

<sup>163</sup> TAVOLARO, Sérgio B. F. Gilberto Freyre e nossa “modernidade tropical”: entre a originalidade e o desvio. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 15, no 33, mai./ago. 2013, p. 282-317.

<sup>164</sup> RUGAI BASTOS, Elide. Gilberto Freyre: a cidade como personagem. Op. cit., p. 136.

Em muitas narrativas o espaço urbano é privilegiado, como se investigá-lo e descrevê-lo fosse algo fundamental para compreender a modernidade que surge e se autonomiza em centros como Londres, metrópoles da América do Norte e, sobretudo, Paris. Willi Bole afirma que Walter Benjamin buscava, em seus ensaios, produzir montagens surrealistas das cidades de seu tempo. Segundo Bole

a fisiognomia benjaminiana da grande cidade é entendida como um paradigma de reflexão sobre o fenômeno contraditório da Modernidade. Observa-se, nos séculos XIX e XX, o choque entre, de um lado, os ideais da “modernização” e do “progresso” e, de outro, o atraso e a barbárie reais: com relação à população mundial, aumentariam a pobreza e a miséria, graves problemas econômicos continuam sem solução, os valores do humanismo entram em descrédito, e em toda parte observa-se uma decadência da ética política e um aumento da violência e da destruição. O conceito de metrópole (“cidade-mãe”), uma categoria histórica que ressurgiu na época do imperialismo oitocentista com as cidades de Londres e Paris [...], revela-se, juntamente com sua contraparte, a “periferia”, um instrumento útil de reflexão sobre as relações entre países altamente desenvolvidos (hegemônicos) e atrasados (dependentes).<sup>165</sup>

Bole traça uma analogia entre Benjamin e Mário de Andrade, buscando uma leitura deste último autor que seja reveladora da

auto-imagem da metrópole brasileira [no caso, a cidade de São Paulo], situada na periferia do mercado mundial [uma auto-imagem que] fundamenta-se, como mostra Mário, tanto no controle sobre as terras mais remotas do próprio país, quanto na dependência em relação às metrópoles de verdade.<sup>166</sup>

Se é possível, entretanto, como Bole assim o faz, entender o Macunaíma de Andrade como uma criatura frustrada e complexada com sua condição periférica, que tenta, em vão, escapar para a Europa num navio surgido de uma “fonte no asfalto”, também entendemos que é possível uma analogia entre Benjamin e Freyre. Se as representações de Benjamin podem ser entendidas como surrealistas, Freyre já declarara em alguns de seus textos – *Nordeste*, por exemplo – sua afinidade com o impressionismo. Freyre era ilustrador e caricaturista, tendo aprendido a desenhar antes mesmo de ser alfabetizado; assim, o uso de recursos gráficos em suas narrativas é algo que se espera encontrar. E nas seminovelas uma de suas preocupações é a montagem de sucessivos cenários urbanos tendo, como base na realidade, primeiramente, o Recife. Em seguida, Paris. E a partir de Paris, uma série de outras metrópoles – sobretudo Londres, mas também cidades da Alemanha, Espanha, Suíça, Grécia, Portugal, Itália – assim

---

<sup>165</sup> BOLLE, Willi. Fisiognomia da metrópole moderna: Representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 18.

<sup>166</sup> Idem, p. 34.

como capitais regionais Brasileiras. Os capítulos 31 a 33 de *O outro amor*, a pretexto de narrar a extensa viagem de lua de mel de Paulo e Maria Emília Brasil a dentro, visita as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Belém, além de rever Recife. É nesta cidade que Maria Emília – uma personagem pintora, o que reforçaria as pretensões impressionistas do autor – serve para calçar uma extensa reflexão, que vale a pena ser citada por completo, já que ilustra diversos dos pontos que procuramos demonstrar com este capítulo.

O rio atraiu a melhor atenção de Maria Emilia. Em suas viagens pela Europa ela confessara a Paulo ter se dado a esquisitice de colecionar belezas de rios ligados a velhas cidades a que, cada um deles, rios, dava um caráter ou marcava com uma originalidade de forma ou de cor. O Sena e o Tâmisa, por exemplo, confrontados, eram dois rios tão diferentes como Paris e Londres. Talvez fossem as cidades que dessem características próprias aos seus rios. Talvez fossem os rios que influíssem como uma espécie de narizes de Cleópatra sobre as fisionomias das cidades.

No recife, o Capibaribe podia ser considerado um reflexo, em suas águas, da sua cidade: cidade meio mulher. Mas a cidade podia ser considerada, por sua vez, uma projeção feminina de um rio que viril e suavemente a amava: como um homem a uma mulher. Maria Emilia logo ao seu primeiro contacto com o Recife disse a Paulo que nunca se sentira tão frustrada, na sua condição de ex-pintora, do que diante do que lhe pareceu a beleza única do Recife animado pelo seu rio. Sem dúvida, faltava ao Recife a grandiosidade de baías como a que prestigiava o Rio de Janeiro ou caracterizava Salvador, fazendo-as rivais de Nápoles. Faltavam-lhe encantos que dessem logo na vista. Mas o Recife não tardava a conquistar o adventício pelo que nele era uma espécie de idílio de um rio com uma cidade, o rio penetrando a cidade, a cidade deixando-se penetrar não por um rio qualquer mas por um rio amorosamente, particularmente, liricamente seu. Vindo do remoto interior para, antes de se entregar ao mar, unir-se ao Recife até o rio e cidade formarem um só conjunto.<sup>167</sup>

Temos a indicação de uma intencionalidade do texto em ser fisionomista de cidades no primeiro parágrafo citado. No segundo, as sucessivas personificações e a evocação da arte da pintura reforçam a perspectiva impressionista da descrição. O mais importante, porém, nos parece a colocação das grandes cidades do trópico como rivais de Nápoles, uma “metropole de verdade”. O motivo de uma civilização tropical como rival ou alternativa à que se desenvolvia no centro do mundo civilizado é um dos mais recorrentes na segunda seminovela e, por conseguinte, essencial para a compreensão do pensamento tardio de Gilberto Freyre.

Para além disso, Benjamin também relata, em sua “montagem surrealista” de Paris, algumas preocupações investigativas que irão, como vimos, inquietar o próprio Freyre, com sua técnica de “detetive” ou de “bisbilhoteiro de intimidades”.

O interior não é apenas o universo do homem privado, mas também o seu estojo. Habitar significa deixar rastros. No interior, eles são acentuados.

---

<sup>167</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: seminovela. Op. cit., p. 208.

Colchas, cobertores, fronhas e estojos em que os objetos de uso cotidiano imprimam sua marca são imaginados em grande quantidade. Também os rastros do morador ficam impressos no interior. Daí nasce a história de detetive, que persegue esses rastros.<sup>168</sup>

A premissa de Freyre de adotar a habitação, a casa, como pedra angular em sua empreitada de interpretação da sociedade, é conhecida, e dá-se a revelar já nos títulos dos seus dois primeiros grandes livros: *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*. Em *Dona sinhá*, é através de sua introdução no ambiente doméstico da protagonista que o narrador-personagem começa a tirar conclusões sobre o passado e os modos de vida da família da qual ele irá, doravante, ocupar-se em seu texto. Este ambiente é, por sua vez, parte integrante da cidade, e a ele se chega através desta. A casa fica no Largo de São José do Ribamar, no bairro do São José, um recanto que o narrador-personagem coloca como um dos seus prediletos no Recife: “não é no recife só um espaço à parte dos outros: é também um tempo diferente”.<sup>169</sup> Ao fim e ao cabo, o que se passa no início da aventura é que

do conjunto todo, formado pela casa, pelos móveis e, agora, pela iaiá antiga que me aparecia com alguma coisa de docemente familiar no porte, na figura, na voz, veio-me uma estranha impressão de “déjà vu”. Comecei logo a dizer para mim mesmo: ‘São José não falha: continua a ter a coragem de ser não só um espaço como um tempo à parte dos outros espaços e dos outros tempos recifenses.’ Recifenses, só, não: brasileiros. Isto mesmo: brasileiros.<sup>170</sup>

Albuquerque Jr. aponta como Freyre foi um dos principais arquitetos da construção sociológica do Nordeste, comparando o que ele realizou neste sentido com o trabalho de José Lins do Rego, face literária da mesma construção. A cidade do Recife foi, por seu turno, o *locus* privilegiado desta construção, como ponto de convergência dos filhos das elites dos estados circunvizinhos. O Seminário de Olinda, que por um tempo serve como espécie de claustro a José Maria, era, junto com a Faculdade de direito do recife “centro intelectual de aglutinação, em torno de temas políticos e econômicos que ultrapassavam os limites de suas províncias ou Estados, notadamente a partir do momento em que o declínio traz a sensação de marginalização em âmbito nacional”.<sup>171</sup> Durante as décadas que precederam a publicação de seu primeiro romance, Freyre estivera engajado num esforço de construção do Nordeste não apenas no plano intelectual, como também político: Gustavo Mesquita<sup>172</sup> demonstra de que maneira Freyre colocou-se à frente de negociações com o regime do Estado Novo a fim de contemporizar os

<sup>168</sup> BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In KOTHE, Flávio R. *Textos de Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 38.

<sup>169</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre: Seminovela*. Op. cit., p. 4.

<sup>170</sup> Idem, p. 6.

<sup>171</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Op. cit., 71-72.

<sup>172</sup> MESQUITA, Gustavo. Op. cit.

modos de vida engendrados pelo regime patriarcal, monocultor e herdeiro da escravidão com as exigências da modernização burguesa, cada vez mais acelerada e inescapável. Um dos resultados do esforço de Freyre foi a ressignificação definitiva do vocábulo “região” dentro do ideário político do Brasil dos anos 1940-1950. Esta mudança está estreitamente vinculada ao assentamento da imagem de Nordeste, que temos hoje disseminada pelo imaginário popular e que se colocaria contra

a autonomia, a inventividade e apoia a rotina e a submissão, mesmo que essa rotina não seja o objetivo explícito, consciente de seus autores, ela é uma maquinaria discursiva que tenta evitar que os homens se apropriem de sua história, mas sim que vivam uma história já pronta, já feita pelos outros, pelos antigos; que se ache “natural” viver sempre da mesma forma as mesmas injustiças, misérias e discriminações.<sup>173</sup>

O Nordeste ao qual se atinha Freyre não era, entretanto, exatamente o mesmo Nordeste que se construiu em torno da imagem da calamidade e da seca, que emergiu da catástrofe que foi a estiagem de 1877. Este Nordeste, o do “reino encantado do sertão” é o nordeste de Suassuna e Euclides da Cunha. O Nordeste de Freyre é o Nordeste da zona da mata, da lavoura de açúcar, e das cidades: Olinda e Recife. Recife não é apenas a capital de Pernambuco, é um dos polos de urbanização mais antigos do país, rival de São Paulo e do Rio de Janeiro no pioneirismo modernizador e na irradiação de cultura e de valores. Alves Cristovão já havia observado que as seminovelas não são “de modo algum epígonos do ‘romance nordestino de 30’, apesar [de Freyre] ter sido o grande animador desse surto renovador da ficção brasileira”.<sup>174</sup>

Referindo-se a *O outro amor*, também Cesar Leal acha

interessante observar que ainda que Gilberto Freyre haja influenciado toda uma geração de escritores regionalistas, esse experimento – pois não há dúvida de que esse livro se coloca dentro da literatura experimental – tem como ponto de apoio a grande cidade. No caso, é Paris, o tempo é o fim do século XIX, mas há durante o decorrer da narrativa uma atmosfera de algo não medido pela clepsidra, o relógio de sol, o relógio mecânico ou digital. (p. 58)

A cidade aparece novamente como fator a diferenciar a ficção de Freyre da daqueles autores que ele mesmo incentivou e aos quais forneceu combustível sob a forma de interpretações sociológicas e a transmissão de atualidades do mundo desenvolvido. O olhar sobre o século XIX, por seu turno, acaba por aproximá-lo do romance histórico e do romantismo.

---

<sup>173</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Op. cit., p. 85.

<sup>174</sup> ALVES CRISTOVÃO, Fernando. A ficção de Gilberto Freyre como produto de sua obra sociológica. Op. cit., p. 197.

### **3.1.2 A civilização dos trópicos**

O entusiasmo de Freyre com a obra alencariana transparece em uma das passagens de *Dona Sinhá*. Nela, embora não fale do romancista, Freyre parece comutar o ideal de Alencar da raça indígena como “raça maternal” do Brasil pelo seu próprio.

Para Paulo sentir naquelas duas imagens - a de Nabuco e a de Luzia - um encanto que mais tarde lhe pareceria ter vindo do fato de haverem sido as duas primeiras grandes revelações de beleza da figura humana a seus olhos de menino. O homem superiormente belo e a mulher superiormente bela. O branco belo e a negra bela. Sua mãe ele achava sempre bonita; mas descobriria que luzia era mais bonita: bela, poderia ele classificá-la, anos depois, já meio senhor da ciência de graduar palavras. Nem seu pai - que lhe parecera sempre o tipo de homem que ele quisera ser, se fosse já crescido - tinha o porte, a altura, o olhar, as belas feições, que lhe haviam encantado instantaneamente em Joaquim Nabuco. Com esses dois novos pontos de referência - Nabuco e Luzia - é que Paulo recordava-se de ter começado a verdadeiramente distinguir no tipo humano, visto não nas estampas mas na realidade, o belo, do apenas bonito.<sup>175</sup>

Luzia e Nabuco se transformam aqui na Cecília e no Peri – ou na Iracema e no Martim - de Freyre, passando a representar o caldeamento de tipos étnicos que, na visão do pernambucano, seriam os verdadeiramente interessantes para o estabelecimento de uma nova raça capaz de construir a civilização singular dos trópicos. Mas não é apenas nas questões de mestiçagem que podemos encontrar os paralelos entre temas da ficção freyreana e a obra de Alencar. De acordo com Leonardo Pereira, muito mais do que com a mestiçagem, era com as relações de subordinação que Alencar estava preocupado.

Apesar da avidez de leitores dispostos a imaginar as cenas amorosas ocorridas quando se encerra a narração [ de *O Guarani*], Alencar permanece distante da ideia do cruzamento e da miscigenação, preferindo representar o respeito aos laços de dependência como a principal tradição sobre a qual se edificaria a nação brasileira.<sup>176</sup>

Embora esteja ambientado num período que tornava impossível para Alencar introduzir de forma explícita a figura do africano, *O Guarani* foi escrito em uma época em que a questão abolicionista entrava na pauta por meio da lei do ventre livre. Esta lei representava, na visão de Alencar, uma intromissão indevida do estado nessas relações de subordinação e dependência.

---

<sup>175</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o filho padre*: seminovela. Op. cit., p. 118.

<sup>176</sup> PEREIRA, Leonardo A. de M. “A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do Império”. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs). *O Brasil Imperial*, vol III: 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 283.

Assim, Peri é, mais do que o par romântico de Cecília, seu escravo devoto. E é essa servidão incondicional para com o português que se apresenta como a formula do êxito da nossa civilização. Freyre reorienta parcialmente o foco, ocupando-se sem dúvida mais explicitamente das questões de intercurso sexual e mestiçagem entre dominantes e dominados, mas é nas mesmas relações de subordinação que ele vê desenhar-se nossa singularidade civilizacional. E ele está preocupado com a manutenção destas relações. É por isso que, em *O outro amor*, temos as figuras já mencionadas de Rosa e Gabriel que, exilados em Paris “não se mostravam, no serviço na casa parisiense de seu ioiô e de sua iaiá, gente infeliz ou degredada mas, ao contrário, feliz e africanamente alegre. Quase sempre sorrindo. Sempre pronta a servir, a ajudar e até socorrer gente mais importante porém não mais feliz do que ela”.<sup>177</sup>

Também cabe observar que dentre os autores românticos, José de Alencar era para Freyre uma grande referência na habilidade de descrever paisagens tropicais e na profusão que o fez em sua obra. Neste ponto ele contrastaria com Machado de Assis, em cujos textos as paisagens estão praticamente ausentes.

Alencar, todos sabem que sobressai, na literatura brasileira, como paisagista e, em certo sentido, como ruralista que chegasse a ter alguma coisa de um Thoreau em seu individualismo romântico. São suas páginas de paisagista as que esplendem nas antologias. São elas que, aprendidas de cor pelo brasileiro, na meninice de colégio antigo, cantam aos ouvidos dos velhos com uma riqueza de sons que o tempo não consegue destruir.<sup>178</sup>

Novamente temos a figura de Alencar pairando sobre a escrita e os métodos de Freyre: suas montagens “impressionistas” de paisagens urbanas podem ser uma tentativa de “urbanismo” a se contrapor ao ruralismo alencariano. Também é plausível a sugestão de que o paisagismo romântico de Alencar tenha tido papel na formulação, por parte de Freyre, do conceito de “paisagem social”, que desempenhará papel muito importante em sua obra. De acordo com Leenhardt, Freyre prefere

ao objetivismo sociológico a noção de paisagem, na qual as qualidades e os valores têm um espaço, qualidades aquelas que participam da construção das entidades ecológicas, naturais e humanas. A paisagem deixa *de facto* de ser um conceito geral, naturalista, para tornar-se o conceito de um conjunto limitado, ecológico, sistema de inter-relações entre dinâmica natural e a práxis humana. A paisagem é o resultado dessas dinâmicas e, por consequência, ela deve ser entendida como um conceito propriamente sociológico.<sup>179</sup>

---

<sup>177</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*. Op. cit. P. 179.

<sup>178</sup> FREYRE, Gilberto. *Reinterpretando José de Alencar*. Op. cit p. 11.

<sup>179</sup> LEENHARDT, Jacques. A construção cosmológica de uma paisagem social. In DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). Op. cit. p. 199-200.

Assim, a paisagem social é algo que abarca tanto o campo como a cidade. Também não devemos esquecer que, embora “o melhor óleo da eloquência de Alencar não se derramasse sobre móveis, porcelanas e tapetes, mas sobre árvores, águas, matas e relvas”, diversos de seus romances ou textos, tais como *A viuvinha*, *Senhora*, *Luciola*, entre outros, são de ambientação urbana. *Cinco minutos* é uma reflexão sobre a cidade e as diversas transformações que a vida urbana opera na vida dos indivíduos. A passagem do tempo, que nas seminovelas se associa tão estreitamente a cidade, é motivo de reflexão já no início da narrativa de Alencar: o protagonista perde o ônibus devido à sua falta de pontualidade - pontualidade que seria um “mau costume dos ingleses”.<sup>180</sup> O brasileiro de Alencar é um entusiasta da liberdade, e não pode “admitir de modo algum que um homem se escravize ao seu relógio e regule as suas ações pelo movimento de uma pequena agulha de aço ou pelas oscilações de uma pêndula”.<sup>181</sup> A reflexão sobre a cidade se aprofunda, na medida em que a aventura amorosa do herói gira em torno do anonimato da mulher, com quem ele trava contato num ônibus às escuras. Este anonimato, sustentado ainda por muitos dias em que o herói procura sua misteriosa companheira de trajeto, só é possível no ambiente novo da cidade, aonde todos os gatos são pardos. A reflexão sobre a pontualidade retorna no final do romance, quando o protagonista, vivendo seu “feliz para sempre” pondera que

se tivesse sido pontual como um inglês, não teria tido uma paixão nem feito uma viagem; mas ainda hoje estaria perdendo o meu tempo a passear pela rua do Ouvidor e a ouvir falar de política e de teatro.

Isto prova que a pontualidade é uma excelente virtude para uma máquina, mas um grave defeito para um homem.<sup>182</sup>

O tempo urbano e artificial do relógio é inimigo da felicidade humana, e seguí-lo é um estrangeirismo, uma “ingresia”. É a busca e a defesa, por parte de Alencar, de uma brasiliade original. Em *A viuvinha*, também o relógio aparece como inimigo da felicidade humana, devorando a vida de Jorge, o recém casado que, por ter ido a falência, trama suicídio em plena noite de núpcias.

O moço tomou-a nos braços e deitou-a sobre o leito, fechando as alvas cortinas; depois foi sentar-se na conversadeira e colocou o seu relógio sobre uma banquinha de charão.

Assim, com a cabeça apoiada sobre a mão e os olhos fitos nas pequenas agulhas de aço que se moviam sobre o pequeno mostrador branco, passou duas horas.

Cada instante, cada oscilação, era um ano que fugia, um mundo de pensamentos que se abismava no passado.

---

<sup>180</sup> ALENCAR, José de. *Cinco minutos; a Viuvinha*. São Paulo: Ática, 1975, p. 7

<sup>181</sup> Idem, ibidem.

<sup>182</sup> Idem, p. 44.

Quando o ponteiro, devorando o último minuto, marcou quatro horas justas, ele ergueu-se.<sup>183</sup>

O burguês arruinado desrespeitou o tempo mecânico que rege o mundo da cidade e dos negócios, num passado indolente, acaba, então, devorado por ele.

Se tais contrastes surgem nos primeiros romances de Alencar, naqueles mais tardios, que tiveram ainda mais impactos no Gilberto Freyre leitor, eles são reafirmados e reforçados. Em *O tronco do ipê*, a primeira coisa que surge é o contraste entre as duas sinhazinhas: a heroína, Alice, apesar de sua condição aristocrática, foi criada na roça, gozando da liberdade e dos modos típicos do campo. Adélia, sua companheira, filha do conselheiro Lopes e crescida no Rio de Janeiro, traz consigo uma série de modos que a colocam em contrariedade com o meio em que se ambienta a história. Ela representa uma série de valores importados que, para Alencar, não coadunavam com o que ele acreditava que nosso povo tinha a oferecer de único, de melhor.

Sinhazinha de sobrado, de casa atapetada, de salão afrancesado de corte. Sinhazinha excessivamente dengosa a cujo excesso de delicadeza cortesã o romancista opõe como seu ideal de mulher, como projeção em mulher de sua filosofia de homem identificado com a natureza ou com a paisagem brasileira como o filho com sua mãe – a verdadeira Mãe – o desembaraço quase de menino, junto à graça já de mulher, de Alice.<sup>184</sup>

O contraste, entretanto, fica bem mais explícito quando Mário, o herói, retorna de Paris. A “capital do mundo” não foi capaz de corrompe-lo, mas teve sobre ele um efeito de embotamento, soterrando seus antigos valores, afrouxando velhos laços familiares e o compromisso de honra que ele tinha de desvendar o mistério da morte de seu pai. O regresso à fazenda da Boqueirão tem sobre ele o efeito de uma “ressurreição moral”, que o coloca novamente no rastro destas velhas questões. Apesar do enredo se encaminhar para um final feliz para os apaixonados e suas famílias, a fazenda acaba sendo vítima da decadência, pela razão de que seus proprietários a abandonam pela cidade grande.

A oposição a tudo quanto Paris representa fica claramente manifesta quando a cidade é classificada pelo narrador como uma “voluptuosa Babylonia, cuja devassidão a cholera celeste se preparava a punir, suscitando o velho espírito germânico do pó daquela terra, donde sahiram outrora os demolidores de Roma”.<sup>185</sup> O desprezo por Paris também surge na dramaturgia de Alencar. Em *O demônio familiar*, a figura caricata de Azevedo – personagem de caráter vil – é

---

<sup>183</sup> Idem, p. 65

<sup>184</sup> FREYRE, Gilberto. *Reinterpretando José de Alencar*, p. 24-25.

<sup>185</sup> SÊNIO. *O tronco do ipê*. Rio de Janeiro, Editor proprietário B. L. Garnier, 1871, p. 183.

claramente uma provocação ao afrancesamento de uma parcela da elite da sociedade. Azevedo pensa que tudo está a venda, que uma bela esposa é um “traste de luxo e nada mais”; mistura o francês ao português de tal maneira que torna difícil para que seus compatriotas o compreendam. E é admoestado pelo protagonista de uma maneira que deixa poucas dúvidas sobre qual seria o veredito do autor acerca da questão.

Ouve, Azevedo. Estou convencido de que há um grande erro na maneira de viver atualmente. A sociedade, isto é, a vida exterior, tem-se desenvolvido tanto que ameaça destruir a família, isto é, a vida íntima. A mulher, o marido, os filhos, os irmãos, atiram-se nesse turbilhão nesse turbilhão dos prazeres, passam dos bailes aos teatros, dos jantares às partidas; e quando, nas horas de repouso, se reúnem no interior de suas casas, são como estrangeiros que se encontram um momento sob a tolda do mesmo navio para se separarem logo. Não há ali a doce efusão dos sentimentos, nem o bem-estar do homem que respira numa atmosfera pura e suave. O serão da família desapareceu; são apenas alguns parentes que se juntam por hábito, e que trazem para a vida doméstica, um, o tédio dos prazeres, o outro, as recordações da noite antecedente, o outro, o aborrecimento das vigílias!<sup>186</sup>

Não por acaso, portanto, o protagonista de Freyre é Paulo, “O Francês”. Já na primeira seminovela, esta divisão de Paulo entre duas nacionalidades fica claramente delineada. E sua experiência parisiense é o que o autoriza a esclarecer Dona Sinhá de que

“em artes caseiras nós não temos nada que invejar à França”. E tornando-se amavelmente concreto: esta capa de poltrona sei que é trabalho da Senhora. Na França não se faz isso.”

A verdade é que na França ninguém punha daquelas capas às cadeiras. Nem enfeitava-as com fitas. Era, a seu modo, um brasileirismo tão interessante como o dos anéis de bacharel ou de médico.<sup>187</sup>

Em *Dona Sinhá* o narrador-personagem dirige-se, logo no começo, em direção a um outro tempo, que resiste à disciplina da modernidade burguesa, conforme mostra a citação que repetimos.

Até hoje, o largo do São José do Ribamar é, dentro de São José, o meu recanto predileto. Do bairro inteiro de São José se deve dizer que não é no Recife só um espaço à parte dos outros: é também um tempo diferente. Mas retardado, dizem os progressistas com um certo desdém.<sup>188</sup>

Encontramos em Freyre o mesmo tipo de desdém pelo tempo criado pela modernidade burguesa. Mas o próprio romantismo é filho da cidade, e consequência direta da hegemonia do mundo burguês. É um contexto em que as cidades “criam novos hábitos, impõe formas de

---

<sup>186</sup> ALENCAR, José de. *O demônio familiar*. Comédia em quatro atos. Campinas, Ed. Da Unicamp, 2003, p. 12.

<sup>187</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o filho padre*: seminovela. Op. cit., p. 170.

<sup>188</sup> Idem., p. 4.

convívio até então desusadas, geram exigências inéditas. Surge a vida dos salões e, principalmente, a vida das ruas. A mulher começa a encontrar os caminhos que lhe permitirão abandonar o resguardo colonial, aparecendo e convivendo”.<sup>189</sup> Este último ponto é de interesse, já que o público feminino urbano torna-se o grande consumidor do gênero romanesco em suas origens. Araújo já observou que a apreciação feita por Freyre da decadência do patriarcalismo termina por

implicar um maldisfarçado tom de satisfação. Isto ocorre particularmente nos capítulos III e IV, onde a denúncia das violências praticadas pelo patriarcado contra as famílias contra os filhos e as esposas é sucedida pelo acompanhamento da “ascensão” dos bachareis, dos mulatos e das mulheres, em um quadro que transmite inclusive a sensação de pressagiar a substituição da família patriarcal por uma outra mais romântica, dependente do estabelecimento de vínculos afetivos entre os seus membros.<sup>190</sup>

Há, porém, uma diferença entre o romantismo em suas raízes europeias e aquele que surge no Brasil. Em nosso país ele “não será a expressão burguesa por excelência, mas a expressão da classe territorial, na sua fase de urbanização, a que a burguesia se atrela, concorrendo com as suas identificações”.<sup>191</sup> Freyre coloca seus personagens na cidade, e seus heróis, apontados como ou mesmo se auto-intitulando românticos, são justamente representantes desta classe territorial que se urbaniza: o romantismo é a lente que estes personagens privilegiam em sua leitura do mundo, em virtude do extrato social a que pertencem, da formação a que foram submetidos. A sogra de Paulo chora diante do túmulo de Walter Socott, pois pertencera

no Brasil, a uma geração de quase fanáticos das novelas de Sir Walter Scott. Nas casas-grandes do Império brasileiro dos dias da Baronesa ainda *jeune fille*, ninguém que fosse lido com tanto entusiasmo, por gente senhoril, como o escocês Walter Scott. Com ele só viria a rivalizar José de Alencar. As próprias mucamas, ouvindo suas sinhazinhas ou suas sinhás, lerem voz alta trechos dessas novelas, se interessavam pelos enredos. E também elas e às vezes as escravas de idade, suas mães, comoviam-se com episódios acontecidos entre gente dos castelos da Escócia. Castelos que lhes pareciam imagens ideais de suas casas-grandes a seu modo feudais. Os próprios ioiôs dessas casas-grandes foram leitores entusiásticos das novelas escocesas de Sir Walter.<sup>192</sup>

O desfecho trágico de alguns destes personagens, entretanto – por exemplo, Paulo, que morre viúvo, após perder esposa e filho – pode sinalizar um questionamento, por parte do autor,

<sup>189</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p. 200.

<sup>190</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Op. cit., p. 133.

<sup>191</sup> Idem, p. 201.

<sup>192</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: Seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p.76.

das consequências dos valores românticos levados até o limite: Freyre não aceita passivamente os influxos do romantismo, mas tenta atualizá-los a medida que os traz de volta para o debate modernista.

Alencar atrai o interesse de Freyre, também, por ter sido aspirante a autor de uma literatura brasileira autônoma e original; aspirante a quem, entretanto, faltou “a potência de um artista verdadeiramente criador como Vila-Lobos na música. Alencar quis ser na literatura o que Vila-Lobos vem sendo na música. Não o conseguiu”.<sup>193</sup> Freyre valorizava Alencar por este esforço em direção a uma originalidade tropical, e colocava sua própria literatura ficcional como uma resposta discursiva à obra de Alencar, no sentido de dar sequência ao trabalho que o autor romântico deixara, a seu ver, incompleto.

Freyre parecia convencido que nossa civilização dos trópicos constituía algo inteiramente original, e não um simples desvio da modernidade gestada no cerne do capitalismo burguês; ou, nas palavras de Albuquerque Jr.,

sua sociologia seria um esforço de pensar nossa diferença em relação ao processo civilizatório do Ocidente, buscando nos dados ‘autenticamente regionais, tradicionais e tropicais’ os nossos processos singularizadores e, ao mesmo tempo, integradores de uma nova civilização que surgia à revelia da decadente civilização europeia. Freyre opõe o trópico à Europa e busca internamente ao país aqueles processos sociais e aquele espaço que prenunciam esse processo de singularização.<sup>194</sup>

A questão é delineada por Freyre no seu segundo prefácio a *Sobrados e mucambos*.

Pois o que, no Brasil, se exprimiu em tipos de residência harmonizados com a terra e com o meio como a casa-grande, o sobrado ou o próprio mucambo, não foi apenas um sistema de economia ou de família ou de cultura; foi também o homem brasileiro, isto é, o homem de várias origens que aqui precisou vencer a hostilidade do trópico àquelas formas já altas de civilização cristã e de civilização muçulmana trazidas para a colônia americana de Portugal, não só por europeus como, em muito menos escala, por africanos. Essas formas já altas de civilização aqui se amoleceram, é certo, ou se detruparam. Mas é extraordinário que tantas delas tenham se generalizado, mesmo amolecidas ou impuras, sobre espaço fisicamente tão extenso e socialmente tão árido como o Brasil dos primeiros tempos de colonização. Dessa disseminação de formas altas de civilização em tão vasta terra tropical, resultou a primeira grande civilização moderna nos trópicos: a braisleira.<sup>195</sup>

Esta ideia Freyreana de que no Brasil desenvolvia-se uma modernidade singular vem atrelada fortemente a sua visão positiva acerca da miscibilidade do português e da importância de seu legado ibérico – portanto mediterrâneo – capaz de se contrapor à proposta de

---

<sup>193</sup> Idem, p. 33.

<sup>194</sup> Idem, p. 94

<sup>195</sup> FREYRE, Gilberto *Sobrados e mucambos*. Op. cit., p. 59

desenvolvimento hegemônica, oferecendo-lhe uma alternativa digna. Tal visão está acompanhada de um inegável otimismo. De acordo com Naiara Alves, para Freyre o Brasil seria “uma experiência social bem-sucedida, e com grandes possibilidades para o futuro; Freyre atribuiu positividade às marcas distintivas da formação social do país, ainda que tal tema consistisse num mal-estar intelectual desde o século XIX: o tema da escravidão”.<sup>196</sup> Também Rugai Bastos afirma que

O pensamento gilbertiano não se inscreve na tradição decadentista marcada pelo pessimismo. Trata-se de um diálogo com os ensaístas dos anos 20, afastando-se não apenas das teses racistas que direta ou indiretamente marcam aquelas reflexões, mas apontando para um novo modo de encarar a sociedade brasileira, mostrando a não necessidade de um estado centralizador, ou mesmo de uma elite autoritária, afirmando que no seio da própria sociedade existem elementos para sua auto-regulação.<sup>197</sup>

Tavolaro tem ideias semelhantes, como podemos ver.

é comum chamar-se atenção para o esforço de Freyre de desmontagem de certo “complexo de inferioridade”, graças ao qual se perpetuava a imagem de um Brasil claudicante rumo à civilização. Por esse novo olhar, não seríamos mera manifestação distante e imperfeita da civilização anglo-saxônica; ao invés disso, a “primeira civilização moderna nos trópicos” seria uma realização distintamente acabada além de, em inúmeros aspectos, um modelo a ser admirado – e, guardadas as suas irredutíveis e irreprodutíveis especificidades, tomado como referência por outras sociedades.<sup>198</sup>

O capítulo 4 de *O outro amor* é bastante ilustrativo desta concepção de Freyre que valoriza a civilização dos trópicos em contraste com o modelo de modernidade germânico, latino ou anglo-saxônico. Neste capítulo, o autor descreve, em tom de ensaio – e abre mão, temporariamente, de seguir desenvolvendo a trama com seus personagens ficcionais – a vida que passou a levar em Paris a comunidade brasileira que lá se exilou voluntariamente após a abolição e o fim do Império. Neste capítulo, os contrastes entre a civilização do trópico e a do velho mundo são explorados de modo a demonstrar uma rivalidade, ou mesmo superioridade das coisas brasileiras em relação às parisienses; o primeiro exemplo vem do plano da culinária, sempre muito explorada por Freyre em seus trabalhos (um deles, por exemplo – *Açucar* – é inteiramente voltado ao estudo histórico-sociológico das práticas de confecção de doces tipicamente pernambucanos, estando repleto de receitas): os aristocratas exilados sofreriam

---

<sup>196</sup> ALVES, Naiara. Um outro Gilberto: em torno da modernidade e dos sentimentos por ela despertados. In: *Breviário de filosofia pública*, nº 117, p. 2.

<sup>197</sup> RUGAI BASTOS, Elide. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. Op. cit., 2003, p. 78.

<sup>198</sup> TAVOLARO, Sérgio. Op. cit, p. 295.

com a saudade dos quitutes nativos de sua terra, “quitutes preparados nas cozinhas patriarcais por pretalhões amaricados, doutores em coisas de forno e de fogão”.<sup>199</sup> Mas Freyre lembra que

não era só o paladar que nesses brasileiros decididos a residirem em Paris iria sofrer com o doce e até dourado exílio. Além do paladar, iria sofrer a falta do Brasil o corpo inteiro de cada um: a sensibilidade já afeiçoada ao ambiente tropical. Ao sol. Ao calor. À mata. Ao que os franceses que conheciam o brasil chamavam de *vie créole*. Sobretudo *la vie créole* rural. A das fazendas de café ou de criar. A dos engenhos de açúcar.<sup>200</sup>

A prevalência do fator mesológico na construção dessa *vie créole* é evidente: o espaço deixa marcas indeléveis em seus habitantes. E tudo quanto se desenvolve no meio tropical é passível de comparar -se com - ou mesmo suplantar - seus equivalentes dos centros capitalistas: a religião, na qual o trópico produzia padres “mais verdadeiramente humanos na compreensão de certos pecados e no seu modo de orientar pecadores”<sup>201</sup>, na medicina, aonde “algumas drogas de curandeiros africanos, dos que, no Brasil da época, chegaram a competir em prestígio junto a doentes de importância social com doutores de formação requintadamente europeia”<sup>202</sup>, e a própria rua do Ouvidor, que já seria, no Rio de Janeiro da época, “quase uma rua parisiense para quem pudesse vir com frequência das casas-grandes do interior à Corte do Império”.<sup>203</sup> É esta a temática que encontramos no conto *Calor, avô, neta*. Nele narra-se a velhice de um certo Azevedo, morador da cidade do Recife. Enquanto aprecia o clima tropical da cidade, Azevedo recorda-se da sua única viagem à Europa, até a fria Paris. Lá vive -e continuará a viver até o fim da vida – seu amigo, o “afrancesado” Botelho alerta Azevedo de que “não há civilização no Brasil. Cangaceiro, febre amarela, politicagem, impaludismo, Antônio Conselheiro e agora esse tal de Padre Cícero e um certo Lampião, tudo isso é obra do calor e tudo isso mostra que sem frio não há civilização.”<sup>204</sup> Azevedo, entretanto, vê motivos de sobra para não se convencer.

#### Visita Botelho em seu

aposento tristonho, sem banho, na casa de uma francesa com quem se amigara, uma já mais que balzaquiana que lhe pareceu não fazer nenhuma questão de muita água, nem para o asseio da casa nem sequer para o do próprio corpo, e a vida de apologista absoluto do frio lhe parecera mesquinha.<sup>205</sup>

<sup>199</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: Seminovela. Op. cit., p. 26.

<sup>200</sup> Idem, ibidem.

<sup>201</sup> Idem, p. 28.

<sup>202</sup> Idem, p. 29.

<sup>203</sup> Idem, ibidem.

<sup>204</sup> FREYRE, Gilberto. *Três histórias mais ou menos inventadas*, op. cit. p. 14.

<sup>205</sup> FREYRE, Gilberto. *O outro amor do Dr. Paulo*: Seminovela. Op. cit., p. 15.

E declara mesmo ao amigo: “Olha, Botelho, esta tua Paris vem estragando o Brasil com esses manequins e com essas bonecas. É por causa deles que tanta brasileirinha morena, tanta Iracema, tanta Ceci vêm oxigenando os cabelos e exagerando o *rouge* do rosto”.<sup>206</sup>

Também fervilham, em *O outro amor*, comparações entre cidades do velho mundo e outras Brasileiras, que teriam as mesmas qualidades e o mesmo valor humano. Parati se torna assim “uma espécie de Lucerna brasileira”<sup>207</sup>; Zurique “[...] uma colmeia onde todos trabalhavam e produziam e alguns juntavam dinheiro. Uma cidade de bancos e de fábricas. Progressista como nenhuma o era mais, naqueles dias, em toda a Europa”<sup>208</sup>, tinha sua correspondente em São Paulo, que, na opinião da Baronesa de Três Barras, futura sogra de Paulo, “parecia estar se tornando uma Zurique brasileira. Uma Zurique muito em começo”.<sup>209</sup>

O trecho mais emblemático acerca da convicção de Paulo na “civilização brasileira”, assim como sua tomada mais firme de partido em favor da tradição em contrapeso à modernização, talvez seja aquele, citado no começo deste trabalho, em que ele descobre o plano de seus futuros sogros de reformarem a velha casa-grande do engenho de Santa Isabel, que lhes pertencia, segundo as últimas modas e tendências de Paris. Paulo “que considerava a casa-grande patriarcal brasileira, tanto quanto a mucama, o pajem, a cozinha, a doçaria, expressões castiças do que ele considerava o nítido e bom começo de uma civilização brasileira, recebeu a notícia com surpresa. E mesmo com certo horror”.<sup>210</sup> Paulo entende não apenas que a arquitetura e a decoração francesas passavam por um péssimo período naquele final de século XIX, mas também que a incorporação das referidas artes estrangeiras pela aristocracia nacional poderia levar à total descaracterização da casa patriarcal, um dos pilares da nossa civilização:

Que estilo de arquitetura estaria impressionando os bons dos Barões para uma reforma da casa de que eram senhores e que vinha, por sua vez, sendo senhora deles? Que revolta, da parte deles, contra tão doce domínio – a de uma boa casa antiga sobre gerações de moradores – seria essa? Por que? Pois eles não tinham permanecido fiéis à Monarquia brasileira e contrários à sua descaracterização numa república imitada de modelos norte-americanos e orientanda por discípulos brasileiros de um Auguste Comte e de um positivismo – o comtiano – de pouco ou quase nenhum prestígio intelectual ou político na França?<sup>211</sup>

Sergio Tavolaro estabelece que “os andaimes sobre os quais se ergue a imagem freyreana da pretensa ‘singularidade tropical brasileira’, seriam

<sup>206</sup> Idem, p. 16.

<sup>207</sup> Idem, p. 82.

<sup>208</sup> Idem, p. 83.

<sup>209</sup> Idem, ibidem.

<sup>210</sup> Idem. p. 179.

<sup>211</sup> Idem, p. 180.

um cenário social indiferenciado (Estado/mercado/sociedade imbricam-se e confundem-se), apenas timidamente “desmagicizado”/secularizado (concepções mágicas de mundo informam a vida cotidiana e as instituições sociais), no qual os âmbitos públicos e privados acham-se entrelaçados (via de regra, à mercê dos interesses privados de pessoas que ocupam posições de maior destaque, poder e prestígio) e, por fim, em que uma natureza bastante peculiar faz valer seu peso sobre os valores, instituições, padrões comportamentais e expressões de cunho estético.<sup>212</sup>

Tavolaro faz, entretanto, um alerta: que tais categorias seriam constituintes do próprio discurso sociológico da modernidade dominante, e seu uso por Freyre acaba resultando em que a despeito de buscar desmontar o protagonismo epistemológico exclusivo da “modernidade anglo-saxônica”, Freyre acaba inadvertidamente reafirmando o estigma da “originalidade brasileira” como uma espécie de “desvio da modernidade central”.<sup>213</sup>

As sucessivas evocações do Brasil pelos seus desterrados, os numerosos paralelismos estabelecidos, podem ser também sintomáticos da tentativa de construir a identidade nacional como um espaço de saudades, tal qual foi feito – e em grande por autores como Alencar, Euclides da Cunha e o próprio Freyre - com o Nordeste. A busca dos textos das seminovelas, especialmente *O outro amor* é também uma busca pela tradição. Ao se resgatar ou inventar as tradições, inventa-se também a nação. Para Freyre, o capitalismo homogeneizador ameaçava destruir as tradições e as especificidades brasileiras, e mais valia para nós encontrar um meio de acomodar modernidade e tradição. Para isto o povo brasileiro estaria bem aparelhado, em virtude da sua capacidade única de “equilibrar antagonismos”, “fazer opositos coexistirem em harmonia”, etc. Para Araújo,

quando Gilberto defende a nacionalidade, o que está efetivamente em jogo não é uma substância específica, mas aquela maneira particularmente híbrida e plástica de combinar as mais diferentes tradições sem pretender fundi-las em uma síntese completa e definitiva: antagonismos em equilíbrio.<sup>214</sup>

Em *Sobrados e mucambos* há a preocupação com a cidade colocar em xeque justamente este tipo de equilíbrio:

Com a urbanização do país, ganharam tais antagonismos uma intensidade nova; o equilíbrio entre brancos de sobrado e pretos, caboclos e pardos livres dos mucambos não seria o mesmo que entre os brancos das velhas casas-grandes e os negros das senzalas. É verdade que ao mesmo tempo que se acentuavam os antagonismos, tornavam-se maiores as oportunidades de ascensão social, nas cidades, para os escravos e para os filhos de escravos, que fossem indivíduos dotados de aptidão artística ou intelectual extraordinária ou

<sup>212</sup> TAVOLARO, Sérgio. Op. cit., p. 314-315.

<sup>213</sup> Idem, ibidem.

<sup>214</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Op. cit., p. 137.

de qualidades especiais de atração sexual. E a miscigenação, tão grande nas cidades como nas fazendas, amaciou, a seu modo, antagonismos entre os extremos.<sup>215</sup>

Araújo acredita que, para Freyre, a casa-grande patriarcal – juntamente com os Paulistas e os Jesuítas – foi o que realmente contribuiu com a unidade nacional. Sua preocupação com os sintomas da urbanização estria, portanto, ligada ao receio de que o *ethos* nacional se desagregasse conforme o patriarcalismo e seu *locus* privilegiado declinavam irreversivelmente. Segundo Rugai Bastos, para Freyre,

a urbanização corresponde a decadência da casa-grande de engenho, à perda de hábitos e costumes que garantiriam a permanência da família em moldes patriarcais. E com ela se perdem funções que exercia como reguladora da ordem social. O processo culmina no século XIX: definitivamente a casa-grande cede lugar ao sobrado urbano. A casa se transforma na sua aparência, na distribuição do espaço, em sua função social. Não mais exerce a tarefa agregadora desempenhada no complexo agrário. Na cidade se isola, se opõe à rua.<sup>216</sup>

A oposição casa-rua equivale à oposição público-privado. Para Freyre, a forma “singular” com a qual os brasileiros amalgamavam estas duas esferas seria um dos nossos trunfos civilizacionais. Ao abrirmos mão disso para receber as benesses da capitalismo burguês, sofreríamos um grande prejuízo. Prejuízo que, quem sabe, não nos teria dado a abolição. Pois pensar a civilização brasileira em suas especificidades era, para autores como Alencar e Freyre, indissociável de se pensar a escravidão. Talvez, na literatura de Freyre, se insinue a opinião – análoga a Alencariana – de que a emancipação levada a cabo pela lei era aberrante. Que seríamos a primeira nação a encontrar uma saída para o cativeiro que não fosse a ruptura forçada pelo Estado nem a violência: a generosidade de nossa sociedade senhorial “singular” iria alforriar a todos um dia, talvez. A doçura no tratamento dispensado aos escravos compensaria sua condição de escravos. A lógica se inverte, e o escândalo deixa de ser a escravidão – última a ser abolida num país da América – e passa a ser a abolição “precipitada”, “mal planejada”, etc. Um processo levado a diante para se enquadrar em padrões internacionais importados, estranhos a nossa realidade “legítima”, que nos forçávamos a abraçar apenas para ostentar nossa adesão a uma modernidade em relação à qual, se buscássemos em nosso passado colonial, tínhamos uma alternativa supostamente muito superior. Aqui convém lembrarmos do alerta que nos faz Moema Selma D’andrea, quando observa que a reivindicação que fazem os tradicionalistas, de estarem defendendo uma cultura genuinamente brasileira,

---

<sup>215</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Op. cit., p. 270.

<sup>216</sup> RUGAI BASTOS, Elide. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. Op. cit., 2003, p. 56.

repousa no mito colonizador; no passado de além-mar; na dependência de uma tradição cultural imposta, assimilada e totalmente acrítica. O manejo ideológico torna-se eficaz quando, mercê de uma identificação com o colonizador, elege-se o passado como autenticamente brasileiro.<sup>217</sup>

A autora está se referido de forma generalizada a boa parte dos escritores regionalistas animados por Freyre nas décadas de 1930-40, mas os motivos são precisamente aqueles que encontramos na representação da civilização “ideal” de *O outro amor*. O momento em que Paulo se horroriza com os planos dos barões de modernizar sua velha casa-grande autenticamente patriarcal é ilustrativo da escala de valores dada pelo romance, mas fica bem claro, também, que junto com as velhas casas grandes havia muito mais na sociedade que o autor – e aqui falamos de Freyre – não gostaria de ver modernizado. As relações de subordinação certamente são uma delas.

---

<sup>217</sup> D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta* Gilberto Freyre e a literatura regionalista. Campinas: Editora UNICAMP, 1992, p. 43.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ficção de Gilberto Freyre mostra-se, em diversos pontos, uma produção distinta de seus demais ensaios interpretativos. Mais do que todos eles, dialoga sem cessar com as escritas romanesca e romântica e suas possibilidades. Freyre cria um narrador-personagem com o qual tenta se representar na narrativa, mas ao mesmo tempo construir uma alteridade em relação a personagens com os quais ele também se identifica, tais quais Paulo Tavares. Embora reclame para si – reivindicação endossada por alguns de seus analistas mais entusiasmados – o papel de renovador das letras, com a fundação de um novo gênero literário – a seminovela -, o que pudemos apurar foi que Freyre dialoga com o que existe de mais tradicionalmente romanesco – e romântico – , tanto na literatura universal quanto na brasileira. Existe na obra freyreana um apelo recorrente aos motivos anteriormente visitados por nossos autores românticos, especialmente José de Alencar. As seminovelas, por serem romances, expõe de forma mais evidente este diálogo. É digno de nota que ambos os autores, separados por quase um século, buscam a literatura numa fase de isolamento – político no caso de Alencar, intelectual, no caso de Freyre – e enxergam na literatura uma ferramenta para dar uma forma nova a suas ideias, que lhes permitam revigorar debates nos quais, para diversos observadores, eles surgem como vencidos. Esses debates, na verdade, podem muito bem ser uma mesma questão, ou questões muito semelhantes: Alencar era um crítico da intromissão do Estado na questão da abolição; esse seria um assunto da alçada das famílias. O Brasil teria, em relação ao restante das sociedades escravistas da mesma época, o privilégio de uma docura que perpassava as relações entre Senhores e escravos, o que daria ensejo a um processo de emancipação alavancado pela generosidade e filantropia da classe senhorial. A ideia, embora seja estapafúrdia para nós, era algo comum no século XIX em nossa sociedade, e parece ter sido defendida, ao menos em parte, por Gilberto Freyre até o fim de seus dias. Isso explica o ceticismo de seu herói Paulo Tavares em relação à lei Aurea e o tom de deboche com que a abolição é tratada nas duas narrativas, ao mesmo tempo em que é reforçada a ideia do bom tratamento dado aos escravos domésticos através de personagens como Luzia, Rosa, Gabriel e Inácia.

Freyre entendia que o romantismo de Alencar fora uma tentativa – não inteiramente bem sucedida – de criar uma literatura genuinamente brasileira que não fosse marcada pela tentativa de imitar estilos e autores estrangeiros. Era bem possível, dado todo o reconhecimento que angariou dentro e fora do Brasil que Freyre se percebesse como apto a realizar novamente a tentativa na qual Alencar não lograra êxito. Talvez seja esta a razão pela qual ele reivindicava

o romantismo como central para o debate modernista no Brasil. Mas não era apenas com a questão da originalidade literária que Freyre estava preocupado quando pensava no romantismo e em Alencar. Ele observava a questão da importância dos vínculos de subordinação na nossa sociedade. Para ele – assim como para Alencar – a preservação destes vínculos era fundamental para o sucesso de nossa civilização tropical. Pensar o Brasil significava pensar a escravidão. Não há representação fiel da realidade nacional, nem obra que possa aspirar ser consagrada por nosso cânone literário, que não reflita em alguma medida sobre esse problema e seus efeitos em nossa sociedade.

Os textos das seminovelas também estão carregados de elementos autobiográficos. Muitos se concentram na figura do narrador-personagem, mas vários outros se distribuem pelos demais personagens documentados por este narrador ou com os quais ele interage. Sua produção de textos autorreferenciais – a fabricação da própria memória – foi particularmente intensa no período próximo à publicação das seminovelas. Também parte da obra de Freyre tem características autobiográficas. Seus ensaios podem ser entendidos como autobiografias coletivas da sociedade patriarcal brasileira, e *Ordem e progresso* foi, inclusive, montado com autobiografias de indivíduos do período do qual se ocupa. Freyre cultivava a visão – emprestada de Carlyle – de que a história seria a essência de inúmeras biografias. Assim, ele valorizava a escrita biográfica, não apenas como prática por ele mesmo cultivada, mas também como fonte para seus trabalhos de descrição, análise e interpretação. As seminovelas são uma reflexão sobre a prática mesma do escritor; neste sentido, não apenas autobiográficas – um escritor falando de si – mas também metaliterárias: a literatura de ficção relatando a si própria, analisando a si mesma.

A diligência e o gosto em documentar a própria vida, além de marca pessoal de Freyre, podem estar associadas a sua autoafirmação como escritor e ao seu entendimento da importância da instituição do autor em nosso cânone literário: os textos consagrados carregavam a marca da vida de seus escritores. Ao saber-se quem eram, de onde vinham, percebia-se com que autoridade falavam do Brasil que representavam. Ao mesmo tempo, em Freyre, tais marcas denunciavam claramente o estrato ao qual pertencia e pelo qual falava: a aristocracia açucareira falida de Pernambuco. Esta não é, contudo, o único motivo para que Freyre escreva como escreveu. Em sua obra, diversas referências de formação acadêmica, de interlocuções literárias e de aspectos de vida e trajetória se cruzam, gerando textos de razoável complexidade. Fica claro, porém, que Freyre se põe a articular opiniões, hipóteses e mesmo teorias através de personagens aos quais vai imprimindo traços de sua própria vida.

Além do romance e da autobiografia, o terceiro modo de discurso relevante com o qual as seminovelas se colocam em contato é o do ensaio. O ensaio foi, talvez, a modalidade de escrita na qual Freyre mais se destacou. No caso da seminovelas, o ensaísmo freyreano parece ter adotado a temática da modernidade como tema central. Os textos tentam convencer o leitor de que, nos trópicos, instalou-se uma forma singular e mesmo melhor de modernidade; esta ideia da singularidade ou exclusividade da civilização tropical brasileira lembra as reivindicações e ambições do romantismo literário. Ao mesmo tempo, os romances de Freyre fazem uma descrição meticulosa da sociedade brasileira no período de transição entre monarquia e república e entre trabalho escravo e trabalho livre. Os personagens inventados por Freyre tomam parte nesta descrição, emitindo opiniões que, em maior ou menor grau, parecem refletir as do próprio autor.

Muitos foram os caminhos e descaminhos com os quais nos deparamos no curso desta pesquisa. Eles alteraram significativamente nossa proposta inicial de trabalho; o resultado final, entretanto, não nos parece insatisfatório. O grande volume de trabalhos referentes ao nosso objeto pertence, em geral, a outras áreas do conhecimento, em especial os estudos literários e as ciências sociais. Parte da contribuição esperamos dar consiste em agregando a suas interpretações algumas outras; mais significativamente, a análise das posições conservadores de Freyre: sua insistência em negar conflitos raciais na sociedade em que vivia, nas décadas de 1960-1970 e seus continuados ataques ao abolicionismo “da forma como foi feito no Brasil”: insistindo que foi precoce, mesmo tendo sido o mais tardio do mundo ocidental, ou insinuando, reiteradamente, que os negros eram mais felizes como cativos do que o seriam como trabalhadores livres. Freyre usa as seminovelas para pintar, de forma impressionista e carregando nas cores, um quadro idealizado de Brasil que ia desaparecendo no final do século XIX: o Brasil dos pais e avós de Freyre, que estava sendo substituído pelo Brasil republicano, cada vez mais urbanizado e aberto a influências ocidentais. Freyre rechaça esta receptividade aos ocidentalismos “da moda”, exaltando o legado colonial e os contatos de nossa cultura com o mundo “oriental” – e na obra de Freyre isso que dizer principalmente os mundos africano e árabe.

Diversas lacunas, entretanto, permanecem. Limitações de tempo e de acesso a fontes impediram que tópicos importantíssimos fossem abordados ou melhor desenvolvidos. Nosso desejo é que o caminho esteja aberto para investigações mais amplas acerca de um objeto que, a despeito da passagem dos anos, não perdeu sua relevância.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

#### Objetos de estudo

- FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*: Seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964, 1<sup>a</sup> edição.
- \_\_\_\_\_. *O outro amor do Dr. Paulo*: Seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, 1<sup>a</sup> edição.

#### Literatura e estudos de Gilberto Freyre

- FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*: sugestões em torno de possíveis futuros do homem em geral e do homem brasileiro em particular. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Arte, ciência e trópico*. São Paulo: Martins, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Assombrações do recife velho*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968.
- \_\_\_\_\_. *De menino a homem*: De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. Recife: Global, 2010, 1<sup>a</sup> edição.
- \_\_\_\_\_. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.
- \_\_\_\_\_. *Homem, cultura e trópico*. Recife: imprensa universitária, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Heróis e vilões no romance brasileiro*. São Paulo: Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Ingleses no Brasil*: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- \_\_\_\_\_. *O Brasileiro entre outros hispanos*: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas interrelações. Riode Janeiro: José Olympio, 1975.
- \_\_\_\_\_. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: imprensa universitária, 1963.
- \_\_\_\_\_. *O Luso e o trópico*. São Paulo: realizações, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Ordem e Progresso*. São Paulo: Global 2004.
- \_\_\_\_\_. Prefácio à 13<sup>a</sup> edição. In: *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Prefícios desgarrados, vol I e II*. Rio de Janeio: Editora Cátedra, 1973.

- \_\_\_\_\_. *Reinterpretando José de Alencar*. Rio de Janeiro: Departamento de imprensa nacional, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Global, 2004.
- \_\_\_\_\_. Social life in Brazil in the middle of the Nineteenth Century. *The Hispanic American Historical Review*, v. 5, 1922.
- \_\_\_\_\_. *Talvez poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Tempo morto e outros tempos*: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, 1<sup>a</sup> edição.
- \_\_\_\_\_. *Três histórias mais ou menos inventadas*. Brasília: Editora UNB; São Paulo: imprensa oficial, 2003.

### Literatura

ALENCAR, José de. *Cinco minutos; a Viuvinha*. São Paulo: Ática, 1975.

- \_\_\_\_\_. *Como e porquê sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O demônio familiar*. Comédia em quatro atos. Campinas, Ed. Da Unicamp, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O Guarani*. São Paulo: FTD, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Senhora*. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Til*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Egéria, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Dom Casmurro*. São Paulo: Egéria, 1978.
- SÊNIO. *O tronco do ipê*. Rio de Janeiro, Editor proprietário B. L. Garnier, 1871.

### Correspondência

CASTRO GOMES, Angéla de (org.). *Em Família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

### Jornais e revistas

NOBLAT, Ricardo. *Playboy entrevista Gilberto Freyre*. São Paulo, 5 (56), mar. 1980: p. 27-34.

### Demais obras de referência

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Massananga, São Paulo: Cortez, 1999

AGGIO, Alberto. *Um lugar no mundo*: Estudos de história política latino-americana. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrogildo Pereira (FAP), 2015.

- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-grande & senzala* e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In KOTHE, Flávio R. *Textos de Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*: Representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia, 1980.
- CÂNDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. São Paulo: perspectiva, 1964.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Apresentação”. In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, Roger. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: casa da palavra, 2002.
- COSTA LIMA, Luiz. *A Aguarrás do tempo: Estudos sobre narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- \_\_\_\_\_. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- COUTINHO, Edilberto. *A imaginação do real: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re (des) coberta* Gilberto Freyre e a literatura regionalista. Campinas: Editora UNICAMP, 1992.
- DA MATTA, Carmen Fátima Henriques. *Gilberto Freyre e a literatura: em torno do seu ensaísmo, ficções e método interpretativo*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.
- DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre, entre história e ficção*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/EDUSP. 2006.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FAÇANHA, Dayana. *Política e escravidão em O tronco do ipê, de José de Alencar : o surgimento de Sênio e os debates em torno da emancipação, 1870-1871*. Dissertação de mestrado, Campinas, Unicamp/IFHC, 2014.
- FALCÃO, Joaquim. A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa (Orgs.) *O imperador das ideias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- FONTES, Virginia. “História e modelos”. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 355-374; 498-501.

GAY, Peter. *O estilo na História*: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GENNETE, Gerard. *Seuil*. Paris: Seuils, 1987.

HARLAM, David. A História Intelectual e o Retorno da Literatura. In: RAGO e OLIVEIRA (org.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: UNICAMP, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006.

LACAPRA, Dominick. *History & criticism*. New York: Cornell University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. *History, Politics and the novel*. New York: Cornell University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Repensar la historia intellectual y leer textos. In: PALTI, Elias José. “*Giro lingüístico*” y *historia intellectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

LANGLOIS, Charles; SEIGNOBOS, Charles. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Renascença, 1946.

LARRETA, Enrique Rodriguez; GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre, uma biografia cultural*: a formação de um intelectual brasileiro (1900-1936). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LEAL, Cesar. A imagem visual na expressão literária de Gilberto Freyre. In: *Três histórias mais ou menos inventadas*. Brasília: Editora UnB. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

LEJEUNE, Phillippe. *O pacto autobiográfico*: De Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LUKÁCS, Georg. *A alma e as formas*. São Paulo: Ática, 2015.

LYON-CAEN, Judith. In GRANGER, Christophe. *À quoi pensent les historiens ? Faire de l'histoire au XXIe siècle*. Paris : Éditions Autrement, 2013

MESQUITA, Gustavo. *Gilberto Freyre e o Estado Novo*: região, nação e modernidade. São Paulo: Global, 2018.

MEUCCI, Simone. *Artesania da Sociologia no Brasil*: Contribuições e interpretações de Gilberto Freyre. Curitiba: Appris, 2015.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*: prosa I. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.

NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história*: a viagem, a memória, o ensaio: sobre *Casa-grande & senzala* e a representação do passado. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre*: um vitoriano nos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005. <https://doi.org/10.7476/9788539303083>.

\_\_\_\_\_. *Repensando os trópicos*: um retrato intelectual de Gilberto Freyre. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

PALTI, Elías José (org.). “*Giro lingüístico*” y *história intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

PEREIRA, Leonardo A. de M. “A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do Império”. In: GRINBERG, Keila e SALLÉS, Ricardo (orgs). *O Brasil Imperial*, vol III: 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. pp. 273-312.

POCOCK, John G. A.. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: USP, 2003.

ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac-Naify, 2007.

ROSA, João Guimarães. Guimarães Rosa escreve sobre *Dona Sinhá e o filho padre*. In: Freyre, Gilberto. *Dona Sinhá e o filho padre*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, 2ª edição.

RUGAI BASTOS, Elide. *As criaturas de prometeu*. Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. São Paulo: Global 2006.

\_\_\_\_\_. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. São Paulo: Edusc, 2003.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: *Artesania da Sociologia no Brasil: Contribuições e interpretações de Gilberto Freyre*. Curitiba: Appris, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

VARGAS LLOSA, Mario. *La verdad de las mentiras*. Madrid: Punto de Lectura, 2002.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São paulo: EDUSP, 1994.

## Publicações em periódicos

ALVES CRISTOVÃO, Fernando. A ficção de Gilberto Freyre como produto de sua obra sociológica. In: *Ciência & Trópico*. Recife: 1984. Disponível em <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/362>> Acesso em: 03 set. 2018.

ALVES, Naiara. Um outro Gilberto: em torno da modernidade e dos sentimentos por ela despertados. In: *Breviário de filosofia pública*, nº 117.

ALVES RIBEIRO, Rodrigo. Dona Sinhá e o Filho Padre: O modo Gilberto Freyre de fazer literatura. In: BRAGA OLIVEIRA, Camila A. et al. (org.). *Caderno de resumos e anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: Biografia e história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP, 2011. Disponível em:

<<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/sngh/2011/paper/viewFile/954/323>>. Acesso em: 12 out. 2015.

ARRUDA, Maria Armínia do Nascimento. A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’. In: MICELI, S. *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Fapesp, 1995, v. 2.

AUREL, Jaume. Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel. *História (São Paulo)*. Tradução de: Wilton Silva. São Paulo, v.33, n.1, p. 340-364, jan./jun. 2014. <https://doi.org/10.1590/S0101-90742014000100016>.

AVILA, Arthur de Lima. “Povoando o presente de fantasmas”: feridas históricas, passados presentes e as políticas do tempo de uma disciplina. *Expedições: teoria da história e historiografia*. Goiânia, ano 7, n 2, p. 189-209. Ag.-dez. De 2016.

BENSE, Max. *O ensaio e sua prosa*. Tradução de TITAN JR., Max. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/?fbclid=IwAR0WtBAbMNwkXcGXf87ujgJioLEGtzHHAd2-QPrWWbyrcOi0h88y7tJkv8>. Último acesso em 22/05/2019.

JABLONKA, Ivan. O terceiro continente. *ArtCultura*. Tradução de Alexandre de Sá Avelar. Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 9-17, jul.-dez. 2017. <https://doi.org/10.14393/ArtC-V19n35-2017-2-01>.

LEIROZ, Flávia. Ego-escritos: possíveis alternativas de produção teórica. *XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008.

MAIO CHOR, Marcos. O projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil nos anos 40 e 50. In, *Revista brasileira de ciências sociais*, vol 14, nº 41, outubro, 1999, p. 141-158.

RUGAI BASTOS, Elide. Gilberto Freyre: a cidade como personagem. *Sociol. Antropol.*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 135-159, Junho 2012 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-38752012000300135&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752012000300135&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 01 Sept. 2018.

ROCHA, Fernando de Souza. A conexão Alencar-Freyre: “comos” e “porquês” em duas narrativas de formação. In *Revista virtual de Letras*, nº 2.

SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O espírito da aldeia: orgulho ferido e vaidade na trajetória intelectual de Gilberto Freyre. *Novos estudos Cebrap*. N. 27, 1993.

SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(1): 69-100, maio de 2000, p. 69-100.

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? Tradução de Bruna Torlay. *Remate de males*, Campinas, 2011. <https://doi.org/10.20396/remate.v31i1-2.8636219>.

TAVOLARO, Sérgio B. F. Gilberto Freyre e nossa “modernidade tropical”: entre a originalidade e o desvio. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 15, no 33, mai./ago. 2013, p. 282-317. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222013000200010>

VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*. v. 1, n. 2, 1988.